UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO

DANIELA BORGES BITTAR

Violência simbólica entre adolescentes nas relações afetivas do namoro e a rede de apoio social

Ribeirão Preto
2015

DANIELA BORGES BITTAR

Violência simbólica entre adolescentes nas relações afetivas do namoro e a rede de apoio social

Tese apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutor em Ciências, Programa de Pós-Graduação Enfermagem em Saúde Pública.

Linha de pesquisa: Assistência à saúde da mulher no ciclo vital.

Orientador (a): Profa. Dra. Ana Márcia Spanó Nakano.

Ribeirão Preto

2015

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Bittar, Daniela Borges

Violência simbólica entre adolescentes nas relações afetivas do namoro e a rede de apoio social. Ribeirão Preto, 2015.

152 p. : il. ; 30 cm

Tese de Doutorado, apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Assistência à saúde da mulher no ciclo vital.

Orientadora: Nakano, Ana Márcia Spanó.

1. Violência. 2. Saúde do adolescente. 3. Apoio social. 4. Dominação-Subordinação. 5. Relações familiares. 6. Enfermagem.

BITTAR, Daniela Borges

Violência simbólica entre adolescentes nas relações afetivas do namoro e a rede de apoio social

Tese apresentada à Escola de
Enfermagem de Ribeirão Preto da
Universidade de São Paulo para a
obtenção do título de Doutor em Ciências,
Programa de Pós-Graduação
Enfermagem em Saúde Pública.

Aprovada em: ____ / ____ / ____

Comissão Julgadora

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

DEDICATÓRIA

*À minha filha Luíza, minha princesa, que me
enche de luz e amor.*

*Ao meu marido, Daniel, sempre ao meu lado,
apoiando-me e fazendo o seu melhor.*

*Aos queridos e simpáticos adolescentes que
contribuíram na construção deste trabalho.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, nosso grandioso Pai, que nos sustenta frente às dificuldades da vida, por ter me proporcionado a realização deste sonho.

À minha filha Luíza, por cada sorriso incentivador; e ao meu marido, Daniel, por se preocupar com meus estudos e me apoiar diariamente.

À minha família, Norma Bitar, minha mãe, Lindomar Bitar, meu pai, Dayana Bittar, minha irmã, e Deivid Bittar, meu irmão, os quais são minha raiz, meu alicerce nessa vida.

À Profa. Dra. Ana Márcia Spanó Nakano, minha querida orientadora, pela confiança, generosidade, compreensão nos momentos turbulentos que a vida nos apresenta, pelo respeito, carinho e incentivo na minha formação como pesquisadora.

Às professoras Maria das Graças Bomfim de Carvalho e Marta Angélica Iossi Silva, que contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho em meu exame de qualificação.

Aos adolescentes que participaram dessa pesquisa, direção e professores da Escola Estadual Otoniel Mota, por me receberem tão bem e compartilharem comigo uma parte de suas vidas, tornando esse trabalho possível.

À bibliotecária da Biblioteca Central da Universidade de São Paulo, pela colaboração nas correções das citações e referências.

À Kelly Cristina Tannihão, pela contribuição nas correções do português.

Aos docentes e funcionários da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, em especial ao Programa de Pós-Graduação Enfermagem em Saúde Pública, especialmente à Shirley Figueiredo.

À Joelma, uma amiga de muitos anos, que sempre me dá força e apoio sincero nos caminhos que escolho trilhar.

Às amigas muito queridas e presentes em minha vida: Daniela Daltoso, Ana Paula e Patrícia Maioque.

E a todos os demais amigos, cujos nomes prefiro não citar para não cometer nenhuma injustiça.

Devemos encarar as ideias, atitudes e valores como outros tantos fatos culturais e continuar a agir de acordo com aqueles que definem os nossos compromissos pessoais. Devemos ver a sociedade como objeto e experimentá-la como sujeito. Tudo o que dizemos, tudo o que observamos e tudo o que fazemos e até o simples cenário físico têm, ao mesmo tempo, que formar a substância de nossa vida pessoal e servir de grão para nosso moinho analítico.

Geertz, 2001.

RESUMO

BITTAR, Daniela Borges. **Violência simbólica entre adolescentes nas relações afetivas do namoro e a rede de apoio social**. 2015. 152 f. Tese (Doutorado) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2015.

Este estudo tem como objetivo compreender como os adolescentes significam suas relações afetivas e situações de conflito/violência no namoro, bem como a participação da rede de apoio social em seu enfrentamento. O cenário em que essa violência eclode é caracterizado pela vigência da ideologia machista entremeando as relações de gênero, tendo como resultante a naturalização da dominação masculina como forma de violência simbólica. A relevância do presente estudo é trazer subsídios para elaborar estratégias que considerem o contexto de socialização dos adolescentes, abrindo espaços para novas articulações, capazes de recompor as fronteiras entre papéis, funções e qualidades para cada gênero, modificando as atuais ideologias. O referencial teórico-metodológico utilizado é inspirado na teorização de Pierre Bourdieu sobre poder, violência e dominação simbólica; incorporando-se as referências conceituais de gênero de Joan Scott, muito imbricadas no processo de análise. A abordagem qualitativa possibilitou apreender a complexidade do fenômeno estudado, e o recorte empírico foi constituído por 19 adolescentes, de ambos os sexos, que se encontravam na faixa etária de 15 a 19 anos, cursando o 2º ano do ensino médio de uma escola estadual de Ribeirão Preto/SP, no ano letivo de 2014. Para a construção dos dados, foram utilizados o grupo focal, a entrevista e o Diagrama de Escolta Social, respeitando-se os aspectos éticos para o desenvolvimento de pesquisas com seres humanos e iniciando a construção dos dados somente após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP. Por meio do método de interpretação de sentidos, baseado na perspectiva hermenêutico-dialética, deu-se a análise dos dados e depreenderam-se três categorias temáticas centrais com seus respectivos núcleos de sentido: **Os significados das relações afetivas dos adolescentes** (*Os sentidos de ficar e namorar e suas relações com ciúme, gênero e violência simbólica; Isolamento social – “se você não pode o outro também não pode”*), **(Des)igualdades de gênero no namoro: da (des)construção da violência simbólica à expressão de outras formas de violência** (*Posicionamento da mulher frente à dominação masculina; As situações de violências física, sexual e psicológica no namoro: quem realmente é o agressor?*), **A (re)estruturação da família e sua função na rede de apoio social do adolescente** (*O mosaico familiar do adolescente contemporâneo e a funcionalidade da família como rede de apoio; Participação da família nos processos sexuais e reprodutivos do adolescente; Violência intrafamiliar – naturalização*). Entendemos que atuar sobre a origem da violência já no início dos relacionamentos dos adolescentes talvez seja a melhor forma de combatê-la ou minimizá-la. Os desafios são muitos: enfrentamento de políticas, profissões e disciplinas historicamente setoriais, fragmentadas e parcializadas; enfrentamento dos modelos hegemônicos de gênero, fortemente naturalizados no senso comum; e a inclusão de adolescentes e famílias em um debate que envolve valores, intimidades e mudança de crenças. Apesar dos desafios, pretendemos instigar a reflexão e a discussão para o combate deste tipo de violência, visando ainda à democratização das relações de gênero e à prevenção da violência conjugal.

Palavras-chave: Violência. Saúde do adolescente. Apoio social. Dominação-Subordinação. Relações familiares. Enfermagem.

ABSTRACT

BITTAR, Daniela Borges. **Symbolic violence among adolescents in emotional dating relationships and the social support network**. 2015. 152 p. Dissertation (Doctoral) - University of São Paulo at Ribeirão Preto College of Nursing, Ribeirão Preto, 2015.

This study aimed to understand how adolescents internalize their emotional relations and conflict/violence situations in dating relationships, as well as the participation of the social support network in coping with it. The scenario in which this violence breaks out is characterized by the force of sexist ideology interspersing gender relations, resulting in the male domination being considered natural and as a form of symbolic violence. The relevance of this study is to provide support to develop strategies that consider the context of socialization of the adolescents, creating room for new articulations able to restore the boundaries among roles, functions and qualities for each gender, modifying the current ideologies. The theoretical framework used is inspired by the theory of Pierre Bourdieu on power, violence and symbolic domination, incorporating the conceptual references of gender by Joan Scott, much intertwined in the analysis process. The qualitative approach enabled grasping the complexity of the phenomenon studied and the empirical design was made up of 19 adolescents, of both sexes, aged 15 to 19 years, attending the 2nd year of a public high school in the city of Ribeirão Preto, state of São Paulo, in the academic year of 2014. Focus group, interview and the Social Convoy Diagram were used for data collection, considering the ethical aspects for human research development and starting the data collection only after approval by the Research Ethics Committee of the University of São Paulo at Ribeirão Preto College of Nursing. Data analysis was carried out using the method of interpretation of meanings, based on the hermeneutic-dialectic perspective, and three central thematic categories were identified with their respective units of meaning: **The meanings of the emotional relationships of adolescents** (*The meanings of making out and dating and their relationships with jealousy, gender and symbolic violence; Social isolation - "if you cannot the other also cannot"*), **Gender (in)equalities in dating relationships: from the (de)construction of symbolic violence to the expression of other forms of violence** (*Women's position in face of the male domination; Situations of physical, sexual and psychological violence in dating: who really is the aggressor?*), **Family (re)structuring and its role in adolescents' social support network** (*The family mosaic of contemporary adolescents and the functionality of the family as a support network; Family participation in adolescents' sexual and reproductive processes; Intra-family violence - naturalization*). It is understood that acting on the source of violence at the beginning of adolescents' relationships may be the best way to fight or minimize it. Several challenges are recognized, such as the following: coping with policies, professions and subjects that are historically sectorial, fragmented and partial; confronting the hegemonic gender models, which are strongly considered as natural by the common sense; and the inclusion of adolescents and families in a debate that involves values, intimacy and changing beliefs. Despite the challenges, the study intends to instigate reflection and debate to combat this type of violence, also seeking the democratization of gender relations and the prevention of conjugal violence.

Keywords: Violence. Adolescent health. Social support. Dominance-Subordination. Family relations. Nursing.

RESUMEN

BITTAR, Daniela Borges. **La violencia simbólica entre los adolescentes en las relaciones afectivas de noviazgo y la red de apoyo social**. 2015. 152 h. Tesis (Doctorado) - Escuela de Enfermería de Ribeirão Preto de la Universidad de São Paulo, Ribeirão Preto, 2015.

Este estudio tuvo como objetivo comprender cómo los adolescentes interiorizan sus relaciones afectivas y situaciones de conflicto/violencia en el noviazgo, así como la participación de la red de apoyo social en su enfrentamiento. El escenario en el que esta violencia se inicia está caracterizado por la expresión de la ideología sexista en medio a las relaciones de género, que resulta en la naturalización de la dominación masculina como una forma de violencia simbólica. La relevancia de este estudio es proporcionar auxilio para el desarrollo de estrategias que tengan en cuenta el contexto de la socialización de los adolescentes, lo que permitirá impulsar nuevas articulaciones capaces de restaurar las fronteras entre los roles, funciones y cualidades de cada género, modificando las ideologías actuales. El marco teórico-metodológico utilizado se inspira en la teoría de Pierre Bourdieu sobre el poder, la violencia y la dominación simbólica, con incorporación de las referencias conceptuales de género de Joan Scott, que están muy entrelazadas en el proceso de análisis. El enfoque cualitativo permitió comprender la complejidad del fenómeno estudiado. El recorte empírico se formó por 19 adolescentes, de ambos sexos, con edad comprendida entre 15 y 19 años, que asistían al segundo año de la secundaria en una escuela pública de la ciudad de Ribeirão Preto, estado de São Paulo, en el año académico de 2014. Para la construcción de los datos se utilizó el grupo focal, la entrevista y el Diagrama de Escolta Social, respetando los aspectos éticos para el desarrollo de investigación con seres humanos, con la recolección de los datos sólo después de la aprobación del Comité de Ética en Investigación de la Escuela de Enfermería de Ribeirão Preto de la Universidad de São Paulo. Utilizando el método de interpretación de significados, basado en la perspectiva hermenéutica-dialéctica, se realizó el análisis de los datos con identificación de tres categorías temáticas centrales y sus respectivas unidades de significación: **Los significados de las relaciones afectivas de los adolescentes** (*Las significaciones de enrollarse con alguien y noviar y sus relaciones con el celo, el género y la violencia simbólica; El aislamiento social - "si no puedes la otra persona no puede"*), **(Des)igualdades de género en el noviazgo: de la (des)construcción de la violencia simbólica a la expresión de otras formas de violencia** (*Posicionamiento de la mujer frente a la dominación masculina; Las situaciones de violencias física, sexual y psicológica en el noviazgo: quien es realmente el agresor?*), **La (re)estructuración de la familia y su papel en la red de apoyo social del adolescente** (*El mosaico familiar del adolescente contemporáneo y la funcionalidad de la familia como una red de apoyo; La participación de la familia en los procesos sexuales y reproductivos del adolescente; La violencia intrafamiliar - naturalización*). Se entiende que actuar sobre el origen de la violencia en el inicio de las relaciones de los adolescentes puede ser la mejor manera de luchar contra ella o minimizarla. Los retos son muchos: el afrontamiento de políticas, profesiones y temas históricamente sectoriales, fragmentados y parcializados; hacer frente a los modelos hegemónicos de género, fuertemente naturalizados en el sentido común; y la inclusión de los adolescentes y familias en un debate que involucra valores, la intimidad y el cambio de creencias. A pesar de los desafíos, el estudio tiene la intención de instigar a la reflexión y discusión para combatir este tipo de violencia, buscando también la democratización de las relaciones de género y la prevención de la violencia conyugal.

Palabras clave: Violencia. Salud del adolescente. Apoyo social. Dominación-Subordinación. Relaciones familiares. Enfermería.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ilustração do Diagrama de Escolta Social.....	59
Figura 2 – Ilustração dos bonecos do Diagrama de Escolta Social.....	60
Figura 3 – Resumo dos aspectos estruturais e funcionais da rede de apoio	60
Figura 4 – Tipos de apoio recebidos e fornecidos pelos adolescentes	61
Figura 5 – Rede de apoio social do interlocutor 13	68

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
CNS	Conselho Nacional de Saúde
DST	Doenças Sexualmente Transmissíveis
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EERP	Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto
MS	Ministério da Saúde
OMS	Organização Mundial da Saúde
OPAS	Organização Pan-americana da Saúde
USP	Universidade de São Paulo
WHO	World Health Organization

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	15
1 INTRODUÇÃO	18
2 OBJETIVOS	24
2.1 Geral	24
2.2 Específicos.....	24
3 DELINEAMENTO DO OBJETO DE ESTUDO	26
3.1 O ser adolescente nas relações afetivas e a construção das identidades de gênero	26
3.2 As várias faces da violência.....	30
4 MARCO TEÓRICO CONCEITUAL.....	38
4.1 Violência de gênero	38
4.2 O poder, a violência e a dominação simbólica.....	40
4.3 A família como componente da rede de apoio social.....	46
5 PRESSUPOSTOS	51
6 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA	53
6.1 Tipo de estudo	53
6.2 Contexto do estudo.....	53
6.2.1 Campo de estudo.....	53
6.2.2 Interlocutores do estudo.....	55
6.3 Construção dos dados	55
6.3.1 Grupo Focal	56
6.3.2 Entrevista	57
6.3.3 Diagrama de Escolta Social	58
6.4 Análise dos dados.....	61
6.5 Aspectos éticos da pesquisa.....	64
7 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	66
7.1 Caracterização dos interlocutores do estudo	66

7.1.1 Características socioeconômicas.....	66
7.1.2 Características estruturais e funcionais da rede de apoio social dos adolescentes.....	67
7.2 Os significados das relações afetivas dos adolescentes	71
7.3 (Des)igualdades de gênero no namoro: da (des)construção da violência simbólica à expressão de outras formas de violência	81
7.4 A (re)estruturação da família e sua função na rede de apoio social do adolescente	91
 8 RELAÇÕES AFETIVAS NO NAMORO ENTRE ADOLESCENTES: AS DIFERENTES FACES DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA	108
 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	114
 REFERÊNCIAS	117
 APÊNDICES.....	138
APÊNDICE A — TRIAGEM DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA	138
APÊNDICE B — ROTEIRO NORTEADOR DA ENTREVISTA ABERTA.....	139
APÊNDICE C — Figuras e perguntas disparadoras da discussão do Grupo Focal.....	140
APÊNDICE D — TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA O RESPONSÁVEL PELO PARTICIPANTE MENOR DE 18 ANOS	143
APÊNDICE E — TERMO DE ASSENTIMENTO.....	145
APÊNDICE F — TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA O PARTICIPANTE MAIOR DE 18 ANOS	147
 ANEXOS.....	150
ANEXO A — Declaração à instituição co-participante	150
ANEXO B — Autorização da Diretoria de Ensino da Região de Ribeirão Preto para a pesquisa.....	151
ANEXO C — Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa	152

Apresentação

APRESENTAÇÃO

O presente estudo tem como foco a violência durante as relações de namoro dos adolescentes. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, a qual possibilita a apreensão da complexidade do fenômeno a ser estudado, em que se compreenderá como os adolescentes significam suas relações afetivas e situações de conflito no namoro, bem como a participação da rede de apoio social em seu enfrentamento.

Minha aproximação com a realidade contextual da violência ocorreu nos anos de 2006 e 2007, quando cursei a Residência em Enfermagem Obstétrica e Neonatal pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo – EERP/USP, logo após me formar, em dezembro de 2005, na Universidade Federal do Triângulo Mineiro.

Neste período, atuava como enfermeira residente em uma maternidade pública de Ribeirão Preto, onde era comum deparar-me com tristes histórias de mulheres em situação de violência intrafamiliar e uso de drogas.

Diante desse contexto, com meu ingresso no Mestrado pelo Programa de Enfermagem em Saúde Pública da EERP/USP, em 2008, após terminar a residência, passei a investigar tal temática. Atuando em um projeto voluntário junto a um programa de recuperação de famílias de crianças abrigadas por sofrerem violência — muitas vezes cometida por suas próprias mães — encontrei-me frente a essa situação, na qual as mulheres/mães colocavam-se no papel de agressoras, posição que, socialmente, não se espera de uma mãe, vista como cuidadora e protetora dos filhos.

Percebi que, nas distintas trajetórias de vida das mulheres entrevistadas na pesquisa, havia pontos em comum, os quais convergiam e podiam ser definidos em certo denominador: mulheres que, mesmo provenientes de diferentes famílias, tiveram suas vidas marcadas por sujeição. Fatores associados a essa condição ganham *status*, podendo tornar crônica a violência intrafamiliar. De maus-tratos na infância e na adolescência na família de origem, as mulheres passavam a conviver com a violência de gênero, da qual, pelas falas das entrevistadas, 100% eram vítimas, sendo a violência cometida pelo próprio parceiro. Esse fato, então, levou-me a pensar: como é possível romper esse ciclo?

Nessa direção, entendo que compreender a violência por parceiro íntimo requer um olhar para o processo de construção da relação afetiva entre o casal, particularmente nas fases iniciais da relação, como no namoro. Assim, este estudo, com ênfase nas relações afetivas dos adolescentes e no contexto que as rodeia, traz informações importantes para subsidiar estratégias de prevenção da violência de gênero, em um momento em que ela pode estar sendo construída.

Conceitos como crises, conflitos, medos, incertezas, entre muitos outros são comumente atribuídos aos adolescentes, que se encontram em uma fase em que podemos intervir de forma mais eficaz, já que estão em formação da identidade.

Espera-se que os produtos dessa pesquisa contribuam com reflexões acerca das políticas públicas que envolvem o combate à violência de gênero, com o intuito de nortear o desenvolvimento e implementar estratégias de intervenção que favoreçam a sistematização de ações preventivas a essa violência e a suas danosas consequências.

A pesquisa está estruturada em oito capítulos, a saber:

O primeiro capítulo inclui breve apresentação da temática da pesquisa, abordando a violência nas relações de namoro dos adolescentes sob diferentes dimensões e a delimitação do problema e justificativa do estudo. Na sequência, o segundo capítulo apresenta o objetivo geral e três objetivos específicos da pesquisa.

No terceiro capítulo, delineamos os aspectos conceituais do ser adolescente nas relações afetivas, a construção das identidades de gênero e as várias faces da violência, com base na literatura científica.

No quarto capítulo, apresentamos o referencial teórico-conceitual da pesquisa. Abordamos o poder, a violência e a dominação simbólica na perspectiva de Bourdieu; a violência de gênero estruturada no pensamento de Scott; e a família como componente da rede de apoio social do adolescente. Com base nesse referencial, elaboramos os pressupostos da pesquisa, que se encontram no capítulo quinto.

A trajetória metodológica da pesquisa está descrita, em todas as etapas percorridas, no capítulo sexto, atendendo o rigor científico e ético da pesquisa.

Na sequência, o sétimo capítulo apresenta os resultados da pesquisa, discutidos com base na literatura nacional e internacional. No oitavo capítulo, fazemos a elaboração de uma síntese interpretativa, a qual articula os objetivos do estudo com sua base teórica, ancorados nas interpretações das experiências dos interlocutores pela pesquisadora. E, finalmente, no nono capítulo, trazemos as considerações finais.

Introdução

1 INTRODUÇÃO

A violência durante as relações de namoro não é uma problemática rara. Araújo (2012) afirma que, apesar de ter grande relevância social, a violência nos relacionamentos íntimos dos adolescentes é um tema recente na literatura científica. Matos et al. (2006) expõem que essa questão permanece ainda marginalizada nos discursos sociais e educativos e acrescenta que, em comparação com a violência marital, a vitimação de adolescentes na intimidade tem merecido menor atenção por parte da comunidade científica.

Segundo Gomes (2011, p. 142), a carência de estudos sobre a temática da violência entre namorados adolescentes pode ser justificada pela ideia de que “namoro não é lugar de violência”. Entre as hipóteses para tal representação social dominante, Gomes (2011) coloca a percepção de que a violência de gênero situa-se apenas nos relacionamentos mais estáveis ou mais estruturados, situação que exclui as relações de namoro e de ficar, comuns entre adolescentes.

Na adolescência podem se exacerbar as diferenças entre os papéis de gênero e se consolidar a aceitação da violência como uma versão do amor, ou como “aceitável” em certas circunstâncias e, ainda, como um período especialmente propício à adesão a alguns mitos “perigosos” sobre as relações “românticas” — indissolubilidade, associação do amor ao sofrimento (BLACK; WEIZ, 2003).

O cenário social em que essa violência eclode é caracterizado pela vigência da ideologia machista¹ entremeando as relações de gênero, tendo como resultante a naturalização da dominação masculina.

Estudos indicam que a violência de gênero afeta negativamente a saúde sexual e reprodutiva das mulheres e também dos homens, principalmente pelo aumento de situações de exposição a riscos de contaminação e disseminação de doenças sexualmente transmissíveis (DST) e Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), que estão presentes em contextos de relações violentas. Meninas adolescentes, que vivenciam situações de violência de gênero, muitas vezes, têm maior dificuldade de acesso a serviços de saúde, aos meios de prevenção de gravidez e menor possibilidade de negociar o uso de preservativos com o parceiro (RUZANY et al., 2003; TAQUETTE ET al., 2003).

Assim como na violência marital, a violência no namoro pode produzir impacto significativo para a vítima, resultando em danos diversos (GLASS et al., 2003), em curto e em longo prazo, tais

¹ **Machista:** Relativo ao machismo. Pessoa adepta do machismo. **Machismo:** Atitude ou comportamento de quem não admite a igualdade de direitos para o homem e a mulher. **Pop** Qualidade, ação ou modos de macho; macheza, machidão. É o comportamento, expresso por opiniões e atitudes, de um indivíduo que recusa a igualdade de direitos e deveres entre os gêneros sexuais, favorecendo e enaltecendo o sexo masculino sobre o feminino. Em um pensamento machista existe um “sistema hierárquico” de gêneros, onde o masculino está sempre em posição superior ao que é feminino (MICHAELIS, 2004).

como: disfunções do comportamento alimentar, *stress* pós-traumático, perturbações emocionais e comportamentos sexuais de risco. Nesta direção, Minayo, Assis e Njaine (2011) destacam a grande importância de estudos sobre essa forma de violência social para melhorar as vivências afetivo-sexuais entre os adolescentes e para prevenir a violência conjugal.

Na literatura internacional, autores portugueses verificaram que, nas relações afetivas no namoro entre adolescentes, o ciúme desempenha papel de demonstração de amor, mesmo de forma confusa e como justificativa para a violência. A violência é encarada como forma de intimidação para as mulheres e, diferentemente, para os homens, como resposta às “provocações femininas” (CARIDADE; MACHADO, 2006).

Um dos estudos pioneiros realizados no Brasil sobre a violência nas relações afetivo-sexuais entre adolescentes de 15 e 19 anos de idade, de escolas públicas e privadas, em cinco diferentes regiões do país, verificou que 80% dos cerca de quatro mil adolescentes investigados sofreram algum tipo de violência no namoro. Observa-se ainda que as várias formas de violência nas relações afetivo-sexuais entre adolescentes costumam ter origem nas experiências agressivas entre os pais e presenciadas pelos adolescentes, em um tipo de comunicação desrespeitosa recorrente, naturalizada, que pode afetar toda a constelação familiar e que se reflete na sociedade em geral (MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011).

Outro estudo, realizado por Nascimento e Cordeiro (2011), sobre a violência no namoro entre adolescentes de grupos populares e camadas médias do Recife, identificou que a violência tende a ficar invisibilizada pelo ideal romântico do amor, em que as desconfianças e o ciúme são decodificados como formas de cuidado e amor, e os insultos, tapas, empurrões e desrespeitos são entendidos como algo que deve ser suportado.

Ashley e Foshee (2005) referem que adolescentes envolvidos em violência afetivo-sexual – vítimas ou perpetradores – geralmente não procuram ajuda profissional. Diante desse fato, a elaboração de medidas de prevenção e aquelas que auxiliem na identificação precoce do problema são desafios para qualificar a ação sistêmica sobre esses eventos, pois atualmente constata-se dificuldades na implementação de programas de prevenção e intervenção, entre os quais: o estigma associado ao ato de buscar ajuda para problemas pessoais; a preocupação dos adolescentes com a privacidade e a proteção de suas relações afetivas; o apreço pela autossuficiência e a falta de informação dos adolescentes para avaliar a qualidade dos seus relacionamentos afetivos.

Na área da saúde, especialmente para a enfermagem, Burton et al. (2011) afirmam que a exploração de questões que envolvem a violência no namoro entre adolescentes contém subsídios para a geração de avanços na atenção à saúde e implementação de ações de cuidado a esse grupo, em suas demandas singulares de saúde. As autoras consideram que a compreensão das relações e as

vias pelas quais as relações abusivas podem colocar em risco a saúde e o bem-estar dos adolescentes são componentes críticos na expansão do conhecimento em enfermagem e no consequente desenvolvimento de abordagens efetivas para o cuidado aos adolescentes.

Neste estudo, adota-se a definição de violência nas relações afetivo-sexuais entre adolescentes como sendo, segundo Lavoie, Robitaille e Hébert (2000, p. 8), "qualquer comportamento que seja prejudicial ao desenvolvimento e à saúde do parceiro, comprometendo sua identidade física, psicológica ou sexual".

A presente proposta busca elucidar pontos ainda obscuros da situação de violência no namoro. Entendemos que é preciso ir além da compreensão dos significados atribuídos a essa violência, o que requer um olhar mais abrangente, transpondo os limites que o problema aparenta impor (a invisibilidade da violência), ou seja, buscar compreender as relações afetivas e as situações de conflito² no namoro, levando-se em consideração o contexto e a situação em que se manifestam na perspectiva das relações de dominação situadas na região do simbólico.

O processo de dominação simbólica se dá de forma sutil e eficiente porque a maioria das mulheres não está ciente da sua condição de dominada. Elas próprias participam desse processo de dominação simbólica, na medida em que tudo aquilo que está no campo do simbólico tem o poder de mascarar a arbitrariedade da inculcação e do que é inculcado (BOURDIEU, 2005).

Assim, o não reconhecimento, por parte das mulheres, das estratégias de dominação situadas na região do simbólico faz com que elas aceitem ou mesmo contribuam para essa dominação (CARVALHO, 2006), abrindo caminhos para expressão da violência física, moral, psicológica ou sexual.

Concordamos com Nascimento e Cordeiro (2011) sobre o quanto é importante implementar estratégias que possibilitem espaços criativos de conversa e troca entre os adolescentes sobre o namoro e a violência. Entretanto, a melhor forma de combatê-la ou minimizá-la perpassa processos lentos e contínuos como a socialização, que originalmente se estabelece na família e se estende, no decorrer da vida, a instituições sociais, tais como a escola, a igreja, dentre outras. Neste sentido, outro ponto que buscamos analisar, embasados na crença de uma violência cíclica (intergeracional) (BITTAR et al., 2012; GELLES, 1997), é a participação da família na construção das relações afetivas entre os adolescentes.

A família constitui o primeiro e o mais importante grupo social de uma pessoa, bem como o seu quadro de referências, estabelecido através das relações e identificações que a criança cria durante

² **Conflito:** Embate de pessoas que lutam. Barulho, desordem, tumulto. Conjuntura, momento crítico. Pendência. Luta, oposição. **Psicol** Tensão produzida pela presença simultânea de motivos contraditórios. **Sociol** Competição consciente entre indivíduos ou grupos que visam a sujeição ou destruição do rival. **C. cultural, Sociol:** incompatibilidade entre valores culturais cujos portadores humanos estabelecem contato (MICHAELIS, 2004).

seu desenvolvimento, tornando-a a matriz da identidade. Para Petrini (2003), a família, no decorrer da evolução histórica, permanece como matriz do processo civilizatório, como condição para a humanização e para a socialização das pessoas. Ela é e será a influência mais poderosa para o desenvolvimento da personalidade e do caráter das pessoas.

Para Kliksberg (2003), a família latino-americana, em sua maioria, tem adotado um perfil de família desarticulado em aspectos importantes, instável, significativamente debilitado, que dificilmente pode cumprir as funções potenciais de unidade familiar. Tais dificuldades foram traduzidas pelo Estado em um discurso sobre uma pretensa “incapacidade” da família de orientar os seus filhos. Ao longo de muitas décadas, este foi o argumento ideológico que possibilitou ao poder público o desenvolvimento de políticas paternalistas voltadas para o controle e a contenção social, principalmente para a população mais pobre, com total descaso pela preservação de seus vínculos familiares. Essa desqualificação das famílias em situação de pobreza, tratadas como incapazes, deu sustentação ideológica à prática recorrente da suspensão provisória do poder familiar ou da destituição dos pais e de seus deveres em relação aos filhos (BRASIL, 2006a).

Crianças e adolescentes têm o direito a uma família, cujos vínculos devem ser protegidos pela sociedade e pelo Estado. Nas situações de risco e enfraquecimento, as estratégias de atendimento deverão esgotar as possibilidades de preservação desses vínculos familiares, aliando o apoio socioeconômico à elaboração de novas formas de interação e referências afetivas no grupo familiar.

Durante o estabelecimento do vínculo afetivo na família, a criança tem, como primeira referência, a mãe. Pouco a pouco, a criança vai assumindo e interiorizando, mediante a linguagem, determinados papéis e modelos relacionais. Consequentemente, ela é capaz de se posicionar criticamente, modificá-los, tornando-os seus. Isto pode significar a constituição de autonomia e a construção de um projeto que organize e norteie sua vida (FENELON, 2004).

De acordo com estudos, dificuldades interpessoais, quando presentes na família, comprometem a qualidade do relacionamento, além de oferecer modelos inadequados de desempenhos sociais para os filhos, havendo a exposição da criança a práticas parentais pouco construtivas ou a privação de envolvimento afetivo (PACHECO et al., 2005).

Na ocorrência de conflitos nas relações afetivas familiares, criam-se situações de vulnerabilidade, particularmente para os filhos. Nesta direção, observam Gomes e Pereira (2005) que a perda ou rompimento dos vínculos produz sofrimento e leva o indivíduo à descrença de si mesmo, tornando-o mais frágil e com baixa autoestima. Tal condição poderá levar o indivíduo a desfazer-se do que é mais significativo para o ser humano: a capacidade de amar e de se sentir amado, incorporando um sentimento desagregador, o que provavelmente se reflete no estabelecimento de novos vínculos, como nas relações afetivas no namoro.

Vale ressaltar que, embora estudos (CARR; VANDEUSEN, 2002; KAURA; ALLEN, 2004; MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011) tenham apontado para o fato de que a violência nas relações afetivas entre adolescentes costuma ter origem nas experiências agressivas entre pais presenciadas pelos adolescentes, essa violência entre adolescentes namorados vai além da influência familiar, pois faz parte de um contexto amplo de relações constituídas socialmente e culturalmente.

Neste sentido, interessa-nos também identificar os recursos relacionais de que os adolescentes dispõem para enfrentamento das situações de conflito/violência nas relações afetivas no namoro. Para fins desta pesquisa, utilizaremos o conceito de apoio social, que, segundo Moreira e Sarriera (2008), sustenta-se no número de pessoas com as quais o sujeito se relaciona, na estrutura e qualidade dessas relações, nas ações concretas executadas e na percepção que a pessoa mantém sobre todos esses aspectos.

Acreditamos que, nas relações afetivas no namoro, é possível depreender situações em que se identifica a legitimação da violência simbólica contra a mulher, o que nos remete a compreendê-la à luz da teorização de Bourdieu (2007) sobre poder, violência e dominação simbólica, bem como do gênero como categoria teórico-analítica, segundo definição de Scott (1994).

A relevância do presente estudo é trazer subsídios para elaborar estratégias que considerem o contexto de socialização dos adolescentes, abrindo espaço para a desconstrução dos preconceitos sociais e da herança cultural machista e também para possibilitar novas articulações, de modo a recompor as fronteiras entre papéis, funções e qualidades para cada gênero, o que pode modificar as atuais ideologias. Tal atuação mostra-se como um grande desafio, complexo e difícil, porém necessário e urgente em nossa sociedade contemporânea, que clama por ajuda. Entendemos que atuar sobre a origem da violência já no início dos relacionamentos afetivo-sexuais dos adolescentes talvez seja a melhor forma de combatê-la ou, ao mesmo, minimizá-la.

Objetivos

2 OBJETIVOS

2.1 Geral

Como objetivo geral, pretende-se compreender como os adolescentes significam suas relações afetivas e as situações de conflito/violência no namoro, bem como a participação da rede de apoio social em seu enfrentamento.

2.2 Específicos

Como objetivos específicos, pretende-se:

- Identificar as formas de violência e os significados atribuídos a elas no contexto das relações afetivas do namoro entre adolescentes;
- Caracterizar a rede de apoio social e afetiva dos adolescentes frente a situações de conflito/violência nas relações afetivas do namoro;
- Identificar o papel da família na construção das relações afetivas do namoro entre adolescentes.

Delineamento do objeto de estudo

3 DELINEAMENTO DO OBJETO DE ESTUDO

3.1 O ser adolescente nas relações afetivas e a construção das identidades de gênero

A adolescência, segundo o Ministério da Saúde (MS), é a etapa da vida compreendida entre a infância e a fase adulta, marcada por um complexo processo de crescimento e desenvolvimento biopsicossocial. A Organização Mundial da Saúde (OMS) circunscreve a adolescência à segunda década da vida, de 10 a 19 anos, divididas nas etapas de pré-adolescência, dos 10 aos 14 anos, e de adolescência propriamente dita, dos 15 aos 19 anos (BRASIL, 2005a).

A lei brasileira considera adolescente a faixa etária de 12 a 18 anos. Há, assim, um descompasso entre a fixação etária do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e a da OMS, também adotada pelo MS (BRASIL, 2005a).

A adoção do critério cronológico objetiva a identificação de requisitos que orientem a investigação epidemiológica, as estratégias de elaboração de políticas de desenvolvimento coletivo e as programações de serviços sociais e de saúde pública, porém ignora as características individuais (BRASIL, 2005a). Burak (2001) diz que essa visão naturalizante está em oposição ao caráter sócio construído do termo e à complexidade com a qual nos deparamos quando nos aprofundamos nessa temática. Mostra-se, de fato, como uma condição perpassada pela situação de gênero, classe social e contextos socioculturais, de forma que é impossível defini-la como algo acabado, pronto para ser estudado.

Neste estudo, seguiremos as definições da Organização Pan-americana da Saúde (ORGANIZACIÓN PANAMERICANA DE LA SALUD, 1985), nas quais a adolescência constitui um processo fundamentalmente biológico durante o qual se acelera o desenvolvimento cognitivo e a estruturação da personalidade.

Soares et al. (2008) afirmam que a adolescência representa um dos períodos mais conturbados do desenvolvimento humano. Esta fase é considerada fundamental, pois estão presentes conflitos, questionamentos, curiosidades e percepções, relativos à identidade sexual, responsabilidade social (profissão, caráter), relacionamentos afetivos, reprodução humana, bem como os tabus, mitos e questões de gênero relacionados às relações afetivo-sexuais.

Para a saúde pública, a adolescência assume grande relevância, tendo em vista que é nesta fase que se iniciam as práticas sexuais, inserindo os adolescentes em um contexto de vulnerabilidades,

no que se refere a doenças sexualmente transmissíveis, gestação não planejada, aborto (BORGES; NAKAMURA, 2009) e práticas de violência interpessoal.

Há que se considerar a iniciação sexual como um processo que envolve fortemente as relações de gênero, moldadas pelo próprio significado atribuído culturalmente à sexualidade (BORGES; SCHOR, 2005). Dessa forma, a sexualidade, largamente influenciada pelas relações de gênero ainda vigentes, pode se converter em dilemas significativos para os adolescentes, influenciando suas escolhas e práticas (PIROTTA, 2004).

As noções aprendidas na infância do que é considerado pertinente ao feminino e ao masculino acirram-se e consolidam-se nessa fase. A sociabilidade infantil permite ainda certa convivência de meninos e meninas em diferentes atividades coletivas. Já na adolescência, o fato de haver o aprendizado da aproximação ao sexo oposto, mediado por diferentes formas de relacionamento afetivo-sexual (olhar, paquerar, ficar, namorar), torna os domínios masculinos e femininos mais nítidos, com limites um pouco mais definidos entre si (BRASIL, 2009).

Quanto aos tipos de relações afetivo-sexuais presentes no cotidiano dos adolescentes, estudo de Stengel e Tozo (2010) cita o ficar e o namoro. O primeiro é um relacionamento datado da década de 1980 e pautado pela falta de compromisso entre os parceiros, pela efemeridade e superficialidade. Pode ter a duração de uma noite, uma festa ou um único encontro entre os parceiros (CHAVES, 1994; STENGEL, 2003), ou seja, sua duração é a mesma que a duração daquele encontro (JUSTO, 2005). O ficar pode ir de um beijo até, pela troca de carícias, a uma relação sexual, apesar de esta não ser muito presente nesse relacionamento.

O ficar é um tipo de relação bastante frequente entre os adolescentes. Todos o conhecem, seja por experiência própria ou através de amigos, promovendo a compreensão do que venha a ser esse relacionamento e de suas regras. Ainda que as regras não sejam, muitas vezes, claras ou definidas, elas existem e são de conhecimento dos adolescentes. A mais clara de todas é a falta de compromisso e de obrigação entre os parceiros (MATOS; FÉRES-CARNEIRO; JABLONSKY, 2005). Desse modo, não é requerido que haja encontros posteriores, telefonemas ou e-mails. A fidelidade e o sentimento também não fazem parte do ficar (STENGEL, 2003).

Na maioria das vezes, os adolescentes consideram esse relacionamento pertinente apenas a um período da vida – quando mais novos, quando estão sem namorados – mas não como o tipo ideal de relação. Chaves (1994), em sua pesquisa, mostrou que, à medida que vão ficando mais velhos, os adolescentes não querem mais ficar com a mesma frequência, sentem-se frustrados quando esse é o relacionamento básico do cotidiano e preferem viver o ficar como ponte para um namoro.

As razões para os adolescentes ficarem vão da carência e solidão à exibição e ao ato de contar vantagem. O ficar é, também, uma forma de conhecer novas pessoas e de possibilitar uma

escolha melhor de parceiros (STENGEL, 2003). Tais razões podem coexistir em um mesmo momento da vida do adolescente ou ir se alternando.

O namoro, por sua vez, é caracterizado como uma relação de compromisso entre os parceiros e tem a aquiescência de ambos. É esperada a presença de um sentimento recíproco, definido como “gostar muito”, amor ou paixão. Confirmando a continuidade de valores do namoro tradicional, o compromisso e a responsabilidade são pontos fundamentais no namoro atual. Esse é um aspecto que o diferencia do ficar, cuja característica básica é justamente a falta de compromisso: “Hoje, o compromisso não remete o casal necessariamente ao casamento, porém ele pressupõe — ao menos em tese — um vínculo estável, monogâmico e fiel” (CHAVES, 1994, p. 25). Outra diferença do namoro em relação ao ficar é a exigência da fidelidade (STENGEL, 2003), mesmo que essa não seja praticada exatamente como se fala ou se espera.

Sobre os papéis, há todo um conjunto de atitudes, posturas e modos de agir social e diferencialmente recomendados aos rapazes e às moças que ensaiam a entrada na sexualidade (BRASIL, 2009). Mesmo que a virgindade não signifique mais o que foi em outras épocas e que haja uma relativa aceitação social em ter relações sexuais antes do casamento — variável conforme os costumes e os valores locais — ainda assim exige-se da moça:

- Que se guarde o máximo possível, retardando a iniciação sexual;
- Que seu leque de experimentação sexual seja reduzido, não chegando próximo ao dos homens, para não serem chamadas de “galinhas”;
- Que não seja “atirada”, embora a mídia ressalte a sensualidade dos corpos femininos;
- Que tenha o casamento e a maternidade como horizonte próximo.

Por outro lado, do rapaz exige-se:

- Que antecipe ao máximo possível a primeira experiência sexual;
- O prazer de reunir múltiplas experiências sexuais, às vezes, simultâneas;
- Um apetite sexual intenso como prova de sua virilidade, estimulada desde pequeno por homens próximos a ele quando apontam o corpo de mulheres na televisão ou nas ruas;
- Certo desprezo pelo cultivo dos sentimentos amorosos.

Esses modelos de comportamento sexual e social podem se tornar verdadeiras prisões ou fontes de agudo sofrimento quando os rapazes e as moças não se encaixam nos estereótipos de gênero previamente designados.

Para Saffioti (2002), gênero é o sexo socialmente modelado, ou seja, as características tidas como masculinas e femininas são ensinadas desde o berço e tomadas como verdadeiras, pela sua

repetição cultural. Essas características socialmente atribuídas se fundam na hierarquia e na desigualdade de lugares sexuais (SAFFIOTI; ALMEIDA, 1995).

A expressão "gênero" é relevante para a compreensão da interação e da cumplicidade com que se constroem as relações entre homens e mulheres, ambos marcados por uma cultura machista e patriarcal (GOMES, 2003). Assim, gênero diz respeito a relações de poder e à distinção entre atributos culturais de cada um dos sexos e suas peculiaridades biológicas. Esse termo tem ligação direta com o feminismo e está vinculado, conceitual e politicamente, ao movimento de mulheres contra a secular opressão patriarcal que as tem impedido de oferecer à sociedade sua contribuição peculiar (BRASIL, 2005a).

Portanto, a qualquer inadaptação ou desvio de conduta dos adolescentes há grande risco de se sofrer duras críticas ou discriminação social: elas podem se tornar "putas" e "galinhas" (em razão de uma vida sexual ativa), ou "sapatões", "machonas" ou "freiras" (como categoria de acusação em alusão à castidade para as que se recusam a aderir à prática sexual por imposição do parceiro); e eles, "bichas", "veados", "mulherzinha", "maricas". Em suma, há modelos de gênero rigidamente estabelecidos que inspiram representações/práticas sociais para adolescentes de cada sexo (BRASIL, 2009).

Além da vivência da sexualidade, há outro domínio em que se percebe a incisiva influência do gênero na construção social da identidade dos adolescentes: o ingresso no mercado de trabalho ou a escolha da carreira profissional. A oferta de postos de trabalho, de salários e de profissões leva em conta aptidões ditas "naturais" aos homens e às mulheres, porém não entraremos em detalhes aqui.

A construção da identidade de gênero se faz por meio do aprendizado entre pares, nas diferentes formas de sociabilidade e lazer desfrutadas por adolescentes, dentre tantas outras vivências. Entre jogos, brincadeiras, galeras, músicas, ritmos e danças, festas (rodeios, quermesses), práticas esportivas, tecnologias de informação (celulares, internet, comunidades virtuais, jogos virtuais), idas a *shopping centers*, adesão a determinado tipo de lazer (pesca, artesanato, bordados), enfatizam-se imagens, perfis, destrezas típicas de cada gênero (BRASIL, 2009).

A indumentária também é importante para a construção da identidade de gênero. O modo como cada um — homem ou mulher — apresenta-se em bailes, festas, espetáculos musicais, rodeios informa não só sobre seu pertencimento social, mas também sobre gênero e raça. Em determinados contextos, é comum o uso de bonés e trajes largos para os rapazes, e roupas mais aderentes para as moças, comumente de salto alto, distinguindo estilos diferenciados para cada gênero. A pressão que o grupo de pares exerce sobre seus participantes é tamanha na repetição destes estilos que se torna difícil arriscar novos modelos, inovar em práticas sociais que não estejam consagradas pelo grupo (BRASIL, 2009).

A divisão do “espaço público e privado” pode ser percebida, por exemplo, quando se quer insultar uma mulher. Ela é chamada de “mulher da rua”, “vadia”, “puta”, em oposição à “mulher da casa”, “mulher ou moça de família”, “santa”, “do lar”. A oposição “rua x casa” é particularmente interessante para percebermos como os gêneros masculino e feminino estão associados a cada uma dessas instâncias, conformando a divisão entre o mundo da produção, masculino, e o da reprodução, feminino (BRASIL, 2009).

Percebe-se, dessa forma, que momentos de tensão se fazem presentes nesse leque de questões de gênero, em que podemos identificar justificativas para episódios de violência nas relações de namoro dos adolescentes. Contudo, acredita-se que, se o gênero é socialmente construído por nós no cotidiano da família, da escola, da rua, na mídia, então parte-se do pressuposto de que convenções sociais podem ser transformadas, ou seja, discutidas, criticadas, questionadas, modificadas em busca da equidade social entre homens e mulheres, do ponto de vista do acesso a direitos sociais, políticos e civis.

3.2 As várias faces da violência

Reportando-nos à estruturação do Sistema Único de Saúde (SUS), a partir da Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, o artigo 196 cita que “a saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação” (BRASIL, 1988). Essa ampliação da visão da saúde reconhece a influência de diversos fatores sociais para o bem-estar dos indivíduos, tornando possível ao setor saúde expandir sua atenção para além dos determinantes biológicos das doenças e passar a dar conta de outros agravos à saúde, entre os quais, as causas externas (acidentes e violências).

A violência ocupa lugar prioritário na pauta dos problemas sociais da sociedade contemporânea, sendo objeto de reflexão de pesquisadores de diversas áreas do conhecimento. Em geral, estima-se que a violência seja uma das principais causas de morte de pessoas entre 15 e 44 anos em todo o mundo (DAHLBERG; KRUG, 2006).

A conceituação de violência é bastante difícil, por ser um fenômeno extremamente complexo que não só atinge, mas afeta emocionalmente as pessoas. Trata-se de um problema social de abrangência global, que se fundamenta em questões relativas à moralidade, à ideologia e à cultura, de acordo com a época, local e circunstâncias em que ocorre o evento. As questões apontadas assumem

formas específicas de manifestações influenciadas pela percepção e atitudes em relação à violência, segundo o momento histórico vivido na sociedade. As noções do que é aceitável e inaceitável, em termos de comportamento, são culturalmente influenciadas segundo normas sociais mantidas por usos e costumes ou por aparatos legais da sociedade (BRASIL, 2005a).

Há diversas maneiras possíveis de se conceituar a violência, de acordo com quem elabora seu conceito e finalidade. Na perspectiva do setor saúde, a preocupação baseia-se na magnitude das mortes e dos traumas provocados pelos fenômenos que contribui para anos potenciais de vida perdidos. Demanda, assim, respostas do sistema de saúde relativas aos transtornos biológicos, emocionais e físicos, que comprometem o bem-estar e qualidade de vida dos indivíduos, das famílias e das comunidades.

A violência é aqui considerada como um fenômeno humano que se traduz em atos, realizados individual ou institucionalmente, por pessoas, grupos, classes ou nações, por exemplo, visando prejudicar, ferir, mutilar ou matar o outro, física, psicológica, sexual e até espiritualmente. No conceito de violência, a ideia de omissão está presente como uma forma de indicar maus-tratos ao "outro", individual ou coletivo, e também está incluída a ideia de intencionalidade (MINAYO; SOUZA; PAULA, 2010).

A Assembleia Mundial da Saúde convocou a World Health Organization (WHO, 1996) para desenvolver uma tipologia da violência e os elos que os conectavam. Há poucas tipologias existentes, e nenhuma é muito abrangente. A tipologia proposta divide a violência em três amplas categorias, segundo as características daqueles que cometem o ato violento — violência autodirigida, violência interpessoal, violência coletiva. Estas três categorias amplas são ainda subdivididas, a fim de melhor refletir tipos mais específicos de violência, como descrito abaixo.

A violência autoinfligida é subdividida em:

1. Comportamento suicida;
2. Agressão autoinfligida.

O primeiro inclui pensamentos suicidas, tentativas de suicídio – também chamadas, em alguns países, de "para-suicídios" ou "autoinjúrias deliberadas" – e suicídios propriamente ditos. A autoagressão inclui atos como a automutilação.

A violência interpessoal também se divide em duas subcategorias:

1. Violência de família e de parceiros íntimos – isto é, violência principalmente entre membros da família ou entre parceiros íntimos, que ocorre usualmente nos lares;
2. Violência na comunidade – violência entre indivíduos sem relação pessoal, que podem ou não se conhecerem. Geralmente ocorre fora dos lares.

O primeiro grupo inclui formas de violência tais como abuso infantil, violência entre parceiros íntimos e maus-tratos de idosos. O segundo grupo inclui violência da juventude, atos variados de violência, estupro ou ataque sexual por desconhecidos e violência em instituições como escolas, locais de trabalho, prisões e asilos.

E a violência coletiva acha-se subdividida em:

1. Violência social;
2. Violência política;
3. Violência econômica.

Diferentemente das outras duas grandes categorias, as subcategorias da violência coletiva sugerem possíveis motivos para a violência cometida por grandes grupos ou por países. A violência coletiva cometida com o fim de realizar um plano específico de ação social inclui, por exemplo, crimes carregados de ódio, praticados por grupos organizados, e atos terroristas. A violência política inclui guerra e conflitos violentos a ela relacionados, violência do estado e atos semelhantes praticados por grandes grupos. A violência econômica inclui ataques de grandes grupos motivados pelo lucro econômico, tais como ataques realizados com o propósito de desintegrar a atividade econômica, impedindo o acesso aos serviços essenciais, ou criando divisão e fragmentação econômica. É certo que os atos praticados por grandes grupos podem ter motivação múltipla.

Após essa categorização mais ampla dos diferentes tipos de violência, considerar-se-á, nesse momento, a violência interpessoal, mais especificamente a violência contra a mulher, uma violência baseada no gênero, a qual está relacionada às desigualdades nas relações entre homens e mulheres. Essas relações são explicadas a partir das condições históricas e sociais de construção relacional do feminino e masculino, o que gera atributos, posições e expectativas para cada um dos gêneros em relação à sexualidade, ao trabalho e à família.

Desta forma, a condição de ser mulher, construída socialmente, determina aspectos de vulnerabilidade a um tipo específico de violência no espaço privado ou doméstico (SCHRAIBER; D'OLIVEIRA; COUTO, 2006). Para este tipo de violência, a literatura traz denominações como “violência familiar” e “violência doméstica”. Muitas vezes, essas denominações são compreendidas como sinônimos, correspondendo às agressões entre membros familiares, incluindo aquelas entre parceiros íntimos, de pais contra filhos, entre irmãos e de cuidadores contra idosos (GROVES et al., 2002).

Em relação à violência intrafamiliar, o caderno de atenção básica nº 8 a define como:

[...] toda ação ou omissão que prejudique o bem-estar, a integridade física, psicológica ou a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento de outro membro da família. Pode ser cometida dentro ou fora de casa por algum membro da família,

incluindo pessoas que passam a assumir função parental, ainda que sem laços de consanguinidade, e em relação de poder à outra (BRASIL, 2002, p. 15).

A violência doméstica distingue-se da familiar por incluir outros membros do grupo, sem função parental, que convivem no domicílio, incluindo empregados, agregados e outras pessoas que convivem esporadicamente (BRASIL, 2002) e por ocorrer, principalmente, no âmbito doméstico ou familiar (SCHRAIBER et al., 2003). Particularmente, a violência doméstica é um fenômeno trazido pelos movimentos sociais de mulheres e, muitas vezes, o termo foi utilizado para descrever situações de violência intrafamiliar, no espaço doméstico, por sua condição de gênero (BRASIL, 2002).

Os termos utilizados para caracterizar as formas de violência contra a mulher, no Brasil, são: violência física, sexual, psicológica e negligência (MINAYO, 2006).

Violência física significa o uso da força para produzir injúrias, feridas, dor ou incapacidade em outrem. A categoria violência psicológica nomeia agressões verbais ou gestuais com o objetivo de aterrorizar, rejeitar, humilhar a vítima, restringir sua liberdade ou, ainda, isolá-la do convívio social. A classificação violência sexual diz respeito ao ato ou ao jogo sexual que ocorre nas relações hétero ou homossexual e visa a estimular a vítima ou utilizá-la para obter excitação sexual e práticas eróticas, pornográficas e sexuais impostas por meio de aliciamento, violência física ou ameaças. Por negligência ou abandono se entende a ausência, a recusa ou a deserção de cuidados necessários a alguém que deveria receber atenção e cuidados (BRASIL, 2001).

Existem outras formas de violência menos comentadas na literatura, que são: violência patrimonial, caracterizada pela retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens e valores; e a violência moral, caracterizada pela conduta que configure calúnia, difamação ou injúria (BRASIL, 2006b).

O que se acrescenta a seguir são exemplos que ocorrem na realidade brasileira e devem ser vistos como as formas mais habituais de maus-tratos e abusos que vitimam as mulheres (BRASIL, 2005b). Em relação à violência sexual:

- Forçar relações sexuais, em geral;
- Estuprar e assediar sexualmente;
- Forçar relações sexuais quando a mulher está com alguma doença, colocando sua saúde em risco;
- Exibir o desempenho masculino;
- Produzir gestos e atitudes obscenos no trato com as mulheres;
- Discriminar a mulher por sua opção sexual.

Exemplos de violência física e patrimonial:

- Agredir deixando marcas como hematomas, cortes, arranhões, manchas e fraturas;

- Quebrar seus objetos, utensílios e móveis;
- Rasgar suas roupas;
- Esconder ou rasgar seus pertences e documentos;
- Trancar a mulher em casa.

Exemplos de violência psicológica:

- Humilhar e ameaçar, sobretudo diante de filhos e filhas;
- Impedir de trabalhar fora, de ter sua liberdade financeira e de sair;
- Deixar o cuidado e a responsabilidade do cuidado e da educação dos filhos e das filhas só para a mulher;
- Ameaçar de espancamento e de morte;
- Privar de afeto, de assistência e de cuidados quando a mulher está doente ou grávida;
- Ignorar e criticar por meio de ironias e piadas;
- Ofender e menosprezar seu corpo;
- Insinuar que tem amante para demonstrar desprezo;
- Ofender a moral de sua família;
- Desrespeitar seu trabalho de cuidado com a família ou fora de casa;
- Criticar de forma despectiva e permanentemente sua atuação como mãe e mulher;
- Usar linguagem ofensiva.

A análise das ocorrências violentas contra a mulher permite observar que boa parte delas é causada por uma pessoa próxima, companheiro, namorado, ex-parceiro, enfim, uma pessoa com a qual ela mantém ou mantinha um vínculo afetivo. Os episódios de violência intrafamiliar envolvendo homens e mulheres revelam conflitos familiares diversos, que obedecem à lógica cultural que institui uma rígida divisão moral entre homens e mulheres no espaço privado, delimitando seus direitos e suas obrigações (BRASIL, 2009).

Kronbauer e Meneghel (2005) também compartilham dessa informação dizendo que as mulheres estão em maior risco de violência em relações com familiares e pessoas próximas do que com estranhos e, na maioria das vezes, o agressor tem sido o próprio cônjuge ou parceiro, companheiros atuais ou anteriores; e a violência tem como causa e consequência a desigualdade de poder nas relações de gênero (WHO, 2005).

A violência por parceiro íntimo refere-se a comportamentos, dentro de uma relação íntima, que causam dano físico, sexual ou psicológico, incluindo agressões físicas, coerção sexual, abuso psicológico e comportamentos controladores. Essa definição inclui a violência pelos cônjuges e parceiros atuais ou passados (HEISE; GARCIA-MORENO, 2002; WHO, 2010).

Em relação aos fatores associados à violência por parceiro íntimo, estudos demonstram que as condições do companheiro, tais como: baixa escolaridade, consumo de álcool, tabaco e drogas, ter vivenciado violência familiar, ter sido agredido fisicamente na infância e desemprego estão associados à violência contra a mulher (D' OLIVEIRA et al., 2009; MENEZES et al., 2003; VIEIRA; PERDONA; SANTOS, 2011).

Sobre a violência no namoro, essa forma específica de vitimação de que trataremos neste estudo, partilham-se alguns fatores de risco associados à violência intrafamiliar (GLASS et al., 2003; KAURA; ALLEN, 2004). Entre os elementos mais referenciados na literatura está a presença de violência na família de origem. Alguns estudos registram a violência interparental como um preditor direto da violência no namoro (CARR; VANDEUSEN, 2002; KAURA; ALLEN, 2004), enquanto outros enfatizam seu papel indireto, pelo impacto que tem nos adolescentes (MCCLOSKEY; LICHTER, 2003).

Essa relação entre a violência no namoro e a vitimação na família de origem pode ser mais bem compreendida à luz da perspectiva da transmissão intergeracional da violência. Este tipo de explicação, que tem subjacente a noção de aprendizagem social, postula que o comportamento de cada indivíduo é determinado pelo ambiente em que este se insere, especialmente pelos membros da sua família, através de mecanismos de observação, reforço, modelagem ou coação (BITTAR et al., 2012; GELLES, 1997).

Nesta concepção, a família é percebida não só como uma entidade que pode viabilizar certos comportamentos agressivos nos seus membros, mas que pode também levá-los a interiorizar valores ideológicos e sociais (atitudes e crenças sobre os papéis de gênero e a violência) promotores de condutas violentas (GELLES, 1997). De acordo com esta perspectiva, seria esse tipo de aprendizagem, por parte dos filhos de casais em que existe violência, que viabilizaria, no futuro, os mesmos desempenhos conjugais, quer como vítima, quer como agressores. Os estudos não são, contudo, conclusivos sobre a forma como esse contato com a violência na família de origem pode afetar, diferentemente, ambos os sexos.

Observa-se que a violência nas relações dos adolescentes foi sendo progressivamente considerada um problema social relevante e merecedor de atenção em si mesmo (CALLAHAN; TOLMAN; SAUNDERS, 2003). Sua visibilidade tanto pode ser relacionada às formas pelas quais se manifesta, quanto à capacidade da sociedade em percebê-la efetivamente. Faz parte da chamada questão social relacionada a formas de dominação e opressão desencadeadoras de conflitos. Podemos considerá-la um fenômeno complexo, polissêmico e controverso, o qual ocorre, muitas vezes, de uma forma bastante sutil, quase imperceptível.

Nesta direção, a Secretaria de Vigilância em Saúde do MS e a OPAS apresentam o livro “Impacto da violência na saúde dos brasileiros” (BRASIL, 2005b, p. 81), o qual destaca as singularidades da adolescência no ciclo vital:

A adolescência é vista em diversas culturas e épocas como importante momento de domínio das regras e dos valores da vida social, de ganho de autonomia, de maturação física e psíquica e de gradativa incorporação de papéis sociais do mundo adulto. Independentemente das diversas nuances e singularidades transculturais e históricas que possam existir nessa etapa da existência, pode-se considerar que, atualmente, a adolescência é uma fase extremamente especial do desenvolvimento humano. Nesse período, o adolescente vai construindo uma imagem de si e várias competências cognitivas e socioculturais rumo à inserção nas relações da sociabilidade adulta.

Dentre as várias faces da violência na fase da adolescência, destaca-se a violência simbólica, que acreditamos permear as relações de namoro dos adolescentes, como um tipo de violência instituída e presente no dia-a-dia, aceita, incorporada e reproduzida pelas pessoas, sem, na maioria das vezes, a percepção de sua existência. Odalia (1993, p.22-23) diz que

Nem sempre a violência se apresenta como um ato, como uma relação, como um fato, que possua estrutura facilmente identificável. (...) O ato violento se insinua, frequentemente, como um ato natural, cuja essência passa despercebida. Perceber um ato como violento demanda do homem um esforço para superar sua aparência de ato rotineiro, natural e como que inscrito na ordem das coisas.

Nesse sentido, a violência simbólica — despercebida na vida rotineira — encontra-se presente nos meios de comunicação, nas leis, na mídia, nas escolas, nas universidades, nos relacionamentos, nos hábitos, nos costumes.

Marco teórico conceitual

4 MARCO TEÓRICO CONCEITUAL

4.1 Violência de gênero

Em decorrência do movimento feminista, nas últimas décadas do século XX, a violência contra a mulher compõe a agenda da saúde. Houve uma busca de sensibilização das mulheres e da sociedade em geral para a consciência de gênero, pressionando e exigindo ações e intervenções do Estado junto às vítimas e enfatizou-se uma atenção não apenas para o tratamento de lesões e traumas provenientes da violência, mas também para o reconhecimento das mulheres em sua condição de cidadãs e sujeitos capazes de decidir sobre suas próprias vidas.

A violência contra a mulher é uma forma de violência que persiste no tempo e se estende praticamente por todas as classes sociais, em diferentes culturas e sociedades. Desde a década de 1950 vem sendo referida de diversas maneiras, tais como: violência intrafamiliar, violência contra a mulher, violência doméstica. Na década de 1990 foi designada como violência de gênero (BRASIL, 2006b).

A violência de gênero, termo que utilizaremos no trabalho proposto, é um fenômeno ligado ao poder e abrange aquela que é praticada por homens contra mulheres, por mulheres contra homens, entre homens e entre mulheres. Mesmo considerando que a mulher possa vir a ser agente de violência na sua relação com o homem, culturalmente, na sociedade brasileira e no mundo, em sua grande maioria, a mulher é vítima preferencial (BRASIL, 2007).

A desigualdade de gênero é entendida como desigualdade estruturante da sociedade, que inclui crenças e valores sobre a capacidade e a habilidade de homens e mulheres de definirem espaços e possibilidades disponíveis a cada um. De modo geral, as justificativas para tais desigualdades são dadas por meio de referências ao contexto cultural que marcam determinada sociedade. Entende-se que comportamentos preconceituosos e fenômenos como o da violência intrafamiliar contra as mulheres decorrem de uma cultura discriminatória, patriarcalista e machista (BRASIL, 2008).

No estudo de Dourado e Noronha (2014), que analisa narrativas femininas sobre relações conjugais violentas, particularmente casos nos quais ocorreram danos ao rosto da mulher agredida pelo parceiro, uma das mulheres entrevistadas chama seu próprio rosto de "o meu espaço", o qual não é percebido dessa forma por seu par afetivo. Assim, o que, para ela, constitui um território invadido, para ele, assume um significado de demarcação do território corporal, como se fossem bandeiras

sinalizadoras da violência cometida. Evidencia-se um caráter invasivo da violência conjugal, especialmente a do tipo físico. Essa, ao ultrapassar arbitrariamente as fronteiras do corpo da mulher, tende a deixar marcas, não só concretas, mas também simbólicas.

Dos estudos de Heise, Ellsberg e Gottemoeller (1999) e Minayo (2006), extrai-se que, em todas as sociedades, existem instituições, convicções e práticas culturais que limitam a autonomia das mulheres e alimentam a violência de um sexo contra o outro. Apesar de ser um fenômeno universal e transversal a todas as sociedades, por ocorrer em âmbito privado, a violência de gênero é coberta por uma invisibilidade social, permeada por ideologias de gênero que têm uma profunda relação com a construção de uma noção assimétrica em relação ao valor e direitos de homens e mulheres. Nesse sentido, quando as mulheres optam por não levar ao espaço público uma situação de violência vivida, provavelmente estão respondendo ao processo de socialização que as constituem também como reprodutoras das ideologias de gênero (MARCELINO; DIMENSTEIN, 2006).

Bourdieu (2005) enfatiza que essas concepções “invisíveis” que chegam a nós nos levam à formação de esquemas de pensamentos impensados, ou seja, quando acreditamos ter a liberdade de pensar alguma coisa, sem levar em conta que esse “livre pensamento” está marcado por interesses, preconceitos e opiniões alheias. Não é à toa que o sociólogo afirma que uma relação desigual de poder comporta uma aceitação dos grupos dominados, não sendo necessariamente uma aceitação consciente e deliberada, mas principalmente de submissão pré-reflexiva.

Em decorrência disso, a própria socialização dos corpos estaria tingida por essas ideias. “O corpo biológico socialmente modelado é”, conclui Bourdieu (1998, p. 156):

“um corpo politizado, ou se preferimos, uma política incorporada. Os princípios fundamentais da visão androcêntrica do mundo são naturalizados sob a forma de posições e disposições elementares do corpo que são percebidas como expressões naturais de tendências naturais”.

A biologia e o corpo seriam espaços onde as desigualdades entre os sexos, aqui resumidas na ideia de dominação masculina, seriam naturalizadas. Essa noção nos remete à Scott (1995), uma historiadora estadunidense e uma das feministas que trouxeram novas perspectivas para os estudos de gênero, quando da escrita de seu célebre artigo *Gênero: uma categoria útil de análise histórica* (SCOTT, 1995), publicado originalmente em 1986.

Até a década de 80, sobrevivia com força a dualidade entre sexo e gênero, sendo o primeiro para a natureza, e o segundo, para cultura. Scott (1995) entende o gênero como um saber sobre as diferenças sexuais, e, havendo uma relação inseparável entre saber e poder, gênero estaria imbricado a relações de poder, sendo, nas suas palavras, uma primeira forma de dar sentido a estas relações.

Para Scott (1994, p. 13), gênero é a organização social da diferença sexual percebida, o que não significa que gênero reflita ou implemente diferenças físicas e naturais entre homens e mulheres, mas sim que “gênero é o saber que estabelece significados para as diferenças corporais”.

O conceito de gênero foi criado com a finalidade de deslocar o foco das relações entre os homens e mulheres para o social, antes concebidas no âmbito biológico, por conseguinte, tidas como naturais. Assim, supera-se a discussão primeira de igualdade e de diferenças (SCOTT, 2002) e avança-se na discussão histórica e relacional de gênero.

Em outras palavras, o fato de que as realidades históricas são construídas, determinando o social, o cultural e as subjetividades, definindo o que é ser homem e o que é ser mulher é descortinado. Deste modo, analisar as relações de gênero, a partir de qualquer realidade histórica, sem dúvida, é o caminho para mapear as assimetrias e os regimes excludentes, que, por se repetirem em quase todas as culturas, ao longo da história humana, encontram-se cristalizados e com uma áurea natural, quase acima da questionabilidade (SOUZA, 2006).

Visto isso, mapear assimetrias e regimes excludentes nos relacionamentos dos adolescentes pode nos levar a desvelar estratégias práticas para contribuirmos na modificação desse saber que estabelece significados às diferenças corporais do homem e da mulher, trazendo um olhar com mais equidade aos sexos sociais.

4.2 O poder, a violência e a dominação simbólica

Pierre Félix Bourdieu (1930–2002), sociólogo francês e filósofo de formação, é um dos grandes sociólogos do século XX, com reconhecimento internacional. Abordando os mais variados assuntos, sob o enfoque de diferentes disciplinas, sua produção no campo das ciências sociais é tão vasta quanto densa.

Para Bourdieu (2002a), a força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificativa: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça.

A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, podem assim serem vistas como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros (BOURDIEU, 2007, p. 20).

A dominação masculina é um processo de construção social contra as mulheres, é uma forma de violência física, moral, psicológica e também simbólica, que se reproduz ao longo da história da humanidade.

A mulher é uma das principais vítimas da violência, por estar inserida em uma sociedade historicamente marcada pelo viés androcêntrico do paradigma cartesiano, que fundou as bases da dominação masculina na sociedade ocidental (ROCHA, 2004).

Essa violência simbólica não consiste em algo concreto, mas sim em uma violência que se dá de forma subjetiva, nas representações socioculturais; é uma violência sutil e, sobre esta sutileza, Bourdieu (2000, p. 7-8) define:

Violência simbólica, violência suave, insensível, invisível as suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento, ou em última instância, do sentimento. Essa relação social extraordinariamente ordinária oferece também uma ocasião única de apreender a lógica da dominação, exercida em nome de um princípio simbólico conhecido e reconhecido tanto pelo dominante quanto pelo dominado, de uma prioridade distintiva, emblema ou estigma, dos quais o mais eficiente simbolicamente é essa propriedade corporal inteiramente arbitrária.

A dominação masculina está de tal maneira entranhada no nosso inconsciente que não a percebemos mais como uma forma de domínio, pois a sua construção está relacionada ao contínuo e incessante trabalho de des-historização que não só ‘naturaliza’ esse processo como o faz invisível aos nossos olhos (BOURDIEU, 2007).

Assim, Bourdieu (2002a), condizente com sua teoria, trata a questão da “dominação masculina”, principalmente, a partir de uma perspectiva simbólica. Para ele, a dominação masculina seria uma forma particular de violência simbólica. Por esse conceito, o autor compreende o poder que impõe significações como legítimas, de forma a dissimular as relações de força que sustentam a própria força.

A dominação masculina está presente, de forma subliminar, nos mais variados processos sociais. Ela interfere tanto na moda, como na tecnologia, define as formas de vestir-se, de morar, de relacionar-se, conduz as expectativas de estudo e escolha profissional. Através de vários mecanismos e instituições, conduz ao trabalho de reprodução dos valores que ajuda a construir. Neste momento, voltamos nosso olhar aos valores relacionados à construção do poder e da violência simbólica nas relações afetivas no namoro entre adolescentes.

Cabe afirmar ainda que dominação masculina se dá tanto no campo físico como no psicológico, sendo que este último se dá por meio da reprodução social, que, na visão de Bourdieu

(2007), verifica-se como o processo social pelo qual as culturas são reproduzidas através de gerações, sobretudo pela influência socializante de grandes instituições.

Toda instituição é uma ferramenta de socialização criada pelo próprio homem com a função de gerenciar suas relações interpessoais. A instituição normatiza, legaliza, legitima os comportamentos dos indivíduos em sociedade e também é geradora de estabilidade e segurança nas trocas sociais (RAMOS; NASCIMENTO, 2008). Sendo a família uma instituição que se apresenta como a primeira com a qual o indivíduo tem contato em sua vida, direciona-se este estudo para a compreensão da participação da família na construção das relações afetivas entre os adolescentes.

Ramos e Nascimento (2008) afirmam que o simbólico está ricamente representado dentro da família. Desde o nascimento até o casamento, o homem vive diversos ritos de passagem cobertos de simbolismo, inclusive quando nos referimos a comportamentos não esperados por uma unidade protetora como a família: "o fundamento da violência simbólica reside nas disposições modeladas pelas estruturas de dominação que a produzem" (BOURDIEU, 2007, p. 54).

A base da violência simbólica está nas estruturas que a produzem e a mantêm viva, estruturas estas que defendem o papel do homem como superior, entre as quais podemos destacar a sociedade, a família, a escola e a Igreja. Esta violência simbólica está intrinsecamente ligada tanto ao homem como à mulher, estes já nem percebem mais quando estão praticando esta violência devido à incorporação do que chamamos do *habitus*.

Na teoria de Bourdieu (1992), um dos conceitos-chave é o *habitus*. De acordo com o pensador (1992), *habitus* surge então como um conceito capaz de conciliar a oposição aparente entre realidade exterior e as realidades individuais, capaz de expressar o diálogo, a troca constante e recíproca entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo das individualidades. *Habitus* é, então, concebido como um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirido nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência), constantemente orientadas para funções e ações do agir cotidiano.

Permite saber como e em que limites ocorre o ajustamento entre as estruturas objetivas e as estruturas interiorizadas, que são incorporadas pelos sujeitos sob a forma de senso prático, para que esses possam se orientar no campo da existência social (PINTO, 2000). Nas palavras de Bourdieu (1992, p. 101):

Pensar a relação entre indivíduo e sociedade com base na categoria *habitus* implica afirmar que o individual, o pessoal e o subjetivo são simultaneamente sociais e coletivamente orquestrados. O *habitus* é uma subjetividade socializada.

Bourdieu (2002b) observa que uma das funções do *habitus* é descartar duas teorias: uma que entende a ação como um efeito mecânico da coerção de causas externas e a outra que defende a ideia de que os agentes das ações atuam de forma livre e consciente, entendendo a ação como o produto de cálculo das chances e dos ganhos.

Baseando-se nas obras de Bourdieu (1992; 2001; 2002a; 2002b;) e Vasconcelos (2002), Gomes (2014) afirma que se pode dizer que o *habitus* refere-se a um conhecimento adquirido, um haver, uma capital, indicando uma disposição incorporada. Corresponde a matrizes, social e historicamente construídas e cujo exercício será determinado pela posição social do indivíduo, permitindo-lhe pensar, ver e agir nas mais variadas situações. É um princípio que gera e estrutura as práticas e as representações que podem ser objetivamente “regulamentadas” e “reguladas” sem que, por isso, sejam o produto de obediência de regras. Diferentemente da palavra hábito, que se associa a algo cristalizado, a expressão *habitus* envolve uma capacidade criadora, ativa e inventiva. Sob esse raciocínio, o sujeito receberia e reinventaria a “herança” para a formação do *habitus*.

Apesar do *habitus*, a dominação masculina encontra na sociedade as condições para que haja a sua disseminação, visto que algumas mulheres ainda se posicionam como dependentes e submissas aos homens, tanto no que se refere ao plano econômico, social e cultural, quanto em relação a sua diferença de gênero. Estas ainda consideram o homem como seu dono, o dono da casa, dono das decisões, e a sociedade favorece para que isso não seja erradicado, reproduzindo essa imagem do homem como o dono do poder. Assim expõe Bourdieu (2007, p. 45):

A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão sexual do trabalho e de reprodução biológica e social, que confere aos homens a melhor parte, bem como nos esquemas imanentes a todos os *habitus*: moldados por tais condições, (...) elas funcionam como matrizes das percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade, como transcendentais e históricos.

Como podemos perceber, a representação do homem como parte dominante da relação com a mulher em muitos dos seguimentos da sua vida acaba sendo incorporado pelo senso comum como algo natural. As próprias mulheres acabam incorporando essa relação de poder em suas vidas como algo que é irreversível, visto que já está naturalizado na sociedade, e, não percebendo sua condição de dominada, a mulher acaba reproduzindo essa forma de violência até mesmo com outras mulheres.

O efeito da dominação simbólica (seja ela de etnia, de gênero, de cultura, de língua) se exerce não na lógica pura das consciências cognitivas, mas através de esquemas de percepção, da avaliação e de ação que são construídos nos *habitus* e que fundamentam a quem das decisões da consciência e os controles da vontade (BOURDIEU, 2007, p.49).

Para o sociólogo brasileiro Miceli (2007), o *habitus* completa o movimento de interiorização de estruturas exteriores, ao passo que as práticas dos agentes exteriorizam os sistemas de disposições incorporadas. O *habitus* é, assim, "[...] um corpo socializado, um corpo estruturado, um corpo que incorporou as estruturas imanentes de um mundo ou de um setor particular desse mundo, de um campo, e que estrutura tanto a percepção desse mundo como a ação nesse mundo" (BOURDIEU, 1998, p. 144). O *habitus* tende, portanto, a conformar e a orientar a ação, na medida em que ele próprio, como produto das relações sociais, assegura a reprodução dessas mesmas relações objetivas que o engendram (ORTIZ, 1994).

Não obstante, é importante frisar que essa análise comportamental não pode ser estruturada, segundo Bourdieu (2007), sem considerar os estímulos externos e objetivos de determinado campo social. Desta forma, para o sociólogo, existe uma cumplicidade ontológica entre o conceito de *habitus* e o conceito de campo. Dito em outros termos, a constituição de campos relativamente autônomos se dá pela incidência dos *habitus* nesses espaços, já que como nos ensina Bourdieu (2007) o campo estrutura o *habitus* em tão presente medida que o *habitus* constitui o campo.

Mais especificamente, o que o sociólogo está sugerindo é que a análise estrutural dos campos e a análise estruturante dos *habitus* fazem parte de um mesmo projeto analítico, isto é, são leituras completamente entrelaçadas, imbricadas e penetrantes. Aí reside o perigo de se tomar mecanicamente um ou outro desses conceitos e aplicá-lo na análise e compreensão de determinadas práticas e realidades empíricas, como se fosse possível, segundo a perspectiva sociológica de Bourdieu (2007), isolar os mecanismos estruturais, que constituem a sociedade, de uma análise mais específica das disposições estruturalmente inscritas nos corpos, ou melhor, incorporadas pelos agentes e vice-versa (SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2010).

Para Bourdieu (1997), todo campo se caracteriza por agentes dotados em traços gerais de um mesmo *habitus*. O campo distingue-se como um *locus* social de lutas, disputas e concorrência entre os dominantes - detentores de poder de determinado campo - frente aos dominados, que tentam se estabelecer nessa estrutura a partir da utilização de estratégias que lhe permitam ter acesso aos objetos de interesse e às posições distintas e legítimas do campo em questão. Vejamos nas palavras do próprio autor:

Um campo é um espaço social estruturado, um campo de forças - há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes de desigualdade, que se exercem no interior desse espaço - que é também um campo de lutas para transformar ou conservar esse campo de forças. Cada um, no interior desse universo, empenha em sua concorrência com os outros a força (relativa) que detém e que define sua posição no campo e, em consequência, suas estratégias (BOURDIEU, 1997, p. 57).

Além, portanto, de ser um *locus* de concorrência e relações mais ou menos acirradas pelo monopólio das tomadas de decisão e pela disputa dos capitais em jogo (do poder), os campos possuem algumas propriedades específicas e gerais de funcionamento. De acordo com o sociólogo francês, os espaços sociais, ao se constituírem como campos, produzem formas de interesse específicas que, por sua vez, podem ser consideradas como desinteresse no ponto de vista dos demais campos de produção material e simbólica (BOURDIEU, 2007).

Nas relações afetivas no namoro, nosso espaço social que se constitui como campo, acredita-se poder perceber a legitimação da violência simbólica contra a mulher sob diversos ângulos. Um deles refere-se à relação sexual, que é constituída por meio de uma relação social de dominação homem *versus* mulher, em que a mulher é, muitas vezes, vista apenas como um objeto de satisfação do desejo masculino. Nesse sentido, ressalta Bourdieu (2007, p. 54) que:

Se a relação sexual se mostra como uma relação social de dominação, é porque ela está constituída através do princípio de divisão fundamental entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo, e porque este cria, expressa e organiza o desejo masculino como desejo de posse, como dominação erotizada e o desejo feminino como desejo da dominação masculina, como subordinação erotizada, ou mesmo, em última instância, como reconhecimento erotizado da dominação.

A construção da identidade feminina se enraíza na interiorização, pelas mulheres, de normas enunciadas pelos discursos masculinos. A ênfase deve, assim, ser colocada sobre os dispositivos que asseguram a eficácia desta violência simbólica que, como escreveu Bourdieu (1989), "só triunfa se aquele(a) que a sofre contribui para a sua eficácia; ela só o submete na medida em que ele(ela) é predisposto(a) por um aprendizado anterior a reconhecê-la" (CHARTIER, 1995. p. 40). Um objeto maior da história das mulheres é, então, o estudo dos discursos e das práticas, manifestos em registros múltiplos, que garantem (ou devem garantir) que as mulheres consintam nas representações dominantes da diferença entre os sexos: divisão das atribuições e dos espaços, inferioridade jurídica, inculcação escolar dos papéis sociais, exclusão da esfera pública. Longe de afastar do "real" e de só indicar figuras do imaginário masculino, as representações da inferioridade feminina, incansavelmente, repetidas e mostradas, inscrevem-se nos pensamentos e nos corpos de umas e de outros (BOURDIEU, 1989).

As relações de gênero não podem ser entendidas como fato isolado na sociedade, pelo contrário, elas são constitutivas de toda realidade, pois o modelo paradigmático de ser homem e ser mulher regula todas as nossas atividades. Bourdieu (2003) afirma que os agentes específicos — aqui está o homem e a mulher — e as instituições — escolas, igrejas, Estado, família — são estruturadas e estruturantes neste processo de naturalização da dominação, ou seja, estes agentes, ao mesmo tempo

em que têm poder de moldar a sociedade, são por ela moldados, na medida em que não é possível estabelecer onde essa reprodução de “esquemas generativos” se inicia; em última análise, trata-se da relação dialética entre a conjuntura e a estrutura do campo. Neste sentido, afirma:

Ora longe de afirmar que as estruturas de dominação são a-históricas, eu tentarei pelo contrário, comprovar que elas são produto de um trabalho incessante (e, como tal histórico) de reprodução, para o qual contribuem agentes específicos (entre os quais os homens, com suas armas como violência física e a violência simbólica) e instituições, famílias, Igreja, Escola, Estado (BOURDIEU, 2003, p. 46).

Enfatiza-se que o *habitus* é um conceito fundamental para entender como a prática da dominação adquire um caráter natural, dado e quase divino (BOURDIEU, 2002a). O trabalho de Bourdieu (2005) torna-se útil às análises da questão do gênero, visto que seus conceitos, além de se inserirem como instrumentos importantes às tentativas de compreensão dessa instituição milenar, que é a dominação masculina, oferecem oportunidade de uma posição científica epistemológica que não se situa no polo dos determinismos estruturais, tampouco no dos subjetivistas (BOURDIEU, 2005).

4.3 A família como componente da rede de apoio social

Para identificar e analisar a violência nas relações afetivas do namoro entre adolescentes levar-se-á em consideração o contexto familiar dos adolescentes não só como primeira instituição que normatiza, legaliza, legitima os comportamentos dos indivíduos em sociedade, como já mencionado anteriormente, mas como importante elemento na rede de apoio social, no conjunto dos demais membros constituintes da rede que os cerca.

Entendemos que a família se constitui no primeiro espaço de socialização do sujeito. Com isso, os valores, a concepção de mundo, a maneira de se portar diante das dificuldades da vida assumida pela família se colocam enquanto referência para o sujeito, influenciando na formação de sua identidade. De acordo com Szymanski (2006, p. 27), “o mundo familiar mostra-se numa vibrante variedade de formas de organização, com crenças, valores e práticas desenvolvidas na busca de soluções para as vicissitudes que a vida vai trazendo”.

Assim como referida por Mioto (2000), devemos considerar a categoria família, nesta investigação, através de uma perspectiva que abrange diversas formas ou configurações, tanto no campo das culturas como no das classes e grupos sociais, sendo considerada também como o espaço privilegiado, onde se aprende a ser e a conviver — quer dizer, ela é a matriz da identidade individual e

social. Devido a isso, a família será nossa ênfase na compreensão da rede de apoio social dos adolescentes frente aos conflitos do namoro.

Entendemos rede de apoio social como conjunto de sistemas e de pessoas significativas que compõem os elos de relacionamento recebidos e percebidos do indivíduo (BRITO; KOLLER, 1999). Está associada à saúde e ao bem-estar dos indivíduos (SAMUELSSON; THERNLUND; RINGSTRÖM, 1996), sendo um fator fundamental para o processo de adaptação a situações de estresse e de suscetibilidade a distúrbios físicos e emocionais (MASTEN; GARMEZY, 1985), atuando como fator de proteção.

O desenvolvimento das relações que possuam caráter de apoio gera a interação entre grupos, o que forma uma rede. A rede de relações é definida como um conjunto de pessoas em uma população e suas conexões. A rede social, por sua vez, é definida como uma teia de relações que circundam o indivíduo, grupos de pessoas com quem há contato ou alguma forma de participação (CHOR et al., 2001).

A rede de apoio social é dinâmica, multifacetada e refere-se ao apoio recebido e percebido nas relações significativas que a pessoa mantém ao longo da vida, independente da constância destas (BRITO; KOLLER, 1999).

Antunes e Fontaine (2005) e Siqueira, Betts e Dell'Aglio (2006) referem que ela pode ser composta por diferentes domínios, como família, escola, pares, amigos e comunidade e serve como fator de proteção, pois promove o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento em situações de adversidade, moderando a relação entre o risco e o desenvolvimento dos sujeitos.

Neste sentido, a rede social aqui é identificada como um sistema de apoio formado por várias pessoas que pertencem à comunidade na qual o adolescente está inserido, como, por exemplo, amigos, vizinhos, parentes, professores, colegas, serviços de saúde e outros, que oferecem diferentes formas de apoio em situações e necessidades diversas.

Este apoio pode se configurar como emocional, material/instrumental e educacional e é caracterizado como qualquer atividade que permita, em um espaço de tempo, compartilhar vivências que têm efeito direto sobre o bem-estar do indivíduo e do grupo ao qual ele pertence (SILVA; SHIMIZU, 2007).

O apoio emocional está relacionado à estima, ao afeto, à aprovação e a ações que levam ao sentimento de pertença ao grupo. O apoio material/instrumental refere-se à ajuda financeira, à divisão de responsabilidades e a alguns tipos de serviços que propiciam auxílio neste âmbito. Por sua vez, o apoio educacional ou informativo tem por objetivo possibilitar a troca de informações entre as pessoas para que se sintam mais seguras acerca dos temas de interesse (SILVA; SHIMIZU, 2007).

Brito e Koller (1999) assinalaram que as redes de apoio social são avaliadas quanto a três aspectos distintos:

- a) Número de elos da pessoa com o ambiente;
- b) Transações de reciprocidade;
- c) Avaliação subjetiva quanto à satisfação com esses elos e à percepção da intimidade com os integrantes da rede.

A rede de apoio social tem sido avaliada através de diferentes instrumentos, questionários e entrevistas, dentre os quais utilizaremos o Modelo de Escolta Social. Esse modelo, conceitualizado por Kahn e Antonucci (1980) e reformulado por Antonucci e Jackson (1987), propõe a avaliação da rede de apoio social e afetiva na forma de um diagrama com três círculos concêntricos e hierárquicos. Os círculos representam o grau da proximidade com integrantes da rede, sendo que, no centro, encontram-se as pessoas mais significativas, baseadas no apoio (BRITO; KOLLER, 1999), do qual trataremos mais adiante em profundidade.

O termo Escolta tem uma conotação temporal a partir da qual se entende que cada pessoa pode ser compreendida, ao longo do curso de vida, como cercada por uma série de outras pessoas a quem ela está ligada por relações que envolvem o dar e receber apoio social (KAHN; ANTONUCCI, 1980). Estas relações, geralmente com familiares e amigos que estão emocionalmente próximos do indivíduo e são considerados importantes para ele, auxiliam-no a negociar de forma bem sucedida com os desafios da vida. Uma característica da escolta de apoio social é que ela tem uma conotação dinâmica e constante, ajudando o indivíduo a lidar com os desafios, mas sofre mudanças decorrentes das transformações dos papéis sociais dos seus membros (ANTONUCCI; AKIYAMA, 1987; ANTONUCCI; AKIYAMA; TAKAHASHI, 2004).

As relações da escolta podem ser uma fonte de proteção, uma vez que possibilitam que o indivíduo compartilhe experiências de vida, desafios, decepções e sucessos. Entretanto, estas relações podem também ser prejudiciais, despotencializando esforços do indivíduo e enfraquecendo suas aspirações (ANTONUCCI; AKIYAMA; TAKAHASHI, 2004; KAHN; ANTONUCCI, 1980).

Assim, o Modelo de Escolta Social permitirá a compreensão da rede de apoio social dos adolescentes. Uma rede social, quando estável, ativa e confiável, protege a pessoa na vida cotidiana, atuando como agente de ajuda e interferindo na construção e manutenção da autoestima; ela é geradora de saúde, tanto nos aspectos físicos como nos psicológicos e afetivo-emocionais (JUSSANI; SERAFIM; MARCON, 2007). O efeito positivo das redes sociais pode ser compreendido pela convivência entre as pessoas, em que os envolvidos cuidam-se uns dos outros, além de exercerem o aconselhamento e incentivo mútuo (SLUZKI, 2003).

Estudos referem que sujeitos que percebem altos níveis de apoio social apresentam adequada autoestima, autoconfiança e também desenvolvem estratégias mais adaptativas para lidar com situações adversas (LEVER; MARTÍNEZ, 2007). O apoio social pode ser considerado como uma exigência para o desenvolvimento, a fim de ajudar o indivíduo a adaptar-se ao meio.

As maiores fontes de apoio citadas na literatura são a família, a escola, os pares e a comunidade. Elas compõem a rede de apoio, que sustenta o desenvolvimento de crianças e adolescentes (BRITO; KOLLER, 1999).

Entretanto, a família e os amigos podem desempenhar o papel de fonte de apoio, assim como operar como fatores de risco. Famílias com muitos membros, com presença de doença mental, de violência, uso de álcool ou outras drogas não conseguirão se constituir em um ambiente saudável para seus membros, caracterizando-se como um ambiente de risco (STEINBERG, 1993).

Na adolescência, em especial, há um distanciamento progressivo por parte dos filhos de seus pais e um direcionamento para as relações com grupos de pares, a fim de possibilitar a busca e a construção da identidade própria (STEINBERG, 1993). Apesar desse distanciamento, entende-se que o papel dos pais tem grande influência no comportamento dos filhos e na composição de suas redes de apoio, pois a família é um agente socializador importante e é a partir dele que os adolescentes desenvolvem outras interações, ampliando suas redes sociais, envolvendo a escola, os amigos e a comunidade como novas fontes de apoio (BRITO; KOLLER, 1999).

No entanto, é relevante ressaltar que, se a família apresentar comportamentos desadaptativos, como delinquência, abuso de substâncias e atos violentos, poderá expor o adolescente a situações de risco, nas quais suas habilidades serão desafiadas, aumentando sua vulnerabilidade (BRITO; KOLLER, 1999).

Refere Sluzki (2003) que o indivíduo tem sua identidade construída e reconstruída cotidianamente ao longo do ciclo vital, contribuindo para a formação da personalidade. A depender da forma como a rede de suporte social interage com o indivíduo e colabora para a formação de sua identidade, possibilitará torná-lo mais ativo em busca de seus cuidados e com maior capacidade para enfrentamento das situações de crise, tais como a violência.

Pressupostos

5 PRESSUPOSTOS

A violência está presente nas relações afetivas do namoro entre adolescentes e manifesta-se sob diversos aspectos — físico, sexual, psicológico, simbólico. Contudo, a violência tende a ficar invisibilizada pelo ideal romântico do amor, em que as desconfianças e o ciúme são decodificados como formas de cuidado e amor, apresentando-se a violência simbólica como a principal face da violência nas relações afetivas do namoro entre adolescentes. Nesse processo, a mulher não percebe sua condição de dominada, acabando, por vezes, reproduzindo essa forma de violência ao julgar comportamentos de outras mulheres.

A participação da família no processo de naturalização da dominação masculina se constitui em uma das estruturas interiorizadas que, incorporadas pelos adolescentes, possibilitam sua orientação nas relações afetivas. Neste sentido, as várias formas de violência nas relações afetivas dos adolescentes costumam ter origem nas experiências agressivas entre os pais e presenciadas por eles, em um tipo de comunicação desrespeitosa recorrente, naturalizada, que pode afetar toda a constelação familiar.

Como já dito, a rede social coloca-se como um sistema de apoio formado por várias pessoas que pertencem à família e à comunidade nas quais o adolescente está inserido, estando associada à saúde e ao bem-estar do adolescente. A forma como esta rede se organiza, o tipo de apoio que oferece e que os adolescentes percebem receber é o que assinala a sua efetividade como fonte de apoio. Assim, a família assume a responsabilidade pela proteção do adolescente e, como parte da rede de apoio, em um sentido dinâmico, pode trazer aspectos de vulnerabilidade nas relações afetivas dos adolescentes para manifestação de conflitos e violência.

Trajetória metodológica

6 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

6.1 Tipo de estudo

Privilegiamos a dimensão qualitativa da pesquisa social para a compreensão do objeto de estudo. A pesquisa qualitativa possibilita apreender o fenômeno estudado centrando a atenção em sua especificidade, no individual, e trazendo para a análise o subjetivo e o objetivo dos sujeitos sociais, de acordo com suas visões de mundo. Segundo Gomes (2014), a abordagem qualitativa procura aprofundar a complexidade de fenômenos, fatos e processos particulares de grupos mais ou menos delimitados. Em nossa pesquisa, temos como fenômeno as relações afetivas e os conflitos/violência durante o namoro dos adolescentes.

A pesquisa antropológica e qualitativa ressalta um caráter compreensivo, relacional e reflexivo de seu processo. Assim, muitos autores se referem à "geração do material", ao invés de "coleta de dados", e a "interlocutores" no campo, em lugar de "informantes" (MINAYO, GUERRIERO, 2014). Nesse estudo, utilizamos as denominações "construção dos dados" e "interlocutores do estudo".

Polit, Beck e Hungler (2004) afirmam que o pesquisador que usa essa abordagem acredita que seres humanos únicos atribuem significados a suas experiências e que elas derivam de seu contexto de vida. Entendemos, então, que a pesquisa antropológica ou qualitativa valoriza a compreensão dos processos e não apenas dos resultados, sobretudo incluindo o que é singular em um contexto histórico e social mais ampliado, pois os indivíduos e os grupos precisam sempre ser entendidos em seu meio, em sua história e em suas circunstâncias. Por isso, realizar pesquisas qualitativas é fazer um exercício empático, hermenêutico, consciente e autorreflexivo (SARTI, 2008).

6.2 Contexto do estudo

6.2.1 Campo de estudo

O campo de estudo é concebido como um recorte que o pesquisador faz, em termos de espaço, em uma realidade social que vai representar a realidade empírica a ser estudada. Assim, o

universo empírico a ser considerado neste estudo é de adolescentes estudantes da Escola Estadual Otoniel Mota, antigo “Gymnasio do Estado”, que se situa no centro da cidade de Ribeirão Preto, interior do estado de São Paulo.

De acordo com Cunha (2001), no início do século XX, a cidade estava sintonizada com o desenvolvimento do capitalismo e exerceu um importante papel no cenário nacional. Guiados pelos interesses dos grandes produtores de café da cidade, a elite ribeirão-pretana se mobilizou e fundou, em 1907, uma das principais escolas secundárias do Estado de São Paulo - a primeira foi a Escola Normal Caetano de Campos, na capital - no intento de preparar os alunos, filhos de políticos ou de cafeicultores da região, para a educação superior. Espírito Santo (2008) discute a aceitação social dentro da instituição e consideram o ginásio caracterizado pela tolerância cultural, permitindo a coexistência, em seu interior, de ideias positivistas, católicas e protestantes. E ainda completa:

A alta exigência do ensino justifica o gradual crescimento do número de alunos, desde a primeira turma de apenas sete formandos, em 1912, até os 38 concluintes em 1927. A história da escola registra todas as reformas educacionais que foram realizadas no país e no Estado, e que foram dando maior acesso a todas as classes sociais. Assim, por exemplo, em 1947 foi aberto o curso Normal (ESPÍRITO SANTO, 2008, p. 8).

Em 1952, o “Gymnasio do Estado” se transformou em Colégio Estadual e Escola Normal de Ribeirão Preto e, em homenagem a um notável professor do tempo da fundação do colégio, passou a ser denominado de “Otoniel Mota” (ESPÍRITO SANTO; LORENZETTO; SCARPINI, 2011).

Justifica-se a escolha dessa instituição devido a sua localização central na cidade de Ribeirão Preto, o que facilita o acesso de uma população de adolescentes de diversas regiões da cidade, além de sua importância histórica para a cidade e para o Estado de São Paulo.

A instituição escola tem grande responsabilidade no processo de formação de futuros cidadãos e cidadãs ao desnaturalizar e desconstruir as diferenças de gênero, questionando as desigualdades daí decorrentes. O processo de socialização, na infância e na adolescência, é fundamental para a construção da identidade de gênero. Essa seria uma importante justificativa da opção de o campo de estudo desse trabalho ser a escola, um espaço fundamental para ampliar a compreensão e fortalecer a ação de combate à discriminação e ao preconceito.

6.2.2 Interlocutores do estudo

O universo empírico considerado nesse estudo é de adolescentes, do sexo feminino e masculino, estudantes de uma escola estadual de Ribeirão Preto/SP. Esse trabalho segue as definições da Organização Pan-americana da Saúde e da Organização Mundial da Saúde (OPAS, 1985), em que se considera como adolescente as pessoas com idades entre 15 e 19 anos.

O recorte empírico foi constituído por 19 adolescentes, de ambos os sexos, independente da orientação sexual, que se encontravam na faixa etária de 15 a 19 anos, cursando o 2º ano do ensino médio, regularmente matriculados na Escola Estadual Otoniel Mota, no ano letivo de 2014. Todos declararam ter disponibilidade para participar das atividades, interesse pela temática, admitiram um relacionamento afetivo atual ou anterior e tiveram a autorização dos pais e da escola para participar.

O tamanho do recorte empírico do estudo foi estabelecido quando se obteve informações suficientes e em profundidade para descrever o fenômeno em estudo (O'REILLY; PARKER, 2012).

6.3 Construção dos dados

Acredita-se que, para melhor compreensão da realidade dos participantes envolvidos em uma investigação, faz-se necessário o estabelecimento de técnicas que visem ao levantamento de dados, possibilitando ao pesquisador uma melhor interação com o material estudado, a fim de ampliar o entendimento do fenômeno em suas variadas dimensões. Dentre as técnicas para construção dos dados foram utilizados o grupo focal, a entrevista aberta ou em profundidade e o Diagrama de Escolta Social.

Assim, primeiramente houve a imersão da pesquisadora no campo de estudo, aproximando-se dos adolescentes de duas classes, que se encontravam na faixa etária de 15 a 19 anos, cursando o 2º ano do ensino médio na escola. O recorte empírico foi definido através da triagem dos estudantes, descrita no Apêndice A.

A pesquisadora agendou, conforme disponibilidade dos alunos e autorização dos professores, direção da escola e responsáveis pelos adolescentes, as datas para realização dos dois grupos focais. Após serem estimulados a discutir a temática do estudo nos grupos focais, a pesquisadora agendou, semanalmente, uma entrevista individual com 15 adolescentes participantes dos grupos focais, de acordo com a disponibilidade de cada um e, ao final da entrevista aberta, era aplicado o Diagrama de Escolta Social.

6.3.1 Grupo Focal

O campo da pesquisa qualitativa se constitui de diversas possibilidades metodológicas, as quais permitem um processo dinâmico de aderência a novas formas de coleta/construção e de análise de dados. Dentre essas possibilidades, o grupo focal representa uma técnica de construção de dados que, a partir da interação grupal, promove uma ampla problematização sobre um tema ou foco específico (BACKES et al., 2011).

No processo, os encontros grupais possibilitam aos participantes explorarem seus pontos de vista, a partir de reflexões sobre um determinado fenômeno social, em seu próprio vocabulário, gerando suas próprias perguntas e buscando respostas pertinentes à questão sob investigação. Desse modo, o grupo focal pode atingir um nível reflexivo que outras técnicas não conseguem alcançar, revelando dimensões de entendimento que, frequentemente, permanecem inexploradas pelas técnicas convencionais de coleta de dados (KITZINGER, 2000).

O grupo focal difere da entrevista individual por se basear na interação entre as pessoas para obter os dados necessários à pesquisa. Sua formação obedece a critérios previamente determinados pelo pesquisador, de acordo com os objetivos da investigação, cabendo a este a criação de um ambiente favorável à discussão, que propicie aos participantes manifestar suas percepções e pontos de vista (MINAYO, 2010).

O custo relativamente baixo associado a seu emprego e a possibilidade de obtenção de dados válidos e confiáveis em um tempo abreviado contribuem para a incorporação maciça da técnica de grupos focais nas pesquisas (SILVA; TRAD, 2005).

Kitzinger (2000) ainda afirma que o grupo focal pode facilitar a discussão de temas que normalmente são pouco explorados, ou até mesmo evitados, visto que tendem a gerar comentários mais críticos, e os participantes mais extrovertidos, geralmente, conseguem envolver e estimular os demais. Tal fato ocorreu claramente no primeiro grupo que foi realizado nesta pesquisa.

Assim, essa técnica foi utilizada a fim de desvelar as opiniões e percepções dos adolescentes sobre suas relações afetivas no namoro, as formas de negociação de conflitos e suas relações familiares. Entendida, nesse estudo, como uma entrevista de grupo, embora não no sentido de ser um processo em que se alternam perguntas do pesquisador e respostas dos participantes; diferentemente, a essência dessa técnica reside justamente na relação de interação entre seus participantes, no processo de construção dos dados. A coleta de informações se desenvolve a partir de tópicos que são fornecidos pelo pesquisador ou moderador do grupo (MORGAN, 1988).

Sobre os tópicos de discussão, utilizaram-se como motivação inicial figuras e questões (Apêndice C). É importante ressaltar que o ambiente dos encontros foi acolhedor, assegurando privacidade, para facilitar o debate e aprofundar as discussões. No mesmo sentido, as cadeiras foram organizadas em um círculo, a fim de promover a participação e a interação dos envolvidos. A duração de cada encontro variou de uma hora e meia a duas horas, conforme estabelecido para desenvolvimento desta técnica (TRAD, 2009).

Nesta pesquisa, o grupo focal ocorreu em uma sala da Escola Estadual Otoniel Mota, disponibilizada para essa finalidade, com as características supracitadas, tendo como único moderador a pesquisadora principal do estudo. A pesquisadora agendou, conforme disponibilidade dos alunos e autorização dos professores, direção da escola e responsáveis pelos adolescentes, as datas para realização dos dois grupos focais.

Para sua composição, há que se considerar que os integrantes possuam entre si, ao menos, uma característica comum importante, e os critérios para a seleção dos sujeitos sejam determinados pelo objetivo do estudo, caracterizando-se como uma amostra intencional. Nesse contexto, Dall'Agnol e Trench (1999) sugerem que o número de participantes esteja situado em um intervalo entre seis e quinze, sendo que, quando se deseja gerar tantas ideias quanto possível, é mais enriquecedor optar por um grupo maior, ao passo que, se o que se pretende é alcançar a profundidade de expressão de cada participante, um grupo pequeno seria mais indicado.

Dessa forma, optamos por grupos menores, um com nove participantes e outro com dez, escolhidos de forma aleatória, compostos por homens e mulheres, sendo realizado o convite aos adolescentes expondo-se a proposta do estudo e fazendo uma triagem dos alunos.

O primeiro grupo focal foi constituído por nove participantes, cinco homens e quatro mulheres. O segundo grupo focal foi constituído por dez participantes, seis homens e quatro mulheres. Portanto, realizamos dois grupos focais, ambos gravados, com o consentimento dos responsáveis pelos adolescentes e assentimento dos próprios alunos, e, em um segundo momento, foram entrevistados individualmente os participantes dos grupos, com a realização de 15 entrevistas.

6.3.2 Entrevista

Minayo (2006) considera a entrevista como técnica privilegiada de comunicação, constituindo-se na conversa entre dois ou vários interlocutores, realizada com o propósito de construir informações pertinentes para a pesquisa. Dentre suas classificações em relação à entrevista, utilizamos a do tipo

aberta ou em profundidade - em que o entrevistado é convidado a falar livremente acerca de um tema, e as perguntas do entrevistador só ocorrem para estimular a profundidade.

Segundo Angrossino (2009, p. 61), "entrevistar é um processo que consiste em dirigir a conversação de forma a colher informações relevantes". Assim, nesse estudo, seguiu-se um roteiro norteador (Apêndice B), aplicado pela pesquisadora principal, em que cada entrevistado teve a liberdade de falar sobre o tema proposto. Incluíram-se informações de identificação e informações direcionadas à apreensão de aspectos específicos sobre as vivências dos interlocutores em suas relações afetivas no namoro e as formas de manifestação de conflitos em seus contextos particulares.

Esta etapa também objetivou coletar dados referentes ao contexto das relações na família, ao processo de socialização, bem como identificar as relações que se estabelecem na família ou fora dela, com pessoas que estão emocionalmente próximas do indivíduo e que são consideradas importantes para ele no apoio frente a situações de conflitos/violência nas relações afetivas no namoro.

Algumas considerações importantes de Gaskell (2002) sobre a condução de uma entrevista individual foram respeitadas neste estudo, tais como: realizar comentários introdutórios sobre a pesquisa, agradecendo a participação do entrevistado; solicitar autorização para gravar a sessão previamente à entrevista; ser descontraído em relação à gravação, justificando a sua importância; iniciar a entrevista com perguntas simples; expressar interesse pelas informações do entrevistado; dar ao entrevistado tempo para pensar e não preencher as pausas com outras perguntas.

Todas essas considerações foram seguidas e, além disso, as entrevistas foram realizadas em um local privado da Escola Estadual Otoniel Motta, estando presentes apenas o interlocutor e a pesquisadora principal. As entrevistas ocorreram durante o período de março a junho de 2014; foi realizada uma entrevista por dia e apenas duas por semana, devido à disponibilidade dos alunos e liberação dos professores, sendo combinado com o aluno e com o professor que iria liberá-lo naquele horário uma semana antes. As entrevistas tiveram uma duração média de uma hora cada uma.

6.3.3 Diagrama de Escolta Social

Também se utilizou como instrumento de construção dos dados da pesquisa o Diagrama de Escolta Social (ANTONUCCI; JACKSON, 1987), por meio do qual se constrói a representação gráfica da rede de apoio social dos sujeitos, com relação à sua estrutura e à funcionalidade, o qual foi adaptado para o tema da pesquisa.

Apresentou-se um diagrama com três círculos concêntricos e hierárquicos ao adolescente, sendo ele, sujeito da pesquisa, posicionado no meio, como representado na figura abaixo.

Figura 1 – Ilustração do Diagrama de Escolta Social.

Solicitamos ao adolescente que nomeasse as pessoas que são próximas e importantes em sua vida, pensando:

1. Naquelas pessoas de quem ele se sente tão próximo que seria difícil imaginar a vida sem elas. Essas pessoas foram posicionadas no círculo um, o mais interno;
2. Naquelas pessoas de quem ele não se sente tão próximo, mas que, ainda assim, são muito importantes para ele. Essas pessoas foram posicionadas no círculo dois;
3. Naquelas pessoas que ainda não mencionou, mas de quem ele se sente próximo e crê serem importantes o suficiente, de modo que deveriam ser colocadas em sua rede. Estas últimas foram posicionadas no círculo três, o mais externo.

Essa etapa teve o objetivo de coletar informações relativas às características estruturais da rede de apoio social do adolescente. As pessoas foram representadas por bonecos no diagrama, assim como representado na Figura 2:

Figura 2 – Ilustração dos bonecos do Diagrama de Escolta Social.

A segunda etapa de aplicação do diagrama visou à obtenção de aspectos estruturais, bem como funcionais da rede de apoio. Realizou-se uma série de questões sobre as pessoas listadas pelo adolescente em sua rede, incluindo:

Nome	Idade	Sexo	Círculo posicionado	Tipo de relação	Tempo de conhecimento	Frequência de contato	Proximidade

Instruções:

- **Idade:** em anos
- **Sexo:** F (feminino) e M (masculino)
- **Círculo Posicionado:** 1, 2 ou 3
- **Tipo de Relação:** pai, mãe, tio(a), amigo, avô, avó, irmão(ã), primo(a)
- **Tempo de conhecimento:** em anos ou meses
- **Frequência de contato:** 1 irregularmente; 2 anualmente; 3 mensalmente; 4 semanalmente; 5 diariamente ou vivem juntos
- **Proximidade:** em tempo de deslocamento medido em minutos (ex. 60min. ou 30min.).

Figura 3 – Resumo dos aspectos estruturais e funcionais da rede de apoio.

A terceira etapa buscou as características funcionais da rede de apoio, que é avaliada quanto a seis tipos de apoio:

1. Confidenciar coisas que são importantes (exemplificar);
2. Ser tranquilizado e estimulado em momentos de incerteza (como momentos no namoro);

3. Ser respeitado;
4. Ser cuidado em situação de adversidades, como doença (e conflitos nas relações afetivas);
5. Conversar quando está triste, nervoso ou deprimido e;
6. Conversar sobre a própria saúde (e intimidades).

Nos itens 2, 4 e 6, incluímos a especificação quanto ao tema investigado: o namoro, os conflitos nas relações afetivas e íntimas.

Solicitou-se que o participante olhasse para o diagrama e indicasse nele aquelas pessoas de quem recebia cada um dos tipos de apoio e para quem fornecia cada um deles (ANTONUCCI; AKIYAMA, 1987).

TIPO DE SUPORTE	DE QUEM RECEBE?	A QUEM FORNECE?
Confidenciar coisas importantes		
Ser tranquilizado e estimulado em momentos de incerteza		
Ser respeitado		
Ser cuidado em situação de adversidades como doença e conflitos nas relações afetivas		
Conversar quando está triste, nervoso ou deprimido		
Conversar sobre a própria saúde e intimidades		

Figura 4 – Tipos de apoio recebidos e fornecidos pelos adolescentes.

Todas as etapas da construção dos dados foram aplicadas somente pela pesquisadora principal e gravadas, sendo assinados os termos de assentimento (Apêndice E) pelos adolescentes menores de 18 anos e os termos de consentimento por seus responsáveis ou pelos adolescentes maiores de 18 anos (Apêndices D e F).

6.4 Análise dos dados

Para análise dos dados construídos nas entrevistas e grupos focais, utilizamos o método de interpretação de sentidos, proposto por Gomes (2007) e Gomes et al. (2005), o qual se baseia na perspectiva hermenêutico-dialética e se volta para a interpretação do contexto, das razões e da lógica das falas, das ações, correlacionando os dados ao conjunto de inter-relações e conjunturas, dentre outros corpos analíticos.

Entende-se a hermenêutica-dialética como um encontro entre ciências sociais e filosofia. Minayo (2002, p. 101) observa que:

Enquanto a hermenêutica busca as bases do consenso e da compreensão na tradição e na linguagem, o método dialético introduz na compreensão da realidade o princípio do conflito e da contradição como algo permanente e que se explica na transformação.

Para Gomes (2014), essas duas perspectivas não são excludentes. Nesse sentido, as limitações da hermenêutica (arte da compreensão) – ao realizar o entendimento de textos, fatos históricos, cotidianidade e realidade – podem ser compensadas pelas propostas do método dialético (arte do estranhamento e da crítica). Por outro lado, segundo Minayo (2002), a dialética – ao focalizar a dissensão, a mudança e os macroprocessos – pode se beneficiar pela hermenêutica. Unindo a hermenêutica com a dialética, o intérprete pode entender o texto, a fala, o depoimento como resultado de um processo social (trabalho e dominação) e de um processo de conhecimento (expresso em linguagem), que são frutos de múltiplas determinações, mas com significados específicos.

Em relação à compreensão hermenêutica, Gadamer (2003) diz que a narrativa do sujeito é sempre marcada pela sua perspectiva particular e não contém a verdade total sobre os fenômenos em estudo. Por isso, compreender não é apenas buscar as intenções do sujeito nem contemplar, de forma passiva, sua fala ou sua ação, pois esse não se esgota na conjuntura em que vive e nem seus pensamentos e inserção social são meros frutos de sua vontade, personalidade e desejo. Ao pesquisador, que detém, ao mesmo tempo, um conhecimento empírico mais amplo e formulado por vários atores e um conhecimento teórico, que coloca seu objeto na cena científica nacional e internacional, cabe a compreensão aprofundada da lógica interna do fenômeno ou dos grupos e, ao mesmo tempo, respeitar as diferenciações internas enunciadas pelos interlocutores.

Compartilhamos do pensamento de Minayo (2012) quando ela afirma que fazer ciência é trabalhar simultaneamente com teoria, método e técnicas, em uma perspectiva em que esse tripé se condicione mutuamente: o modo de fazer depende do que o objeto demanda, e a resposta ao objeto depende das perguntas, do instrumento e das estratégias utilizadas na coleta dos dados. À trilogia, ela acrescenta que a qualidade de uma análise depende também da arte, da experiência e da capacidade de aprofundamento do investigador, que dá o tom e o tempero do trabalho que elabora; assim buscamos nesse estudo.

Compondo a ação de compreender e interpretar, esse tipo de estudo requer a contextualização dos sujeitos e dos fenômenos no tempo e no espaço e uma postura interativa e em intersubjetividade por parte do pesquisador (GADAMER, 2003), o qual deve ser capaz de não perder a capacidade de estranhar, comprometendo seu estudo.

É importante esclarecer que, das observações tecidas, decorre que nada é "dado" em estudos antropológicos e qualitativos: tudo é construído, e construído por alguém que é sujeito, tem interesses e ideologia (MINAYO, 2010) e que, por isso mesmo, interfere nas dinâmicas sociais que estuda, as quais, por sua vez, interferem sobre ele.

Assim, a partir da perspectiva hermenêutico-dialética do método de interpretação de sentidos, foram percorridos, nessa pesquisa, os seguintes passos na trajetória analítico-interpretativa da pesquisadora:

- a) A leitura compreensiva das narrativas contidas na transcrição das entrevistas e dos grupos focais, visando à impregnação, visão de conjunto e apreensão das particularidades do material;
- b) Identificação e recorte temático dos depoimentos sobre as relações afetivas dos adolescentes, as situações de conflito/violência no namoro e o contexto familiar;
- c) Identificação e problematização das ideias explícitas e implícitas no texto;
- d) Busca de sentidos mais amplos (socioculturais) que articulam as falas dos interlocutores da pesquisa à violência no namoro;
- e) Diálogo entre sentidos atribuídos, informações provenientes de outros estudos acerca do assunto e o referencial teórico do estudo e;
- f) Elaboração de síntese interpretativa, procurando articular o objetivo do estudo e a base teórica adotada, ancorados no confronto dos pontos de vista e das expressões das experiências dos interlocutores.

Nessa síntese, incorporam-se, de forma crítica, as interpretações da pesquisadora sobre as interpretações produzidas pelos adolescentes, buscando compreender as relações afetivas no namoro e visualizar as manifestações de violência presentes como forma de negociação de conflitos, considerando o contexto familiar e a conjuntura do quadro situacional explorado.

Assinalamos, por óbvio, que as pesquisas em ciências sociais e humanas não são unívocas: adotam diferentes métodos e técnicas, baseados em uma grande diversidade das construções teóricas. No entanto, teoria e método são inseparáveis, devendo ser tratados de maneira integrada e apropriada quando se escolhe um tema, um objeto ou um problema de investigação (MINAYO, 2010).

Esse trabalho foi fundamentado no referencial teórico de Bourdieu (2007) sobre poder, violência e dominação simbólica, cujas noções são adaptadas para o estudo das relações afetivas no namoro entre adolescentes, enfocando a violência nessas relações. Incorpora-se à teorização de Bourdieu (2007) as referências conceituais de gênero de Scott (1994), muito imbricadas no processo de análise.

Finalmente, para os dados obtidos pelo instrumento de Escolta Social, utilizamos a análise estatística descritiva, com a finalidade de caracterizar a rede de apoio dos interlocutores da pesquisa.

6.5 Aspectos éticos da pesquisa

A pesquisa foi realizada respeitando-se os aspectos éticos para desenvolvimento de pesquisas com seres humanos, de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) 466 (BRASIL, 2012), iniciando-se a construção dos dados somente após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. O projeto de pesquisa foi considerado aprovado em 18 de dezembro de 2013, sob o protocolo nº. 22809913.0.0000.5393 (ANEXO C).

Os atores da investigação e seus responsáveis concordaram em participar da pesquisa após serem esclarecidos sobre seus objetivos, sendo garantido o anonimato e a confidencialidade dos dados, além de estarem cientes e assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndices D e F) e o Termo de Assentimento (Apêndice E).

Foram enviadas aos responsáveis pela instituição de ensino, ao diretor da Escola Estadual Otoniel Mota (Anexo A) e à Diretoria de Ensino de Ribeirão Preto (Anexo B) solicitações de autorização para a realização da pesquisa, as quais foram concedidas.

Na apresentação dos resultados, identificamos os participantes pela letra I de interlocutor, pelo sexo, masculino e feminino, e pelo número da entrevista realizada (1 a 15) ou do grupo focal (1 e 2).

Resultados e Discussão

7 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos dados construídos por meio das técnicas de grupo focal, entrevista em profundidade e Diagrama de Escolta Social, caracterizaram-se, primeiramente, neste capítulo, os interlocutores do estudo para depois trazer a interpretação de suas falas e das ações referidas por eles, envolvendo seus contextos familiares e conjunturas.

Os dados empíricos das entrevistas e dos grupos focais foram analisados em conjunto, visto que são complementares e visam responder aos mesmos objetivos. A análise foi ampliada e aprofundada articulando-se tais dados aos achados descritivos do Diagrama de Escolta Social, por meio do qual foi construída a representação gráfica da rede de apoio social de cada adolescente, com relação à sua estrutura e funcionalidade.

7.1 Caracterização dos interlocutores do estudo

7.1.1 Características socioeconômicas

Participaram do estudo um total de 19 adolescentes, nove no primeiro grupo focal e dez no segundo, dos quais 15 foram entrevistados, posteriormente, de forma individual e reservada. Em relação ao sexo, 11 eram do sexo masculino, e oito, do feminino. Constatamos que a média de idade dos participantes foi de 17 anos, sendo que a idade variou de 16 a 18 anos. Todos estavam cursando o 2º ano do ensino médio, regularmente matriculados na Escola Estadual Otoniel Mota, no ano letivo de 2014, conforme os critérios do recorte empírico deste estudo.

Em relação aos 15 adolescentes entrevistados, oito eram do sexo masculino, e sete, do feminino, e todos tinham ou já tinham tido um relacionamento afetivo ou namoro. A renda familiar desses adolescentes variou de R\$1.500,00 a R\$15.000,00, com uma média de R\$4.500,00. Quanto ao número de membros que moravam juntos em uma mesma casa, a média foi de quatro, variando de dois a seis membros. Apenas duas famílias apresentavam uma pessoa desempregada, e todos os adolescentes referiram trabalhar, inclusive estudavam no período noturno para conciliar trabalho e escola.

Um dado bastante relevante diz respeito à localização da residência dos adolescentes, pois se justificou a escolha da instituição devido a sua localização central na cidade de Ribeirão Preto, o que facilitaria o acesso de uma população de adolescentes de diversas regiões da cidade. Tal fato realmente ocorreu, pois os 15 adolescentes entrevistados referiram morar em 12 bairros diferentes da cidade.

7.1.2 Características estruturais e funcionais da rede de apoio social dos adolescentes

Por meio da utilização do Diagrama de Escolta Social (ANTONUCCI; JACKSON, 1987), construiu-se a representação gráfica da rede de apoio social de cada interlocutor do estudo.

Sua estrutura foi caracterizada a fim de conhecer melhor os adolescentes participantes da pesquisa quanto aos dados descritivos referentes ao tamanho das redes de apoio social desses adolescentes, idade e sexo dos integrantes das redes, anos de conhecimento, proximidade da casa e frequência de contato dos integrantes e dos adolescentes, além do seu tipo de relação.

Quanto ao tamanho das redes de apoio social, os 15 adolescentes entrevistados referiram um total de 278 integrantes de suas redes sociais, criando redes com uma média de 18,5 pessoas, tendo a menor nove, e a maior, 29 integrantes. O círculo mais interno do diagrama, onde foram colocadas as pessoas mais próximas do interlocutor (pessoas sem as quais seria difícil viver), foi o que apresentou maior número de integrantes, 136, o que corresponde a 48,9% do total; com uma média de nove pessoas nesse círculo, na rede de cada adolescente. O segundo círculo foi composto por 85 integrantes de rede (30,6%), com uma média de 5,7 integrantes; e o terceiro, por apenas 57 membros de rede (20,5%).

A Figura 5 representa a rede social do interlocutor 13, ilustrada no Diagrama de Escolta Social, com um número médio de integrantes no primeiro círculo:

Figura 5 – Rede de apoio social do interlocutor 13.

Em relação à idade dos integrantes da rede, houve predominância da faixa etária de zero a 20 anos (43,88%), com idades próximas a dos interlocutores do estudo. Em segundo lugar, encontravam-se integrantes na faixa etária de 21 a 40 anos, totalizando 33,45% (122) dos integrantes de rede. Depois tivemos 17,62% (49) dos integrantes na faixa etária de 41 a 60 anos e, por fim, 5,03% (14) maiores de 61 anos. Isso pode ser explicado pelo grande número de amigos, citados pelos interlocutores, de faixa etária próxima à deles, em sua maioria.

Relativamente ao sexo, houve uma pequena diferença no número de mulheres e homens, mostrando um equilíbrio. Do total de 278 integrantes de rede, 149 eram mulheres (53,6%) e 129 homens (46,4%).

Devido ao fato de a maioria dos integrantes de rede ser de familiares já conhecidos há bastante tempo pelos adolescentes, o tempo de conhecimento entre eles e seus integrantes de rede foi elevado, uma média de 9,5 anos de conhecimento, já que a média de idade dos adolescentes é de 16,6 anos.

Dos 278 integrantes de rede mencionados, 57 (20,5%) moram com os adolescentes, e 151 (54,3%) vivem a menos de uma hora do interlocutor, logo, 70 (25,2%) moram a mais de 1 hora. No primeiro círculo (o mais próximo), 75,73% dos integrantes moram junto ou estão a menos de uma hora dos interlocutores; e, no segundo círculo, aproximadamente 73% moram junto ou estão a menos de uma hora dos interlocutores. Esse resultado pode indicar que a proximidade física contribui para a proximidade afetiva no relacionamento dos adolescentes.

As respostas para o item frequência de contato estavam dispostas de acordo com uma escala Likert, assim descrita: 1: irregularmente; 2: anualmente; 3: mensalmente; 4: semanalmente; e 5: diariamente ou vivem juntos. Esse item mostra claramente a importância, para o adolescente, de manter uma relação próxima aos integrantes de sua rede de apoio social, já que 51,08% deles (142) se encontram com o adolescente diariamente, 20,5% semanalmente, 10,07% mensalmente, 7,2% anualmente e 11,15% irregularmente.

Os integrantes de rede foram, em sua maioria, familiares, tais como: pai, mãe, filho, irmãos, primos, tios, avós, madrasta e padrasto. Também foram citados cunhados, namorados, professores e sogros, em menor número (4, 9, 6 e 3, respectivamente). Muitos integrantes citados foram amigos, 78 (28,1%), contudo, quando analisamos os familiares juntos, temos um percentual de, aproximadamente, 64% (177), o que mostra a relevância da família nas redes de apoio social dos adolescentes.

Quanto aos aspectos funcionais do Diagrama de Escolta Social dos adolescentes, como já mencionado, avaliaram-se seis tipos de apoio diferentes:

1. Confidenciar coisas que são importantes (exemplificar);
2. Ser tranquilizado e estimulado em momentos de incerteza (como momentos no namoro);
3. Ser respeitado;
4. Ser cuidado em situação de adversidades, como doença (e conflitos nas relações afetivas);
5. Conversar quando está triste, nervoso ou deprimido e;
6. Conversar sobre a própria saúde (e intimidades).

Nos itens 2, 4 e 6, foram incluídas especificações quanto ao tema investigado: o namoro e os conflitos nas relações afetivas e íntimas dos adolescentes. Além de indicar de quais pessoas da rede os adolescentes recebiam cada tipo de apoio, eles indicaram a quais pessoas forneciam cada tipo de apoio.

Quanto ao item referente a confidenciar coisas que são importantes, dos 15 respondentes do Diagrama de Escolta Social, todos informaram receber este tipo de apoio. Do total de 278 integrantes das redes indicados pelos respondentes, 47 (16,9%) são os que dão este apoio. A maioria das pessoas citadas pelos adolescentes (87,24%) encontra-se no primeiro círculo (mais interno), e 12,76%, no segundo, o que corresponde a apenas seis pessoas. Quando analisados sob o aspecto do

fornecimento deste tipo de apoio, todos os 15 respondentes afirmaram dá-lo, sendo que, do total de 278 integrantes de rede indicados, 34 (12,23%) são aqueles para quem os respondentes dão o apoio. Esse apoio é recebido e fornecido de e por mãe, pai, primos, namorado (a), irmãos e amigos, sendo os amigos referidos por 11 adolescentes.

Já o apoio que envolve ser tranquilizado e estimulado em momentos de incerteza, incluindo momentos do namoro, mostra que os adolescentes recebem esse apoio de 41 (14,7%) integrantes das redes e fornecem a 53 (19%). Envolvidos nesse apoio, predominam familiares, como pai, mãe, irmãos, namorado(a) e amigos; mas também foram citados avós e primos.

O tipo de apoio social que envolve maior número de integrantes da rede é o que contempla respeitar e ser respeitado. Os adolescentes fornecem esse apoio a 255 (91,7%) integrantes das redes, de um total de 278, e o recebem de 252 (90,6%) integrantes. Os adolescentes referiram que não recebem esse apoio de apenas 23 pessoas e não fornecem a 26 pessoas, devido a alguns desentendimentos.

Ser cuidado em situação de doença e conflitos nas relações afetivas foi outro tipo de apoio avaliado. Do total de 278 integrantes das redes indicados pelos respondentes, 49 (17,6%) são os que dão este apoio, com uma média de 3,2 pessoas citadas por cada adolescente. Quando analisados sob o aspecto do fornecimento deste tipo de apoio, todos os 15 respondentes afirmaram dá-lo, sendo que, do total de 278 integrantes de rede indicados, 100 (35,97%) são aqueles para quem os respondentes dão o apoio, com uma média de 6,6 pessoas citadas por cada adolescente, variando de 0 a 22 pessoas. Esse apoio é recebido e fornecido por mãe, pai, namorado(a), irmãos e amigos, além de aparecer, nesse momento, a figura da madrasta, contudo a mãe é a mais citada.

Quando os adolescentes estão tristes, nervosos ou deprimidos, os dados mostram que eles conversam com menos pessoas, variando de zero a seis pessoas em cada rede, com uma média de 2,3 pessoas. No entanto, os adolescentes fornecem esse apoio para 3,6 pessoas em média em cada rede, com um total de 54 pessoas das 278 componentes de todas as redes. Prevaecem as figuras dos amigos, mãe e namorado(a).

Finalmente, com relação a conversar sobre a própria saúde e intimidades, esse apoio aproxima-se do anterior, pois o número de pessoas citadas também é menor. Das 278 pessoas que compõem as redes, os adolescentes conversam com apenas 36 (12,9%) pessoas e fornecem esse apoio para 39 (14%), havendo um adolescente que refere não conversar com ninguém, e a maioria cita a mãe e o(a) namorado(a).

Após a caracterização dos interlocutores e de suas redes de apoio social, apresentamos a análise das linguagens verbal e não verbal (apreendidas pela pesquisadora) expostas pelos

adolescentes nas entrevistas e grupos focais, em que se depreenderam três categorias temáticas centrais, com seus respectivos núcleos de sentido:

- **Os significados das relações afetivas dos adolescentes**
 - *Os sentidos de ficar e namorar e suas relações com ciúme, gênero e violência simbólica;*
 - *Isolamento social – “se você não pode o outro também não pode”.*
- **(Des)igualdades de gênero no namoro: da (des)construção da violência simbólica à expressão de outras formas de violência**
 - *Posicionamento da mulher frente à dominação masculina;*
 - *As situações de violências física, sexual e psicológica no namoro: quem realmente é o agressor?*
- **A (re)estruturação da família e sua função na rede de apoio social do adolescente**
 - *O mosaico familiar do adolescente contemporâneo e a funcionalidade da família como rede de apoio;*
 - *Participação da família nos processos sexuais e reprodutivos do adolescente;*
 - *Violência intrafamiliar – naturalização.*

Para Oliveira (2002), deve-se pensar a linguagem na perspectiva de uma prática social, na qual, a fala, moldada pelas relações de poder e ideologias, apresenta-se como processos de significação, manifestação de pontos de vista, de subjetividades, provocando efeitos nas construções identitárias. Sendo assim, deve-se pensar uma concepção de linguagem para além das relações que se estabelecem nos limites da língua, condensando a ideia básica de que todo fato de significação é resultado de um trabalho social, realizado por sujeitos ativos no processo de interação/troca/comunicação verbal, fazendo emergir signos portadores de valores sociais, definidos a partir do horizonte social de sua época e pelas formas das relações sociais nas quais se constroem.

7.2 Os significados das relações afetivas dos adolescentes

O mundo pós-moderno configura-se em um quadro de rápidas transformações sociais, culturais e comportamentais, principalmente no contexto do adolescente, tanto em função de sua vulnerabilidade, quanto devido à sua abertura ao novo e à necessidade de romper barreiras e padrões pré-estabelecidos (SANTROCK, 2003).

Grande parte dos adolescentes brasileiros tem sobrevivido a um cotidiano permeado por inúmeras atividades, especialmente pela necessidade de conciliar a escola com o trabalho, saindo de

casa entre 6-7 horas da manhã e retornando por volta da meia noite. Alguns desses adolescentes possuem, ainda, uma rotina de trabalho que inclui o final de semana, ficando sem tempo para atividades que, até então, eram consideradas próprias da idade, como o lazer, os relacionamentos afetivos e certo grau de ociosidade (OLIVEIRA et al., 2005).

Essa realidade descrita por Oliveira et al. (2005) é exatamente o que ocorre na vida dos adolescentes participantes deste estudo, pois todos os 15 interlocutores referiram trabalhar, estudar à noite para conciliar a escola com o trabalho, sair cedo de casa, retornando bem tarde, e possuir atividades em casa.

Permeando esse cotidiano e o dia-a-dia estressante de um trabalhador, os adolescentes comportam-se de modo específico na atualidade, já que há uma fluidez ou uma navegação social, ausentes nas gerações anteriores. Essa fluidez/navegação possui, como característica, a combinação de comportamentos pautados em um grau de liberdade pessoal frente a padrões estabelecidos pelas pessoas com as quais convive e a protocolos sociais (OLIVEIRA et al., 2007).

Um exemplo dessa situação é a variedade que esse grupo possui de se relacionar afetiva e socialmente, bem como os intercâmbios estabelecidos entre duas modalidades de relacionamento. Essas modalidades incluem tanto relações pautadas na fidelidade mútua e no sentimento, quanto aquelas basicamente instantâneas, momentâneas, correspondendo a necessidades físicas e fisiológicas, sem continuidade ou aprofundamento na vida dos adolescentes (OLIVEIRA et al., 2007).

Dessa forma, nessa primeira categoria temática central, identificam-se dois núcleos de sentido: *Os sentidos de ficar e namorar e suas relações com ciúme, gênero e violência simbólica*; e *Isolamento social – “se você não pode o outro também não pode”*.

O núcleo de sentido “*Os sentidos de ficar e namorar e suas relações com ciúme, gênero e violência simbólica*” articula informações sobre como os adolescentes percebem algumas dimensões da sexualidade, o início da vida sexual, as interações afetivo-sexuais e o posicionamento dos adolescentes frente a questões de gênero e conflitos/violência na relação.

Tanto o namoro quanto o ficar são formas de interações afetivo-sexuais dos adolescentes. São formas de exercício da sexualidade, de socialização e da construção da identidade. (ABRAMOVAY; CASTRO; SILVA, 2004).

Nas falas dos adolescentes, o ficar configura-se como uma interação afetiva e sexual em que se pode lidar com as demandas referentes às relações de namoro, consideradas mais rígidas. Neste sentido, o ficar aparece como uma forma alternativa ao namorar, cujos aspectos mais enfatizados pelos adolescentes dizem respeito ao relaxamento dos acordos mais complexos, pertinentes às relações estáveis. Assim, muitos adolescentes optam por ficar, ao invés de namorar:

"Eu geralmente só fico. Namorei um mês, um mês e pouco. Eu fiz sucesso aqui (na escola) à tarde!" (I1 masculino – Entrevista individual).

"Pra te falar a verdade, eu nunca gostei de namorar" (I4 masculino – Entrevista individual).

A obrigação da fidelidade é uma das dificuldades que o ficar minimiza, proporcionando uma maior flexibilidade das trocas afetivas. Esse afrouxamento propiciado pelo ficar é ressaltado pelo fato de que namorar diminui a liberdade de ir e vir e exige muita responsabilidade:

"Eu acho que é um namoro ciumento, daqueles que um prende o outro. Aquela história de que ser solteiro tem liberdade, namorando não tem" (I8 feminino - Grupo Focal 2).

O ficar é classificado, então, como uma modalidade de interação afetiva caracterizada pela superficialidade e pela ausência de compromisso. Esse tipo de interação traz para os adolescentes certa descontração no que se refere aos códigos estabelecidos para as relações de namoro:

"A gente é bem unido. Estamos juntos há quase três anos, a gente é bem amigo, conversa bastante. Porque eu acho que, assim, namoro não é só amasso, beijos, é quando você conhece alguém e gosta, é quando a paixão começa a surgir, o amor, você começa a ter respeito, afinidade, você quer dividir sua vida com alguém... A gente é um casal novo, mas a gente não fica saindo, porque, lá na frente, a gente já vai ter conquistado a nossa própria casa, já vai ter um estado de vida melhor e vai poder viajar, passear e aproveitar o que a gente não está aproveitando agora" (I5 feminino – Entrevista individual).

É importante a definição e distinção entre ficar e namorar na perspectiva dos adolescentes. Associa-se o ficar à promiscuidade (ficar com vários), à falta de moral, o que acaba desqualificando essa relação:

"Meu irmão largou ela e ela mora lá pertinho de casa. Ela é a maior safada, não se valoriza, fica com qualquer um que vê pela frente" (I1 masculino – Entrevista individual).

Entretanto, é importante perceber que essa desqualificação descrita acima pelo adolescente I1 não foi realizada pelo único fato de o relacionamento ser o ficar, mas também pela protagonista da ação ser uma mulher. Socialmente, o que se espera de uma mulher é que seu número de experimentações sexuais seja reduzido. Segundo Borges e Nakamura (2009), o comportamento sexual pode ser estimulado, entre outros, em razão da difusão de modelo de comportamento sexual ditado pelos pares, moldado pelo próprio significado atribuído culturalmente à sexualidade, no qual aos homens cabe o papel de não resistir ao impulso sexual, e às mulheres cabe o papel de controlar seus impulsos, ratificando as relações de gênero, presentes no cenário da vida sexual dos adolescentes.

O relacionamento sexual está presente no namoro e também pode estar presente no ficar. Contrapondo-se à ideia exposta acima por Borges e Nakamura (2009), o comportamento da mulher

frente ao sexo, muitas vezes, aproxima-se do comportamento masculino na contemporaneidade; a diversidade de gênero ainda é marcante, mas já se percebem atenuantes, pois a mulher se expressa um pouco mais sexualmente, expondo seus desejos:

"Porque as duas partes hoje em dia querem o 'lepo lepo' (sexo), só que o homem é mais assim: ele quer e já vai falando. Antigamente, você tinha que perder uns dois anos da sua vida pra conseguir fazer um 'lepo lepo' decente. Hoje você chega, assim, e diz: 'Oi, tudo bem?' E elas dizem: 'Vamos para o lepo lepo!'" (I3 masculino - Grupo Focal 1).

Apesar dessa modificação aparente, a exigência social da virgindade da mulher ou do menor número possível de relações sexuais ainda está presente:

"...essa minha atual, agora, que é a primeira (namorada), ela me ligou. Aí o 'lepo lepo' (sexo) rolou, foi no clube, atrás do tobogã. Ela ainda era virgem. Graças a Deus! Perdeu a virgindade no tobogã" (I3 masculino - Grupo Focal 1).

O interlocutor I3 diz que "Graças a Deus!" a namorada ainda "era virgem", deixando claro a importância da virgindade para a mulher, em sua opinião. Observa-se que as questões de gênero têm se mostrado fundamentais nas escolhas que cercam as relações. Em relação à mulher, ao mesmo tempo em que existe o desejo de se descobrir, impõe-se a necessidade de se 'preservar'. A perspectiva de gênero recomenda que as diferenças entre os sexos não devam ser naturalizadas, mas as considera como consequência de uma construção social e cultural dos significados do que é ser homem e do que é ser mulher, hierarquias e relações de poder em cada tempo, espaço e grupo social (BORGES; LATORRE; SCHOR, 2007).

Nas falas dos interlocutores, também se percebe não haver contornos rígidos que determinem a impossibilidade do ficar se transmutar em uma relação de namoro. Alguns adolescentes relatam que o namoro pode se originar do ficar e, além disso, o namoro caracteriza-se por ser um relacionamento longo, diferente do ficar, que costuma ser efêmero:

"A gente começou a conversar, depois eu fiquei com ela e depois eu pedi pra namorar com ela. (...) Era legal porque eu via ela bastante, ela me tratava bem e eu também tratava ela bem" (I11 masculino – Entrevista individual).

"Eu fiquei duas semanas com meu namorado, aí ele me pediu em namoro num sábado e já tem 2 anos e 5 meses" (I5 feminino - Grupo Focal 1).

"A gente planeja tudo, a compra do apartamento, móveis, a gente já saiu pra fazer cotação de preço, a nossa meta. Tudo bem que está cedo, mas a gente vai tendo uma noção" (I5 feminino – Entrevista individual).

As intensas mutações verificadas no seio das sociedades contemporâneas inseridas em processos inéditos, a datar das recentes e rápidas revoluções tecnológicas de informação, revertem-se em novas maneiras de se relacionar amorosamente com o outro; por exemplo, as mudanças propiciaram novas regras e novos espaços para o contato com o outro (SILVA; TAKEUTI, 2010).

A velocidade com que os relacionamentos ocorrem é rápida, sendo a tecnologia e a internet bastante presentes como ferramentas de conexão entre os pares. O que se observa é que a internet viabiliza esses relacionamentos de forma rápida e prática:

"A minha namorada eu conheci num chat, pela internet. Na época eu tinha 15 anos. Eu vi uma foto de uma menina linda e comecei a conversar com ela. E ela começou a me dar bola... Eu liguei a webcam e era mulher e linda! No outro dia eu já fui na casa da amiga dela. Pra ligar a webcam demorou umas 2 horas! Aí quando eu cheguei na casa da amiga dela (...) conversamos uns 20 minutos, a gente ficou, saímos e aí a gente começou a namorar. Num dia eu conheci ela, no outro eu a vi pessoalmente e no outro já estava namorando" (I3 masculino - Grupo Focal 1).

A internet tornou-se uma esfera em que novas formas de se relacionar estão sendo estabelecidas, como, por exemplo, o namoro virtual. A influência da tecnologia da informação vem entremeando cada vez mais as relações amorosas e, conseqüentemente, alterando-as, pois elas, ao menos precedentemente, somente eram possíveis, na maioria das ocasiões, em âmbito presencial. Hoje, contudo, com o ingresso das máquinas informacionais, elas podem ser virtuais, ou melhor, podem ser construídas, consolidadas e mediadas por um computador ligado em rede (SILVA; TAKEUTI, 2010).

As conseqüências de tais processos parecem incidir sobre condutas e práticas amorosas. Os novos contextos abriram caminhos que redefinem e redesenham a própria forma de se relacionar e, em conseqüência, novos modos de subjetivação podem surgir.

Em um estudo sobre o amor contemporâneo e as relações na internet, Vieira e Cohn (2008) buscaram desvendar algumas particularidades que são típicas das relações amorosas virtuais. Afirmam que a internet tornou-se um espaço em que se podem conhecer várias pessoas na mesma noite, sem, contudo, sair de casa, ao mesmo tempo em que se mantêm ou se terminam relações já estabelecidas. Portanto, a internet não é uma substituta das relações presenciais, ao contrário, é mais uma esfera de interação com o outro.

As autoras ainda revelam existir certas facilidades na forma de se relacionar com o outro quando há a mediação da internet. É possível que as pessoas, ao estabelecerem uma relação virtual, possam, a princípio, falar de si, expor-se ao outro com maior destreza. A distância, assim como a ausência do corpo, "ajudaria o sujeito a se expor em questões que, com o corpo presente, teria vergonha ou receio", ou seja, a ausência da expressão corporal pode facilitar o contato com o outro. Os

internautas, nesse sentido, puderam revelar-se ao outro sem temer demonstrar “nervosismo no suar das mãos, no desviar do olhar, no tom da voz” (VIEIRA; COHN, 2008, p. 97).

As falas dos adolescentes também demonstram que o namoro está relacionado a sentimento, afeto, e que solicita um comportamento e indumentária adequados à seriedade que o relacionamento exige, geralmente unilateral, por parte da mulher; assim como um local em que pessoas “sérias” podem frequentar:

“Se fosse namoro, eles estariam em casa, sentados no sofá, assistindo TV, um do lado do outro, abraçados” (I12 masculino - Grupo Focal 2).

“Não é um relacionamento sério porque ela está com essa roupa, num lugar inadequado e ela está com essa carinha de ‘Oi! Tudo bem?’, e ele está com cara de safado, que quer pegar ela, mas não sente nada por ela” (I8 feminino - Grupo Focal 2).

“Olha, eu acho que rodeio, Carnabeirão, Peruada, isso é pra quem está solteiro, pra quem quer curtir a vida. Agora, quando você namora, eu acho que é um programa mais casual, tipo sair pra jantar com os amigos, cinema, shopping. Não é aquela coisa de você fica indo para a balada sozinha, tipo hoje meu namorado está indo para tal festa e eu vou para tal festa. Pra mim, isso não é namoro” (I5 feminino - Grupo Focal 1).

“Pra você ter uma noção, ontem meu avô veio me contar que o moço que trabalha com ele foi levar a namorada no rodeio e, quando ele foi ao banheiro, os caras chegaram em cima da namorada dele. E, como é grupinho, falaram assim: ‘Você trouxe ela para cá, se ela está namorando ela não tem que vir pra cá, agora ela é nossa’. Então você tem uma noção, que não é lugar pra ficar indo quando você namora” (I5 feminino - Grupo Focal 1).

Como se pode verificar pela fala acima, a mulher é vista como objeto do desejo masculino, o que se caracteriza como violência simbólica contra a mulher. Destaca-se a necessidade de se deslocar o debate da redução da mulher como objeto da violência – expresso em uma vitimização exclusiva – para a promoção do sujeito que vivencia situações de violência – ancorada em uma perspectiva relacional de gênero. Esse debate, caminhando na direção oposta de reificação das associações homem-agressor e mulher-vítima, pode contribuir para que as pessoas (homens e mulheres), frente às diferenças, não promovam a desigualdade ou contribuam para que ela se perpetue (GOMES, 2003).

Nesse contexto relacional, o ciúme apresenta-se como sinal de amor e cuidado e, se ausente, essa mulher torna-se apenas um objeto do desejo masculino e não sua namorada, verdadeiramente. Na fala que segue, a interlocutora afirma que o homem não tem ciúmes, assim, provavelmente não tem intenção de respeitar a mulher ou namorar sério com ela:

“Ele não tem ciúmes dela, porque ela está pelada. Ele só quer abusar dela, ele não quer namorar sério com ela” (I8 feminino - Grupo Focal 2).

Observam-se conexões entre o ciúme e o mito do amor romântico. Abaixo uma das adolescentes cita que sente falta do ciúme do namorado, associando novamente o ciúme ao amor:

"Às vezes, eu ligo um pouco, porque não que eu quero que ele tenha ciúmes, mas, às vezes, ele é muito tranquilo. Tem umas coisas que é até demais, ele se garante demais, e eu sou muito ciumenta e não consigo me controlar, e ele se controla ou não demonstra" (I8 feminino – Entrevista individual).

O ciúme aparece como um componente-chave das falas construídas pelos adolescentes protagonistas do estudo quando abordam e debatem acerca das relações de namoro e ficar, de maneira que suas experiências e sentidos parecem revelar o ciúme, nesse primeiro momento, como expressão de amor e cuidado, ou seja, como aquele componente que dá um toque extra às relações amorosas.

Porém, há também revelações sobre outros significados para o ciúme: os adolescentes o relacionam e o abordam, ainda que silenciosamente, como um dos aspectos significativos presentes no processo de construção da violência de gênero (TEIXEIRA, 2009), ou seja, apresenta-se a violência simbólica. Segundo Gomes (2008), ao se considerar determinadas características como exclusivas de um gênero específico, as falas podem se configurar como facetas dessa violência:

"Roupa é outra coisa. Tem o tipo de roupa, que nem essa daqui ele não gosta, ele acha muito decotada. Short ele não gosta que eu saia na rua" (I5 feminino – Entrevista individual).

"Ele tem ciúmes, com essas coisas de não usar short curto na rua... mas não é nada demais, eu também não dou muito motivo" (I8 feminino - Entrevista individual).

"Sair desse jeito (refere-se à roupa curta da namorada) quando eu não estiver perto, não" (I4 masculino - Grupo Focal 2).

"Quando a mulher sai assim (refere-se à roupa curta), ela não se valoriza, pra ela se valorizar, tem que sair com uma roupa normal" (I12 masculino - Grupo Focal 2).

"Pra ela sair assim (refere-se à roupa curta), acho que ela tinha que pedir opinião. Tem namorado que deixa" (I12 masculino - Grupo Focal 2).

Como vemos, as falas apresentadas apontam para o ciúme como ferramenta de controle e de dominação nas relações afetivo-sexuais, convergindo com as reflexões produzidas pela teoria feminista de gênero, que chama a atenção, por um lado, para analisarmos criticamente as situações em que o ciúme emerge como sinônimo de amor; e, por outro lado, para identificar as possíveis conexões entre o mito do amor romântico, o ciúme e a violência simbólica como parte do processo de construção da violência de gênero.

Por certo, o ciúme disfarçado de amor contribui para a construção de um imaginário machista, que o naturaliza como próprio das relações afetivo-sexuais. E, ao mesmo tempo, invisibiliza as

possíveis tensões e conflitos, intra e interpessoais, gerados face ao ideal de amor romântico, modelo de amor propagado e (re)produzido no cotidiano de muitos namorados apaixonados (CORIA, 2007; HERRERA, 2011; LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2008), como vemos:

"... menina é ciumenta e se eu falar está falado" (I1 masculino – Entrevista individual).

O sistema sexo/gênero incide na forma como os adolescentes vivenciam suas relações afetivo-sexuais, de modo que, segundo Bosch et al. (2007), as meninas se caracterizam por mostrar uma idealização do amor e uma entrega incondicional à relação amorosa, um elevado sentimento de proteção e cuidado do outro, acima da satisfação de suas próprias necessidades e interesses; um conceito de amor que envolve sacrifício de si mesmo. Ao contrário, os meninos, no exercício de sua masculinidade, mostram uma disposição muito menor à renúncia, ao sacrifício e à entrega e uma maior contenção emocional.

"Se a mina fala que vai sair do jeito que ela quer, então ela que vá sozinha, que se foda" (I16 masculino - Grupo Focal 2).

No que se refere à masculinidade, baseado em Connell (2007), Keijzer (2003) e Oliveira (2004), entende-se tal expressão como um espaço simbólico que serve para estruturar a identidade de ser homem, servindo de modelo para atitudes, comportamentos e emoções a serem seguidos. Nesse sentido, a masculinidade – situada no âmbito do gênero – representa um conjunto de atributos, valores, funções e condutas a serem seguidos pelo ser homem, variando no tempo e, especificamente, nas classes e nos segmentos sociais.

A dominação masculina é exercida como forma de violência materializada nas brigas e simbolizada na culpabilização da mulher. Em entrevista individual, a adolescente I5 expõe seus sentimentos em relação a ser mulher:

"Tudo que acontece a culpa é da mulher. Quando a gente briga, a culpa não é dele, a culpa é minha" (I5 feminino – Entrevista individual).

A adolescente I8 verbaliza a relação direta de namoro e violência:

"Se fosse namoro, eles estariam, provavelmente, discutindo, porque a gente só briga, né!" (I8 feminino - Grupo Focal 2).

A adolescente I10 concorda com a fala de I8 durante o segundo grupo focal e reforça que, no namoro, apenas o início é bom:

"Nos três primeiros meses é fofo. Eles estão rindo, felizes..." (I10 feminino - Grupo Focal 2).

E as brigas/violências são verbalizadas com naturalização:

“Eu já namorei por um ano, era um namoro normal, brigas, beijos, abraços” (I12 masculino – Entrevista individual).

Minayo, Assis e Njaine (2011) discutem, em um relevante estudo nacional, a elevada frequência das distintas formas de violência presentes nas relações afetivas atuais de namoro ou de ficar vivenciadas por adolescentes entrevistados em dez capitais brasileiras. Os dados mostraram que, aproximadamente, 87% dos adolescentes já foram vítimas e já praticaram algum tipo de agressão/violência durante o relacionamento, seja ela física, sexual ou psicológica. Foi constatada a presença íntima e corriqueira de, pelo menos, uma forma de violência no relacionamento de namoro ou ficar dos adolescentes participantes desse estudo, assim como percebemos nas falas dos interlocutores acima.

No segundo núcleo de sentido, *Isolamento social* – *“se você não pode o outro também não pode”* –, os significados presentes nas relações de namoro dos adolescentes são marcados pelo controle recíproco da vida do(a) parceiro(a), no sentido de desejar saber tudo o que ocorre em seu cotidiano e de se afastar de seus círculos sociais devido ao namoro e ao ciúme que ronda a relação permanentemente, como vemos pela fala seguinte:

“O que eu prezo é contar. Porque eu conto tudo pra ela, então eu quero tudo dela pra mim. Então, vamos supor, se ela conta por cima e eu pergunto por que ela não contou tudo pra mim, ela responde: ‘Porque não, eu achei que você ia ficar bravo’. Se eu falo que estou conversando com umas meninas lá na escola, ela já vira o capeta! Eu só posso ter amigo homem” (I3 masculino - Grupo Focal 1).

“Eu acho que as amizades também levam a discussões no namoro. Porque o seu namorado não quer que você tenha amizade masculina, e a gente não quer que eles tenham feminina. Se você não pode o outro também não pode (...), a gente acaba que corta um pouco a amizade. Se quiser ter amizade, vamos sair entre casal...” (I5 feminino - Grupo Focal 1).

“Eu só dava atenção pra minha namorada e estava esquecendo os amigos. Saía só com ela, não saía com os amigos, aí chegou um ponto que não dava mais. Estava esquecendo os amigos” (I17 masculino - Grupo Focal 2).

“Eu e meu namorado, a gente estuda junto, final de semana a gente fica junto, a gente come junto, tudo junto! O certo é final de semana ficar junto. Se não, não tem respeito se você sair...” (I8 feminino - Grupo Focal 2).

Hintz (2003) destaca que o ciúme faz parte da relação amorosa, no entanto, nesse momento, é colocado como motivo para o isolamento social. No trecho seguinte, observam-se outras conexões entre o ciúme, o mito do amor romântico e a violência simbólica nas relações afetivo-sexuais entre adolescentes:

"Ele era muito ciumento, possessivo. Eu e meu namorado nos víamos duas vezes por semana, mas nos falávamos todos os dias. Ele era chato em relação à amizade, internet. Ele não gostava de amizade com menino, agora com menina ele não se intrometia. Dava palpite nos meus amigos do facebook, totalmente. Aquelas publicações, aquelas coisas bobas sabe, nada a ver" (I6 feminino – Entrevista individual).

"Eu estou namorando de novo, só que ela não mora aqui. Só que ela é ciumenta demais. (...) Ela não quer me deixar fazer academia. Ela não quer me deixar fazer nada! Têm uns três meses o namoro já" (I17 masculino - Grupo Focal 2).

"Só queria que eu tivesse amizade com homem. Eu sou de boa, não sou ciumento, eu não importava que ela conversasse com os amigos dela, mas ela, meu Deus do céu! Em dez dias eu já não aguentava ela mais, por causa de ciúmes. Chegava aqui na sala e eu cumprimentava um tanto de gente, ela me mandava parar" (I1 masculino – Entrevista individual).

O ciúme pode ser entendido como um conjunto de reações frente à ameaça de um rival (real ou não) a um relacionamento importante (COSTA, 2005; KINGHAM; GORDON, 2004). Está presente com frequência nas relações humanas e, quando relacionado aos casais, é denominado ciúme romântico (SALOVEY, 1986). Então, pode-se conceber o ciúme como uma emoção experimentada por um indivíduo que percebe que o amor, a afeição e a atenção do parceiro estão sendo dados a uma terceira parte, quando julga que essas oportunidades deveriam estar sendo oferecidas a ele (ALMEIDA; RODRIGUES, 2008; ALMEIDA; RODRIGUES; SILVA, 2008). A ideia de infidelidade, mesmo que não confirmada, sinaliza o ciúme em uma parceria amorosa.

Em alguns casos, o medo da perda origina ideias persecutórias, levando, possivelmente, à destruição da relação, como se a infidelidade tivesse sido consumada. Ademais, segundo muitos autores, como Almeida (2007), Almeida e Lourenço (2011) e Gomes, Amboni e Almeida (2011), o ciúme e a infidelidade são algumas das preocupações mais inquietantes constatadas em pesquisas e na clínica, em uma relação afetivo-sexual.

Por todas essas características, esse comportamento é incômodo, e o adolescente I12 verbaliza que o namoro precisa de compreensão, compartilhar grupos de amigos:

"... você tendo seus amigos sua namorada tem que aceitar. Pelo menos que ela seja amiga dos seus amigos e você seja amigo dos amigos dela. Para não entrar em desentendimento" (I12 masculino - Grupo Focal 2).

Em linhas gerais, percebe-se que o ciúme aparece como um dos elementos mais importantes no âmbito das vinculações afetivo-sexuais dos adolescentes, sendo considerado expressão de cuidado e de amor pela pessoa desejada, que se inscreve em uma acepção mais ampla de amor romântico. No entanto, no jogo discursivo, entre contradições e tergiversações, esses sentidos são ampliados, de modo que expressavam também, ainda que de forma antagônica e sutil, que o ciúme é uma ferramenta de poder e controle sobre o parceiro, uma forma de violência simbólica, capaz de refletir e (re)produzir as desigualdades de gênero no âmbito do (des)afeto entre casais.

7.3 (Des)igualdades de gênero no namoro: da (des)construção da violência simbólica à expressão de outras formas de violência

Os conceitos de masculinidade e de feminilidade são sociais e culturalmente elaborados a partir do dimorfismo biológico que marca as diferenças entre indivíduos de um e de outro sexo. É esta construção social do ser homem e do ser mulher que recebe a designação de gênero (PRAZERES, 2014), como já discutimos anteriormente.

As desigualdades de gênero que assim se estabelecem, e que marcam as vivências sociais e íntimas de homens e mulheres, estruturam-se em torno de quatro eixos (CONNELL, 2002):

- Relações de poder, nas quais, de forma global, a dominância está centrada nos homens;
- Relações de produção, expressas pelas assimetrias na divisão e na remuneração do trabalho;
- Relações emocionais, matéria na qual a visão essencialista das diferenças homem-mulher mais se expressa, em particular, nas vivências íntimas e na conjugalidade;
- Simbolismo, através do qual, em vários níveis, a ideologia do gênero continua a encontrar suporte para manter a visão dicotômica e assimétrica do ser homem e do ser mulher.

Nesta perspectiva, em particular no domínio das relações afetivo-sexuais, a suposta “dominação masculina” e “inferioridade feminina”, ancoradas nestes eixos, têm funcionado como justificação, ou álibi, para a violência interpessoal nas relações de intimidade.

Este tipo de violência consubstancia-se em formas de relações assimétricas associadas aos papéis de gênero e caracterizadas pela subjugação, dominação e poder real ou simbólico. Tratando-se de práticas socialmente construídas e enraizadas, tornam-se parte da dinâmica relacional, sendo entendidas como algo natural nas relações afetivo-sexuais.

À luz da desigualdade de gênero, analisamos esta segunda categoria temática, constituída pelos dois núcleos de sentido: *Posicionamento da mulher frente à dominação masculina*; e *As violências física, sexual e psicológica no namoro: quem realmente é o agressor?*

Em relação ao primeiro núcleo de sentido, “*Posicionamento da mulher frente à dominação masculina*”, faz-se uma discussão sobre a dominação masculina, que se apresenta de forma clara, como um processo de construção social, como uma forma de violência simbólica contra a mulher, reproduzindo-se ao longo da história. A mulher, inserida em uma sociedade historicamente marcada pelo viés androcêntrico, base da dominação masculina na sociedade, é a principal vítima dessa violência.

As adolescentes entrevistadas se posicionam como reprodutoras das ideologias de gênero, contribuindo para a dominação masculina como forma de violência simbólica, como podemos constatar pelas falas seguintes:

"Eu acho que isso não é roupa apropriada para uma mulher que namora usar. E outra, meu namorado implica comigo se eu sair de shortinho sozinha. Com ele, até vai, mas eu não sou daquelas que gosta de usar coisa curta, sabe. De vez em quando até vai, pra sair à noite, mas eu acho que isso não é roupa apropriada para quem namora. E pra quem é solteira, fica com outros tipos de fama: piriquete, galinha, essas coisas" (I5 feminino - Grupo Focal 1).

"Essa menina tira foto com esse tipo de roupa, ela vai para as festa com esse tipo de roupa, eu acho que não é coisa de uma menina que namora fazer" (I7 feminino - Grupo Focal 1).

"Você pode estar com aliança, com a roupa comportada que eles não te respeitam. Agora imagina se você está andando assim, como na foto (roupa curta), aí que eles vão achar que podem passar a mão" (I5 feminino - Grupo Focal 1).

"Quando se namora, você tem que se respeitar, não vai com uma roupa assim, mesmo se o namorado deixar" (I10 feminino - Grupo Focal 2).

As mulheres, por conta do desconhecimento e mascaramento em que estão fundadas as relações sociais de desigualdade entre os sexos, "[...] submetem-se às normas que definem o que deve ser o corpo, não só na sua configuração perceptível, mas também na sua atitude, na sua apresentação, etc." (BOURDIEU, 1983, p. 201).

As falas das adolescentes afirmam sua cumplicidade, mesmo de forma inconsciente, em sofrer uma violência insensível, invisível, suave, naturalizada, o que as faz reafirmar um comportamento como o de I3:

"Em 22 de janeiro eu levei ela ao shopping, comprei as alianças pra fazer uma surpresa. Comprei uma correntinha com a letra do meu nome pra saber que tem dono" (I3 masculino - Grupo Focal 1).

Como é possível ver, o adolescente I3 compra uma correntinha para a namorada simbolizando seu amor, porém sua maior intenção é que todos saibam que ela "tem dono".

A violência simbólica define-se, em um primeiro momento, como uma violência dissimulada, o que lhe confere poderes particulares e eficácia específica. Tal violência não pode ser usada independentemente, pois não é um tipo distinto de violência. Ela é violência física mascarada e, por conseguinte, invisível e esquecida. Conforme afirma Terray (2005, p. 304), "esse tipo de violência tem por efeito, estabelecer a legitimidade de um discurso, de decisão, de um agente ou uma instituição, entretanto, as relações de força que originam a violência simbólica, são desconhecidas".

Terray (2005) prossegue em sua análise, dizendo que a função da violência simbólica é reprimir a arbitrariedade. No entanto, para o autor, ela conserva o traço indelével daquilo que combate,

pois permanece fundada em uma relação de força cujo caráter arbitrário é irredutível. O autor reforça que, dessa maneira, a violência simbólica assemelha-se a uma prisão invisível, sem paredes nem portas e finaliza dizendo que "[...] se a violência simbólica atrai um poder suplementar porque nela a violência é mascarada, ao contrário, sua força diminui quando sua máscara lhe é arrancada e ela é forçada a aparecer de cara limpa" (TERRAY, 2005, p. 307), como vemos no trecho abaixo:

"Eu cheguei lá e ela estava toda roxa no pulso, no braço e a mãe dela deixou. A mãe dela deixou! Ela falava assim: 'Ah, tem que apanhar mesmo, fica beijando outros meninos sendo que tem namorado!'" (I2 feminino – Entrevista individual).

Acrescenta-se a essa análise o fato de que a violência simbólica evoca o que é legítimo e aceitável por meio de imposições tácitas. Devemos, além disso, notar que o reconhecimento e a aceitação do que é legítimo para um campo em específico, normalmente não se aplica, da mesma maneira, a outro. Entretanto, o processo é idêntico: o reconhecimento da legitimidade se enraíza no acordo imediato entre as estruturas incorporadas, tornadas inconscientes.

Por sua vez, esse acordo pré-reflexivo potencialmente explica a facilidade, de fato, espantosa e recorrente com que os dominantes (adolescentes homens) impõem sua dominação (BOURDIEU, 2007).

Transportando, portanto, o conceito de legitimidade às nuances da dominação masculina, a qual se pauta em leis andrógenas, Bourdieu (2007) alega que o paradoxo não está nas diferenças visíveis do corpo feminino ou masculino, que se dá partindo de uma visão androcêntrica, e sim na instituição de características biológicas como sendo duas essências sociais hierarquizadas, que se legitimam e se naturalizam frente aos dominados (adolescentes mulheres). Dito de outro modo, as diferenças biológicas são evocadas e mobilizadas no sentido de fundamentar as diferenças sociais e, por conta disso, elementos que engendram a distinção entre o ser masculino e o feminino são enaltecidos e as semelhanças obscurecidas.

Contrapondo-se às relações de desigualdade e redefinindo o poder nas relações do namoro, as adolescentes também se posicionam contra o que se espera delas socialmente:

"Eu acho que ele não manda na minha roupa. Eu choro, mas eu não troco de roupa. Se você vê que a roupa não está curtinha e ele quer que você vá com uma calça aí já é outra coisa. Tem que ter o seu bom senso e também da parte dele de ver que o negócio não está tão curto. Por isso que tem que entrar em um acordo. Nem meu pai não manda na minha roupa, meu namorado muito menos. Eu não troco de jeito nenhum" (I7 feminino - Grupo Focal 1).

"Não é toda mulher que usa roupa curta que se desvaloriza, mas a sociedade e os meninos de hoje em dia pensam isso" (I10 feminino - Grupo Focal 2).

"Eu falo pra ele que eu não posso usar nada! Mas vai mudando um pouco, tem que mudar. Porque só eu que não posso usar? E ele tem direito de olhar para as outras que passam?" (I5 feminino – Entrevista individual).

Busca-se uma posição equitativa perante os homens e uma desconstrução dessa violência quase imperceptível que a mulher sofre constantemente. As adolescentes se utilizam do discurso masculino para reposicionar seu poder na relação:

"Ele queria mandar em mim. Uma coisa que eu não gosto é que manda em mim. (...) Aí ele me liga e eu desligo. Ele me mandava mensagem o dia inteiro e eu não respondia" (I7 feminino – Entrevista individual).

"Às vezes, ele implica com uma roupa, saia curta, aí eu pergunto se ele quer comprar outra pra mim e mando ele me deixar assim. Eu uso o que eu quero" (I7 feminino – Entrevista individual).

"Aí eu falei pra ela: 'Nossa amor, a gente pode ficar junto né! ' Aí ela disse que queria sair com os amigos dela. Eu falei: 'Nossa, então você quer saber? Você vai pra puta que te pariu e desliguei o telefone!' Aí ela disse: 'Desculpa, é que eu tô acostumada a variar o cardápio!' E eu: 'E eu virei comida? Você tá louca?'" (I3 masculino - Grupo Focal 1).

Frente a essas atitudes, remetemo-nos ao conceito de *habitus* de Bourdieu (2002b), um princípio que, segundo Gomes (2014), gera e estrutura práticas e representações, as quais podem ser objetivamente "regulamentadas" e "reguladas" sem que, por isso, sejam apenas o produto de obediência de regras. Reforça-se que, diferente da palavra hábito, que se associa a algo cristalizado, a expressão *habitus* envolve uma capacidade criadora, ativa e inventiva. Sob esse raciocínio, as adolescentes recebem e reinventam suas heranças socioculturais para a formação do *habitus*.

O *habitus* surge, então, como um conceito capaz de conciliar a oposição aparente entre realidade exterior e as realidades individuais, possibilitando a expressão do diálogo, da troca constante e recíproca entre os mundos objetivo e subjetivo das individualidades (BOURDIEU, 2002b).

Esse conceito, portanto, é concebido socialmente e individualmente, adquirido por meio das experiências práticas em condições sociais específicas de existência, podendo ser compreendido como uma gramática gerativa de práticas que, de um lado, faz com que os sujeitos reproduzam regularidades de comportamentos; e, de outro, sejam capazes de improvisar. Em outras palavras, os sujeitos, através do *habitus*, não só reproduzem, como também produzem ações. Assim, não somos apenas seres que obedecem cegamente às regras, mas somos capazes de lidar com as situações imprevisíveis, criando novas modalidades práticas (GOMES, 2014).

No segundo núcleo de sentido – *As situações de violências física, sexual e psicológica no namoro: quem realmente é o agressor?* – nossos achados corroboram os de Graal (2012), que defende que, quando se fala em conflito/violência no namoro, referimo-nos a um padrão que se repete, a uma dinâmica relacional em que um dos elementos do casal, através da violência, pretende controlar, dominar, submeter o outro. Inicialmente a relação assume formas de dominação socialmente aceitas que, com o tempo, vão se tornando mais graves, frequentes e destrutivas.

É importante destacar que conflito e violência no namoro não são sinônimos. O conflito é normal nas relações amorosas, afinal são raras, ou até mesmo inexistentes, as relações de plena harmonia. Assim, não se deve evitar os conflitos a qualquer custo, pois esses podem ser construtivos e permitir que as pessoas e a relação cresçam. Ao contrário dos conflitos, a violência é sempre negativa e destrutiva, é uma forma inaceitável de resolver conflitos (GRAAL, 2012).

A violência nas relações afetivo-sexuais entre adolescentes vem sendo vista como um crescente problema social e de saúde pública em vários países e, no Brasil, inexiste experiências consolidadas de prevenção, e o tema ainda é pouco destacado nos estudos sobre a adolescência de modo geral (MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011).

Pesquisas realizadas no Brasil identificaram que no ficar, no namoro, no noivado ou no casamento entre adolescentes, independente da fase, de níveis de intimidade ou do tempo de relacionamento, real ou virtual, ocorrem violências psicológicas, físicas e sexuais, cometidas e sofridas por moças e rapazes de escolas públicas e particulares (ALDRIGHI, 2004; CASTRO, 2009; MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011; NASCIMENTO; CORDEIRO, 2011; TAQUETTE et al., 2003).

A violência no namoro é um fenômeno transversal. Há situações de violência nas relações de namoro em todos os grupos sociais: as vítimas e as pessoas que agredem podem ser ricos ou pobres, muito ou pouco escolarizados, habitantes de zonas rurais ou urbanas, celebridades ou cidadãos comuns. A violência não é exclusiva dos usuários de drogas ou álcool, podendo ou não coincidir com o consumo dessas substâncias; nem das pessoas com doença mental, estando ou não associada a essas situações (GRAAL, 2012).

Fernet (2005) destaca como fatores importantes para o desencadeamento da violência entre casais adolescentes vários aspectos, tais como: fatores sociodemográficos (como idade, raça, condições socioeconômicas e renda familiar), história familiar e experiências de vitimização (com destaque para a estrutura e a coesão familiar, presença de violência na família e abuso sexual na infância), fatores individuais (como concepção de papéis sexuais, atitudes ante a violência nas relações amorosas, autoestima e percepção de controle e eficácia na esfera amorosa), fatores interpessoais (como tipos de experiências amorosas ou sexuais prévias, grau de envolvimento na relação amorosa, comunicação entre parceiros, estratégias de ajustamento e meio social) e, por último, alguns fatores explicativos (como o alcance da violência sobre a relação amorosa e a tolerância à violência).

Minayo, Assis e Njaine (2011) discutem, em um importante estudo, a elevada frequência das distintas formas de violência presentes nas relações afetivas atuais de namoro e de ficar vivenciadas por adolescentes entrevistados em dez capitais brasileiras. A maior parte dos rapazes e moças (76,6%) é, ao mesmo tempo, vítima e autor das variadas formas de agressões.

Dentre essas formas de agressão, em nosso estudo, a violência psicológica – falar alto, gritar com o outro, ameaçar, controlar a vida do parceiro, perseguir, dentre outros exemplos – aparece de forma marcante no cotidiano das relações afetivo-sexuais dos adolescentes. Como podemos observar a seguir:

"As brigas eram de um gritar com o outro, mas nunca ninguém xingou o outro, a falta de respeito era só gritar, a gente gritava muito" (I2 feminino – Entrevista individual).

"Mulher fala, fala, fala. Ela só destrói sua mente" (I12 masculino - Grupo Focal 2).

"Hoje ela (a namorada) já não foi na escola, sorte dela, porque se não eu ia atrás dela hoje, eu faltei do serviço pra ir atrás dela, porque um moleque na escola dela falou que ela era uma gracinha, dizendo se ela não tivesse namorado... Aí vieram me falar, a melhor amiga dela veio falar pra mim. E o duro que todos os dias eu pergunto como é que foi na escola, se alguém mexeu com ela e ela dizendo que estava tudo bem, na mesma" (I3 masculino - Grupo Focal 1).

"Porque se um dia, sei lá, acontecer e eu ficar sabendo que ela me traiu, eu tenho duas reações. Se ela tiver na minha frente e eu ver isso acontecer, seria muito pior. Eu acho que eu agrediria muito ele e acho que eu não iria bater nela de soco, eu não me vejo batendo nela de soco, só que eu apertaria o braço dela até quebrar" (I3 masculino – Entrevista individual).

Os dados corroboram os estudos de Minayo, Assis e Njaine (2011) e Nascimento e Cordeiro (2011), em que os adolescentes destacaram as agressões verbais, as tentativas do parceiro de controlar a sua vida, as chantagens emocionais e as pressões que sofriam para realizar certos atos ou adotar determinadas condutas como os tipos mais comuns de violência psicológica.

O estudo de Oliveira et al. (2011) mostra que as meninas tendem a perpetrar mais violência psicológica no namoro que os meninos, a despeito da violência psicológica que vivenciam em outros contextos, como vemos na fala de I12. Tal resultado também é convergente com outras pesquisas, em que as meninas relatam praticarem mais violência psicológica do que os meninos (FERNÁNDEZ-FUERTES; FUERTES, 2010; SEARS; BYERS; PRICE, 2007; SEARS et al., 2006). A percepção de que a violência psicológica é algo mais comum entre as mulheres é mostrada por Sears et al. (2006) e Oliveira et al. (2011), revelando, mais uma vez, a expressão das normas de gênero tradicionais, em que meninas são encorajadas a falar sobre seus sentimentos e a expressar sua raiva verbalmente, algo interdito socialmente aos meninos, a quem restaria a expressão física da raiva e de outros sentimentos negativos diante de um conflito.

Existem táticas sutis, formas mascaradas de exercer poder e controle sobre a outra pessoa, tão sutis que podem ser imperceptíveis. A violência psicológica no namoro nem sempre é óbvia; por vezes, exprime-se sob a forma de preocupação com o relacionamento e com o bem-estar do parceiro e pode ser confundida com manifestações de amor (GRAAL, 2012), assim como o ciúme:

"A gente briga muito por ciúmes, eu era muito ciumenta, qualquer coisinha eu desconfiava dele. Uma vez eu suspeitei que ele me traiu, porque eu vi uma mensagem no celular dele de uma menina, mas a gente já estava quase terminando. Por isso a gente começou a brigar mais, aí eu fiquei mais ciumenta ainda" (I2 feminino – Entrevista individual).

"Discussão acontece 99,9% por ciúmes" (I9 masculino - Grupo Focal 2).

"Minha namorada briga 24h por dia, por ciúmes. Eu e ela" (I17 masculino - Grupo Focal 2).

"O que mais leva a problemas na relação é o ciúme, por mais que ele não tenha muito. Eu tenho bastante ciúme" (I8 feminino – Entrevista individual).

A violência psicológica, muitas vezes, é a razão para o término do namoro dos adolescentes, como se observa pelo trecho abaixo:

"Terminou porque (...) estava muito desgastante, possessivo, chegou ao extremo. Qualquer coisa, alguém que ia falar comigo no Face ele já vinha perguntar, dizia que iria na porta da escola falar com ele. Aí era desnecessário, a gente discutia sempre, eu achei muito desgastante" (I2 feminino – Entrevista individual).

Estudos mostram que as formas comuns de tentativa de controle sobre a vida do outro nas relações afetivo-sexuais entre adolescentes são o controle de comportamentos, das roupas usadas pelo parceiro, dos nomes nas agendas dos celulares, dos acessos às redes sociais, das pessoas com quem conversam, dos lugares que frequentam e das formas de expressar afetos pelos amigos. Há circunstâncias em que o controle ganha contornos de obsessão e toma forma de perseguição, podendo desencadear agressões físicas. No entanto, todas essas situações também são aceitas como forma de carinho e proteção, levando os adolescentes a ora reconhecer tais atitudes como violência e ora não, pois estão baseados no ideário do amor romântico, em que a violência é percebida como demonstração de amor (MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011; NASCIMENTO; CORDEIRO, 2011).

"Se minha namorada andar com uma roupinha dessas e sair comigo tudo bem, mas se ela colocar uma roupa dessas e sair sozinha no outro dia ela acorda no caixão" (I3 masculino - Grupo Focal 1).

"Eu sou ciumento ao ponto de chegar a já ter batido num cara no Ribeirão Shopping por causa dela. (...) Eu olhei pra cara dela e falei: 'Sua vadia, você fica aí.' Corri atrás do cara. Por isso eu já falei pra ela: '(...) não deixa eu te pegar me traindo, pelo amor de Deus.' Porque se eu pegar, eu perco minha razão e vou pra cima dela. Eu não tolero mentira" (I3 masculino – Entrevista individual).

A violência física também está presente nas relações afetivo-sexuais dos adolescentes, em ambos os sexos, contudo, segundo Minayo, Assis e Najine (2011), quando as moças são agredidas, sofrem consequências mais sérias, a ponto de requerem mais cuidados emergenciais por lesões e traumas.

"Eu tenho uma amiga, que uma vez ela estava namorando e o namorado dela era malandro, se envolvia com droga e ela gostava muito dele. Uma vez nós fomos à quermesse, nós duas, e, segundo ela, ela tinha terminado com o namorado dela. Aí tinha um amigo meu que ela gostou muito, só que ela não tinha terminado com o namorado dela. Aí eu apresentei os dois, eles ficaram, e o namorado dela descobriu. Ela chegou em casa e ele bateu nela, bateu de soco... Eu cheguei lá e ela estava toda roxa no pulso, no braço..." (I2 feminino – Entrevista individual).

"Eu tenho um lado meu que eu sei dar carinho, eu sei brincar e tudo, só que eu tenho um outro lado que, quando ele aparece, não é bom, não é nada bom. Porque quando esse lado aparece, eu não consigo me controlar. Eu sou muito agressivo, eu começo a falar, mesmo que não seja verdade, eu uso o defeito das pessoas contra elas só pra elas se sentirem mal. Isso quando eu não posso bater, porque, quando eu posso agredir, eu parto pra cima. Demora muito. Pra chegar à agressão demora, só que, se chegar, eu não paro até ver a pessoa morrendo no chão. Com ela isso nunca aconteceu, eu só me defendi. Quando ela chegava pra me bater eu apertava o braço dela. Às vezes, eu ficava com tanto ódio, tanto ódio, que eu não via o tanto que eu apertava o braço dela..." (I3 masculino – Entrevista individual).

"Eu fiquei muito estressado um dia e acabei dando um tapa na perna dela. Ela levou na brincadeira, mas, por mim, eu não tinha levado na brincadeira, eu tinha explodido. Eu não aguentei e, na hora que eu vi, eu levantei a mão e meti na perna dela e eu sou acostumado a ficar dando tapinha nela e na hora ela não entendeu" (I9 masculino – Entrevista individual).

"Mas o homem é sempre mais violento, qualquer briga o homem já perde o controle e quer bater, a mulher não, ela só fala, fala e fala" (I10 feminino - Grupo Focal 2).

Muitas vezes, a adolescente mantém relações sexuais mesmo sem desejar, o que revela um constrangimento imposto a elas pelos namorados e a presença da violência sexual em suas relações afetivo-sexuais. Vejamos, a seguir, o depoimento de um adolescente:

"Aí no meio do 'lepo lepo' (sexo), quando eu olho tem sangue na cama, lotado no colchão. Eu entrei em choque, achei que tinha perdido meu filho, né (a namorada estava grávida). (...) Eu perguntei para o médico se a gente tinha que parar de fazer e o médico disse que a gente não tinha que parar, mas mandou tomar cuidado. Aí vamos fazer por trás né! Barriga, que tem a barriga? A gente faz até com ela no vermelho, não tô nem aí. Aí a gente tá lá e minha mãe abre a porta: 'Vocês não têm vergonha na cara? Essa menina quase sangrou até a morte.' Eu falei: 'Mãe, a gente está por trás'" (I3 masculino - Grupo Focal 1).

A reflexão que se pode fazer é: essa relação teria sido realmente consentida por essa adolescente grávida e vulnerável devido a um sangramento recente? Segundo Gomes e Diniz (2008), pode-se dizer que a relação entre os homens e suas companheiras está eivada de exemplos de sujeição das mulheres às vontades do homem, o que redundaria também na imposição da vontade dele no que se refere à relação sexual. A mulher ainda é vista como objeto das necessidades sexuais dos homens, talvez não muito distante da tradição patriarcal, em que se consentia ao homem o papel ativo nas relações social e sexual, ao mesmo tempo em que se restringia a sexualidade feminina à passividade e à reprodução (GIFFIN, 2002).

Contrapondo-se a essa passividade feminina, um estudo de Aldrighi (2004), ao pesquisar jovens universitários, identificou a preponderância das agressões físicas sofridas pelas moças, porém estas também respondiam às agressões com comportamentos agressivos, mesmo que em menor escala. E na pesquisa realizada por Minayo, Assis e Najine (2011), em dez capitais brasileiras, mais rapazes do que moças sofriam violência física, sendo mais comum as moças darem tapas nos namorados e bater ou jogar objetos neles, visando humilhar ou se vingar por alguma traição ou por outra motivação, assim como vemos nas falas:

"Ele chegava e era porrada na certa. Ela batia nele. Eu nunca levanto a mão para uma mulher e meu irmão também é assim. Ela é que metia a mão" (I1 masculino – Entrevista individual).

"Você fala uma coisa com ela e ela já começa a xingar, bater. Ela bate, ela bate" (I3 masculino – Entrevista individual).

"Quem começa é ela, porque ela não aguenta nas palavras e parte pra agressão, porque sabe que eu não posso bater nela. Ela vinha com tapa, murro e jogava coisas em mim. Ela morde, arranha, belisca, chuta" (I3 masculino – Entrevista individual).

"Eu já sou mais agressiva, quando a gente briga, quem bate nele sou eu, mas não aquela batida! Eu dou um soco nele, uns tapas nele, ele nem fala nada. O que leva a discussão é coisa boba. (...) Eu bati nele, ele vinha me abraçar e eu dava soco nele..." (I7 feminino – Entrevista individual).

Apesar de os rapazes sofrerem violência física, eles não consideram tais agressões como graves. Percebem-se em vantagem em termos físicos e entendem que os atos violentos praticados pelas moças seja algo natural, assim como o são os atos de violência dos homens, pois as relações entre eles normalmente são violentas.

"Geralmente, o que dá mais mídia, o que é noticiado é: 'Homem bate em mulher e vai preso por causa da Lei Maria da Penha'. E dificilmente você vê em jornais que homem apanha de mulher, pois ele deve ter vergonha de chegar lá na delegacia e dizer que a sua mulher bateu nele. A mulher o agride em palavras" (I4 masculino - Grupo Focal 2).

Castro (2009) entende que tais discursos perpassam pelas construções de gênero, em que o homem se sente mais atingido moral e psicologicamente, esconde quando sofre violência física por parte de suas parceiras e vivencia um sofrimento que não pode ser revelado. Além disso, confirma um tipo de masculinidade que torna os meninos vulneráveis a uma violência naturalizada, que faz parte da maioria de seus relacionamentos.

Estudos mostram que a violência física entre parceiros é predominantemente recíproca em natureza, isto é, em casais violentos, ambos os parceiros são provavelmente perpetradores (HALPERN et al., 2001), embora pesem diferenças quanto à percepção da natureza da agressão e das consequências sofridas por ambos os sexos.

Uma pesquisa que reitera a violência entre ambos os membros do casal é a de Hickman, Jaycox e Aronoff (2004), que investigaram 318 adolescentes latinos em Los Angeles (EUA) e perceberam que 51% dos rapazes e 49% das moças vivenciaram similar nível de vitimação nos namoros nos últimos seis meses. Os autores destacam a violência psicológica (45% dos rapazes e 42% das moças vivenciaram esse tipo de abuso), a violência física (25% e 22%, respectivamente) e a violência sexual (15% e 14%, respectivamente). Esses autores observaram que não há diferença entre os sexos no que se refere a qualquer forma de perpetração da violência (58% dos rapazes e 63% das moças), com exceção da sexual, mais perpetrada pelos rapazes (17% contra 8% das moças).

A partir dessas pesquisas, constata-se diferenças significativas entre a violência nas relações afetivo-sexuais entre adolescentes e a violência entre cônjuges. No caso das violências conjugais, as estatísticas comprovam que há maior incidência da violência do homem contra mulher, enquanto, na adolescência, a violência é cometida e sofrida por ambos os sexos. Além disso, existem particularidades nas relações dos jovens, pois estas são mais fluidas, menos compromissadas e há menor cobrança social para que a relação seja mantida. Não existem dependência econômica, filhos ou bens compartilhados que poderiam “justificar” a continuidade da relação diante da violência (CASTRO, 2009; MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011; NASCIMENTO; CORDEIRO, 2011).

Embora muitas situações não sejam nomeadas como violência pelos adolescentes, podem trazer danos aos seus relacionamentos afetivo-sexuais iguais àqueles reconhecidos como violência. A violência nas relações afetivo-sexuais entre adolescentes pode ter várias consequências negativas na saúde, indo desde danos imediatos sofridos ainda na adolescência, até efeitos que comprometem o bem-estar da pessoa ao longo de sua vida. Além disso, tal violência pode se configurar como um elemento preditivo de futuros episódios de violência conjugal na vida adulta (STREY, 2004; CASTRO, 2009; MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011).

Diante dos dados, salientamos a importância de avaliar as situações de risco a que podem estar submetidos os adolescentes, identificando os sinais de uma relação que está ainda iniciando, mas que poderá, em um futuro muito próximo, caracterizar-se como uma relação violenta. Uma das situações de risco são os contextos em que a relação costuma ser desigual, pois, mesmo que o namoro comece de forma amorosa, à medida que a tensão entre o casal aumenta, culmina no momento em que um ato de violência ocorre (STREY, 2004). Quanto maior for o tempo para que ocorra o primeiro episódio de violência, maior será a probabilidade de o vínculo manter-se, uma vez que os laços afetivos tendem a se estreitar, dificultando a tomada de decisão pelo rompimento (NASCIMENTO; CORDEIRO, 2011).

Dentre os diferentes fatores elencados por Fernet (2005) como importantes para o desencadeamento da violência entre parceiros adolescentes estão o histórico familiar e experiências de vitimização, as experiências amorosas e sexuais e o meio social. Assim, após essa análise sobre as

experiências amorosas dos adolescentes interlocutores deste estudo, veremos seus históricos familiares e suas experiências de vitimização.

7.4 A (re)estruturação da família e sua função na rede de apoio social do adolescente

De acordo com Ariès (1978), a família, até o século XV, consistia em uma realidade muito mais moral e social do que sentimental. Especialmente entre os pobres, a família não existia sentimentalmente. Contudo, a partir do surgimento da escola, da privacidade, da concepção de infância e, conseqüentemente, da necessidade da manutenção das crianças junto aos pais, do sentimento de família, valorizado, sobretudo, pela Igreja, dá-se início ao delineamento da família nuclear burguesa (SZYMANSKI, 2006).

Assim, surge, em substituição à família extensa da Idade Média, a família nuclear, composta pela tríade mãe, pai e filhos, que reside em uma mesma unidade habitacional. Esse modelo de família, por muito tempo, foi considerado pela sociedade ocidental como o modelo ideal, condenando outros arranjos familiares. Toda a família que se afastava da estrutura desse modelo era chamada de desestruturada e incompleta (SZYMANSKI, 2006). Isso porque,

A importância da família nuclear não reside apenas no fato de ela ser o arranjo doméstico estatisticamente preponderante, mas resulta do significado simbólico de que foi revestida, convertendo-a em modelo hegemônico, isto é, em referencial e em ideal de ordenação da vida doméstica para a grande maioria da população (ROMANELLI, 2006, p. 74).

As transformações sociais, construídas na segunda metade do século XX e reconstruídas neste início do século XXI, redefiniram tais laços familiares. Nesse processo de mudanças, o que ocorre é que se tem o modelo tradicional supracitado internalizado operando, enquanto temos as novas maneiras de ser família, revelando novos conceitos aos pré-estabelecidos, ocasionando certas contradições no próprio contexto familiar, balanceando o que há de prós e de contras nessas duas formas (OLIVEIRA, 2009).

Assim, a estruturação da família está intimamente vinculada com o momento histórico que atravessa a sociedade da qual ela faz parte, uma vez que os diferentes tipos de composições familiares são determinados por um conjunto significativo de variáveis ambientais, sociais, econômicas, culturais, políticas, religiosas e históricas. Nesse sentido, para se abordar a família hoje é preciso considerar que a estrutura familiar, bem como o desempenho dos papéis parentais, modificaram-se consideravelmente nas últimas décadas (SINGLY, 2000).

É certo que há uma herança simbólica, transmitida entre as gerações, que revela tais estruturas e orienta a socialização dos segmentos sociais. A tendência atual é de que a convivência familiar se torne socializada e visualizada como um local onde existe a mudança, evoluindo por meio do diálogo. O mundo familiar mostra-se em uma variedade de formas de organização, com crenças, valores e práticas desenvolvidas na busca de soluções para os desafios que a vida vai trazendo.

Dentre esses desafios, destacamos dois: a comunicação sobre sexualidade entre pais e filhos marcada por uma ambiguidade, já que ambas as partes reconhecem o problema, mas muitas vezes evitam enfrentá-lo; e as práticas violentas intrafamiliares. Acredita-se que é no domínio das aprendizagens e das vivências ao longo do ciclo da vida, as quais marcam a biografia dos indivíduos em um determinado contexto histórico, cultural e social, que é possível encontrar a gênese das práticas violentas (PRAZERES, 2014).

Dessa forma, nessa terceira e última categoria, trazemos: *O mosaico familiar do adolescente contemporâneo e a funcionalidade da família como rede de apoio; Participação da família nos processos sexuais e reprodutivos do adolescente; e Violência intrafamiliar – naturalização.*

No primeiro núcleo de sentido, *O mosaico familiar do adolescente contemporâneo e os aspectos funcionais do Diagrama de Escolta Social*, observa-se a existência de uma mudança radical na composição familiar contemporânea, nas relações de parentesco e na representação de tais relações na família. Tal representação tem seu fundamento direto na transformação da configuração familiar e também nas relações sociais, ocasionando impacto profundo na construção da identidade de cada componente no interior da família. Essa construção da identidade, por sua vez, irá refletir nas relações sociais ampliadas, não somente no seio familiar. Nesse contexto, encontramos a “nova família”, que se caracteriza pelas diferentes formas de organização, relação e em um cotidiano marcado pela busca do novo. Os arranjos diferenciados podem ser propostos de diversas formas, renovando conceitos pré-estabelecidos, redefinindo os papéis de cada membro do grupo familiar. Segundo Ferrari e Kaloustian (2005, p.14),

A família, da forma como vem se modificando e estruturando nos últimos tempos, impossibilita identificá-la como um modelo único ou ideal. Pelo contrário, ela se manifesta como um conjunto de trajetórias individuais que se expressam em arranjos diversificados e em espaços e organizações domiciliares peculiares.

Segundo Oliveira (2009), tais arranjos diversificados podem variar em combinações de diversas naturezas, seja na composição ou também nas relações familiares estabelecidas. A composição pode variar em uniões consensuais de parceiros separados ou divorciados; uniões de pessoas do mesmo sexo; uniões de pessoas com filhos de outros casamentos; mães sozinhas com seus filhos, sendo cada um de um pai diferente; pais sozinhos com seus filhos; avós com os netos; e

uma infinidade de formas a serem definidas, colocando-nos diante de uma nova família, diferenciada do clássico modelo de família nuclear. As falas a seguir ilustram algumas dessas possibilidades:

"Eu não conheço meu pai. O meu pai é o mesmo do meu irmão mais velho, de 19 anos, e do de 15 anos. Aí o pequeno, de 12 anos, é de outro, e a pequena é de outro pai. São 3 relacionamentos. Minha mãe morou junto com meu pai quando ela tinha 15 anos e aí eles se separaram quando ela tinha uns 19 anos, porque ele não queria ajudar nas contas. Não conheço ele de morar junto, de ter um relacionamento pai e filha. Eu fui criada pela minha mãe" (I2 feminino – Entrevista individual).

"Minha madrasta é melhor do que minha mãe, ela não me criou, eu fui criado pelos meus avós. Eu fui criado pelos meus avós porque minha mãe era muito nova. Meu avô teve 11 filhos... A família lá não cabe dentro de casa não. (...) Atualmente, minha relação com minha família é boa, só meu pai mesmo que é chato pra 'cara'. Eu não fui criado por ele, aí tem umas intrigas de vez em quando... Ele quer me mandar fazer coisas que eu não quero. Meu pai é safado, cachaceiro. (...) Eu estou aqui tem 1 ano e 3 meses" (I1 masculino – Entrevista individual).

"Meu pai e minha mãe casaram agora só por brincadeira, porque eles não se gostam, eles só se veem como amigos. Minha mãe tem outro namorado, e meu pai, uns rolos aí. Eles casaram porque meu pai achou que ia morrer, ele bebe demais, é um sem vergonha. (...) Ele acha que é meu pai, mas ele é meu padrasto, minha mãe contou pra mim, mas não contou pra ele. Eles moravam juntos, aí minha mãe já tinha outro namorado, que é meu pai de verdade, só que ele era casado" (I3 masculino – Entrevista individual).

"O meu pai e minha mãe foram casados bastante tempo, tiveram 3 filhos. Aí eu morei um tempo com a minha mãe. Só que minha mãe era muito novinha. Ela fez 30 anos agora, ela me teve com 14 anos e ela nunca teve responsabilidade com nada. Então, ela nunca teve responsabilidade com os filhos, nem comigo nem com meus irmãos. (...) Aí eles se separaram e eu morei com minha mãe e, depois de um tempo, ela pegou irresponsabilidade demais. Daí eu fui morar com meu pai, eu e meus irmãos. Eu tinha uns 9 anos. Ela saía e deixava a gente sozinho, e eu cuidava do meu irmão, que era menor ainda, na época ele tinha uns 3 anos..." (I8 feminino – Entrevista individual).

Dos 15 adolescentes entrevistados, nove apresentavam-se inseridos em famílias reconstituídas; em cinco casos, isso ocorreu mais de uma vez. Como consequências dessas mudanças, temos as transformações das relações de parentesco e das representações dessas relações no interior da família. Oliveira (2009) refere que, cada vez mais, são encontradas famílias cujos papéis estão confusos e difusos, se relacionados com os modelos tradicionais, cujos papéis eram rigidamente definidos. As relações, comparadas com as estabelecidas no modelo tradicional, estão modificadas, os próprios membros integrantes da nova família estão diferenciados, a composição não é mais a tradicional, as pessoas também estão em processo de transformação, no que se refere à forma de pensar, aos questionamentos, à maneira de viver nesse mundo em processo de mudança.

Granato e De Mari (1999, p. 269) comentam que:

A mudança nesse padrão tem resultado em novos e surpreendentes quebra-cabeças familiares: filhos de pais que se separam, e voltam a se casar, vão colecionando uma notável rede de meios-irmãos, meias-irmãs, avós, tios e pais adotivos.

Nessa afirmação, podemos visualizar um novo conceito sobre as novas configurações familiares com a terminologia “quebra-cabeças” familiares, que, por profissionais da área de psicologia, são denominadas também de “família mosaico” (OLIVEIRA, 2009).

Esse contexto familiar, muitas vezes, leva o adolescente a não identificar seu lugar e seu papel na família:

“Porque antes da minha mãe casar, nós éramos muito amigos. Eu mais ela brincávamos, éramos muito amigos. Quando ela casou, teve um distanciamento. Eu não fiquei fazendo mais parte da família. Ela ficou ela e meu padrasto, e eu outra pessoa” (I4 masculino – Entrevista individual).

Os interlocutores do estudo, mesmo não vivenciando a experiência, verbalizam a importância das figuras paterna e materna na vida da criança e do adolescente:

“É diferente não morar com o pai e com a mãe. Eu também não importava muito, eu falava que eu não tinha pai e já era. Sempre falei que não tinha pai. Mas acho importante uma criança crescer com o pai e a mãe” (I1 masculino – Entrevista individual).

Aqueles que cresceram com os pais presentes em suas vidas referem encontrar e identificar, no seio familiar, a segurança, o carinho e a estabilidade necessários para construírem suas identidades:

“A relação do pai com o filho tem que ter amor, carinho, respeito, amizade e outra, se você não tem isso dentro de casa, lá fora você vai procurar algo melhor. Lá fora seus amigos vão te oferecer drogas, vão te oferecer bebidas, vão te levar para um caminho que não é certo. Então eu acho que a criação da gente é diferente, mas porque nossos pais são desse jeito. Não é por causa da escola, é por causa da criação de dentro de casa. Se você é mal educada é de dentro de casa que você está aprendendo a ser mal criada com os outros” (I5 feminino – Entrevista individual).

“... minha mãe e meu pai é um casal muito aberto, sincero. Eu procuro aproveitar o máximo deles. Não procurar brigar por besteira, relevar. Eu sou desse jeito também. Meus pais se dão super bem” (I5 feminino – Entrevista individual).

“... eu acho que eu aprendi a respeitar com meus pais, eu compartilhei isso com minha namorada e ela aceitou, e me respeitava do mesmo jeito” (I12 masculino – Entrevista individual).

De acordo com Dornelas (2001), o ser humano constrói a sua identidade como pessoa no interior de uma rede de relações sociais. É a maneira como se constituem essas relações sociais que determina suas características próprias e possibilita a constituição de sua identidade social.

Percebe-se, por meio da análise das falas apresentadas, que, independentemente das estruturas familiares em que os adolescentes estão inseridos e seus contextos, a família figura-se como a base de suas redes de apoio social, como evidenciado na análise dos aspectos funcionais das redes de apoio social dos adolescentes.

Confirmando-se essa importância, é importante ressaltar que, dos seis tipos de apoio contemplados no Diagrama da Escolta Social (confidenciar coisas que são importantes; ser tranquilizado e estimulado em momentos de incerteza; ser respeitado; ser cuidado em situação de adversidades como conflitos nas relações afetivas; conversar quando está triste, nervoso ou deprimido e conversar sobre a própria saúde e intimidades), verificamos que os adolescentes forneciam e recebiam apoio, em sua maioria, de familiares, de amigos e do(a) namorado(a).

Quanto aos integrantes de rede, tanto os que forneciam apoio aos respondentes quanto os que deles recebiam apoio, em sua maioria, estavam situados no primeiro círculo do diagrama, ou seja, o mais interno e próximo ao respondente, de quem ele se sente tão próximo que seria difícil imaginar a vida sem eles.

Percebemos, frente a esses dados, que a família, desde os tempos mais antigos, corresponde a um grupo social que exerce marcada influência sobre a vida das pessoas, sendo encarada, segundo Biasoli-Alves (2004), como um grupo com uma organização complexa, inserido em um contexto social mais amplo, com o qual mantém constante interação.

Segundo Romanelli (2006), a família corresponde a um lugar privilegiado de afeto, no qual estão inseridos relacionamentos íntimos, expressão de emoções e de sentimentos. Portanto, pode-se dizer que é no interior da família que o indivíduo mantém seus primeiros relacionamentos interpessoais com pessoas significativas, estabelecendo trocas emocionais que funcionam como um suporte afetivo importante quando os indivíduos atingem a idade adulta. Estas trocas emocionais estabelecidas ao longo da vida são essenciais para o desenvolvimento dos indivíduos e para a aquisição de condições físicas e mentais centrais para cada etapa do desenvolvimento psicológico, físico e sexual. Entretanto, quando essas trocas não ocorrem, os adolescentes podem buscar apoio social em outros membros citados nas redes, como os amigos.

Quanto a esses últimos, muitos estudos confirmam a importante referência dos amigos na vida dos adolescentes. Connolly e Goldberg (1999) e Kinsfogel e Grych (2004), discutindo o papel do grupo de amigos na adolescência, afirmam que eles são influências importantes nessa faixa etária, pois funcionam como modelos comportamentais e contribuem na construção de normas individuais e valores a respeito de interações sociais. Assim, a forma pela qual os amigos lidam com os conflitos em seus relacionamentos afetivo-sexuais pode ser tão ou mais importante do que a dos pais. Por ser o namoro um tema relevante e frequente em conversas entre amigos adolescentes, a aprovação ou rejeição dos pares em relação às agressões cometidas entre namorados pode exercer uma forte influência sobre o comportamento do adolescente (KINSFOGEL; GRYPCH, 2004), orientando a escolha de novos namorados e o curso desses relacionamentos (HARPER et al., 2004).

Quanto ao núcleo de sentido *"Participação da família nos processos sexuais e reprodutivos do adolescente"*, concordamos com Cano e Ferriani (2000) quando colocam o contexto familiar como ideal para que os assuntos que dizem respeito à sexualidade sejam debatidos e analisados de acordo com os valores e crenças de cada família. Porém, nota-se que, embora a família seja o grupo social que deveria fornecer o suporte emocional adequado, através de um espaço de trocas e comunicação aberta, os pais ainda encontram dificuldade em proporcionar a seus filhos um ambiente onde possam ser discutidas questões relativas à sexualidade (PREDEBON, 2002). Os pais estão cientes de que os adolescentes experienciam em seu dia-a-dia situações ligadas à sexualidade, mas aceitar e lidar com estas questões ainda é um desafio (CANO; FERRIANI, 2000). Muitas vezes, os pais não sabem como agir diante das demonstrações da sexualidade de seus filhos, porque não é tarefa fácil aceitar e entender a maneira de pensar dos adolescentes. É preciso rever preconceitos e estereótipos, entender as diferenças de ideias, uma vez que o crescimento dos filhos pode gerar conflitos e tensão familiar (NOLTE; HARRIS, 2005), assim como se percebe nas falas dos interlocutores:

"Olha, os meus pais, não que eles sejam caretas, mas eles são bem fechados. Dificilmente tem uma conversa aberta, assim. Eu falo mais com minhas amigas do que com minha mãe" (l6 feminino – Entrevista individual).

"Minha mãe não aceita minha namorada entrar em casa quando ela não está em casa. Ela só fala que não quer ela dentro de casa quando ela não estiver" (l18 masculino - Grupo Focal 2).

"Você vai lá no pai da menina, pede pra namorar: 'Posso namorar com sua filha?' Ele diz: 'Você está vendo aquele facão? Vou cortar seu pinto se você não cuidar bem dela.' Aí você já fica meio assim, né. Quando você leva ela na sua casa, todo mundo fala: 'Aí que bonitinha, lindinha.' Aí, vamos supor que a menina engravida, aí o culpado é o homem" (l3 masculino - Grupo Focal 1).

"Eles estão namorando e só ficam juntos porque o pai da menina não quer que ele termine" (l11 masculino - Grupo Focal 2).

"As coisas que eu falo para os amigos da rua eu não falo com meus pais. Eles são muito bravos, se eu falar pra eles, eles discutem. Tem filho que gosta de brincar e zoar e tem pais que são mais sérios, tem que ter união. Os pais são mais sérios, mais rabugentos. (...) Tem pais que não conversam, não têm diálogo" (l9 masculino – Entrevista individual).

Nesse sentido, destaca-se o estudo de Aquino et al. (2006), que faz parte de uma pesquisa que abrangeu 4.634 participantes, de 18 a 24 anos, com o objetivo de investigar o comportamento sexual de jovens brasileiros. Constatou-se que os índices de gravidez na adolescência entre as mulheres que afirmaram ter sido providas de informações pelos pais ou pela escola foram mais baixos do que entre aquelas que não receberam estas informações. De acordo com os autores, "o modo como são veiculadas as primeiras informações sobre sexo, gravidez e contracepção situa os indivíduos em diferentes perfis de socialização, com consequências para suas trajetórias reprodutivas" (AQUINO et al., 2006, p. 322).

Os adolescentes enfatizaram a prevenção, com destaque para uso da camisinha, como o assunto mais abordado no contexto familiar em relação ao tema da sexualidade. Esta questão é ilustrada na fala a seguir:

"Teve um dia que eu estava no quarto, minha mãe escutou uns barulhos e perguntou se eu estava usando camisinha, eu estava na casa da minha vó" (I17 masculino - Grupo Focal 2).

Apesar do assunto gravidez não ter sido claramente referido como um dos assuntos mais frequentes no diálogo familiar, pôde-se perceber que a preocupação a respeito do uso de camisinha estaria diretamente relacionada ao tema da gravidez por meio da forma como os adolescentes se referem às atitudes dos pais quando estes sinalizam o cuidado que devem ter e a importância da prevenção. Assim, fica evidente que a gravidez é o grande fantasma da sexualidade (JONES, 2010; VALDÉS, 2005), como nos trechos seguintes:

"... eu comecei a namorar e minha mãe falou pra eu usar esse negocinho (camisinha), pra ela não engravidar e eu ter que cuidar, porque ela não queria que eu tivesse filho cedo, que tinha que estudar. (...) o pai e a mãe querem sempre o melhor" (I9 masculino - Grupo Focal 2).

"Meu pai falou que se eu aparecesse com filho em casa, ia eu e meu filho pra puta que pariu" (I9 masculino - Grupo Focal 2).

O estudo de Bozon e Heilborn (2006) verificou que as adolescentes que conversaram com suas mães sobre menstruação e foram orientadas quanto aos métodos contraceptivos apresentaram maior probabilidade de usar proteção em sua primeira relação sexual quando comparadas às adolescentes que não tiveram esse tipo de orientação. As conversas entre mãe e filha sobre menstruação constituem-se em uma oportunidade de transmissão de informações sobre prevenção, assim, quanto mais cedo estas conversas acontecem, menores as chances de ocorrência de gravidez na adolescência (AQUINO et al., 2006). A fala que se segue apresenta as consequências da falta de orientação famílias:

"Só frisando que eu comprei o anticoncepcional pra ela e ela só não tomou por medo da mãe dela descobrir, não tomou por medo. Depois a mãe dela disse que nem ligava, mas eu não podia fazer nada que ela já falava, então ela ficou com medo. Aí a gente foi lá, comprou o teste e eu vi que ela olhou e começou a chorar" (I3 masculino - Grupo Focal 1).

Estudos já realizados constataram que, quando há algum grau de diálogo sobre sexualidade no âmbito familiar, este se dá majoritariamente com a mãe (AQUINO et al., 2006; BORGES; LATORRE; SCHOR, 2007; BORGES; NICHATA; SCHOR, 2006; BOZON; HEILBORN, 2006; GUBERT; MADUREIRA, 2008). Enquanto isso, o pai costuma apresentar menor habilidade para o diálogo, além de muitos serem distantes do dia a dia dos filhos, possuírem um distanciamento relacional ou não es-

tares disponíveis para negociações familiares. Tais fatores dificultam que haja uma comunicação entre eles voltada para o tema da sexualidade (BRANDÃO, 2004).

"Eu conto tudo pra minha mãe. Eu falo que a mãe é sua melhor amiga" (I5 feminino - Grupo Focal 1).

"Com minha mãe eu tenho a liberdade de falar o que quero. Eu tive isso só com minha mãe, porque com ela eu converso sobre tudo. Sobre zueira, sexo, normal, tudo" (I3 masculino – Entrevista individual).

"Quando eu comecei relação sexual com meu namorado eu não contei pra minha mãe. Teve um dia que meu namorado foi lá e falou pra gente ir para o motel e eu pensei: 'O que vou falar pra minha mãe?' (...) todo dia de manhã ela vai em meu quarto e me acorda com um beijo, falando bom dia. E perguntou como estava a festa ontem. Eu pus a cabeça debaixo do travesseiro e falei que não tinha ido pra festa e contei. Ela disse pra eu tomar cuidado, me prevenir, porque ela não ia pegar responsabilidade minha" (I7 feminino - Grupo Focal 1).

"... eu já converso muito mais com meus amigos do que com meu pai. Tem coisas que meus amigos sabem que o meu pai nunca soube. Quando eu estou mal, eu converso muito mais com meus amigos do que com meu pai. Eu não converso com meu pai. Quando eu chego em casa, meu pai briga, fica com cara de emburrado dessa idade, novo" (I15 masculino - Grupo Focal 2).

Uma pesquisa realizada por Jones (2010) mostra que dois terços das adolescentes entrevistadas nunca falaram sobre sexualidade com o pai. Tal situação pode acarretar uma sobrecarga sobre a mãe no meio familiar, a qual, além de ter várias outras responsabilidades dentro e fora da família, ainda tem a tarefa de conversar sozinha com os filhos adolescentes sobre sexualidade. Além disso, Predebon (2002) levanta a hipótese de que o envolvimento com questões de ordem emocional e relacionadas ao bem-estar psicológico da família ainda estaria mais associado à figura da mãe, o que faria com que os filhos tivessem preferência por ela no momento de conversar.

O estudo de Bozon e Heilborn (2006) chama atenção para as diferenças de gênero na socialização referente à sexualidade. Para as adolescentes, a mãe é considerada uma das principais fontes de informações referentes à gravidez e à contracepção, enquanto o papel do pai diante destas questões é praticamente nulo. Já para os meninos, o pai é considerado uma das fontes de informação:

"Eu e meu pai, a gente conversa como se estivesse conversando com um amigo. Ele é jovem, tem 38 anos, conversa brincando, conversa com todo mundo normal, como se fosse da nossa idade" (I17 masculino - Grupo Focal 2).

"O meu também. Ele fala que, primeiramente, eu posso ver ele como um pai, mas como segunda coisa, posso vê-lo como um amigo. Tipo, o que você for falar com seus amigos você pode falar pra mim, primeiramente. E que, se precisar dele, pode avisar, qualquer coisa" (I12 masculino - Grupo Focal 2).

"Mas isso é função do pai, eu acho. Quando você tem 14, 15 anos, seu pai pergunta se você já fez, se usou e ensina tudo que tem que ensinar, porque você não vai aprender tudo sozinho. Ele vai te dar uma noção pra você não fazer coisa errada" (I12 masculino - Grupo Focal 2).

O diálogo franco com os filhos pode ser considerado uma estratégia facilitadora para melhorar o processo de comunicação entre adolescentes e família, podendo ainda ser um momento de reflexão de sentimentos, de confrontar e estabelecer limites. É importante que a conversa entre pais e filhos seja permeada de sentimentos como honestidade e confiança, para que os filhos sintam que não existem barreiras de comunicação no meio familiar (SOUSA; FERNANDES; BARROSO, 2006).

Pode-se dizer que a instituição familiar é responsável pelo processo de socialização primária das crianças e dos adolescentes (SCHENKER; MINAYO, 2003). No que diz respeito às relações entre pais e filhos, esse padrão também se modificou, não sendo mais baseado na imposição da autoridade, e sim na valorização de um relacionamento aberto, pautado na possibilidade de diálogo (LISBOA, 1987), o qual é considerado um elemento importante dentro do contexto familiar, assim como aparece nas falas:

"Comigo meu pai conversa sobre 'as coisas', droga, tem assunto que eu fico com vergonha. Ele é super bonzinho, conversa comigo sobre qualquer coisa, qualquer coisa que eu perguntar ou precisar eu sei que ele vai estar do meu lado" (I8 feminino – Entrevista individual).

"É importante que os pais conversem com os filhos, porque hoje em dia os pais tem que conversar muito com os filhos, pra não ir para o caminho errado, das drogas, da bebida. Meu pai conversa muito comigo sobre isso" (I11 masculino – Entrevista individual).

"... eu considero meu pai não como só pai, como ele sempre disse, ele nunca ia ser só meu pai, iria sempre ser meu pai/melhor amigo. Toda vez que eu precisar, ele fala pra eu falar com ele, se eu precisar de dinheiro, se eu for namorar, sei lá, sempre vou falar com ele. Aí eu sempre tive uma relação boa com meu pai, aberta. E amizade também. Sempre tive isso" (I12 masculino – Entrevista individual).

"Minha mãe já deu opiniões antes de a gente terminar, dava muitas. Porque a gente brigava pelo telefone e minha mãe ouvia, aí ela fala que a gente tinha que parar de brigar" (I2 feminino – Entrevista individual).

Nesses momentos de conversa franca entre pais e filhos, é necessário e importante que os pais estimulem o adolescente a ter uma postura crítica e reflexiva diante das questões que envolvem a sexualidade. É preciso criar no adolescente o pensamento crítico e a capacidade de entender as modificações provocadas pela própria idade (WAGNER et al., 2005).

Para isso, os pais precisam avaliar o tipo de comunicação que usam com seus filhos ao falar de sexualidade e saber que este tipo de assunto precisa ser conversado de acordo com o grau de amadurecimento do adolescente e ser relevante aos acontecimentos da etapa de vida que está vivendo (SOUSA; FERNANDES; BARROSO, 2006).

Por outro lado, muitas vezes o distanciamento e a falta do diálogo levam o adolescente a sentir-se desamparado em sua família:

"Lá em casa tem FAMI-ILHAS, tem meu pai e minha madrasta no quarto, meu irmão de 10 anos jogando bola lá fora e eu no meu quarto" (I15 masculino – Entrevista individual).

"Eu nunca tive nada do meu pai. Nunca tive carinho, nunca tive afeto. Desde pequeno, quando eu ia jogar bola, eu ia sozinho ou minha mãe me acompanhava, às vezes. Nunca nem saíram comigo" (I3 masculino – Entrevista individual).

"No relacionamento entre pai, mãe e filho tem que ter muito carinho, afeto, diálogo, tem que ter uma ligação boa. Coisas que eu não tive..." (I4 masculino – Entrevista individual).

"Você espera de uma mãe uma pessoa que briga por você. Ela é um exemplo para eu não ser igual a ela. Se um dia eu tiver filhos, ela é um exemplo para eu não fazer isso, pra eu nunca ser mãe nova, porque depois não tem condições de cuidar, não tem estabilidade para poder criar um filho, pra eu nunca mexer com droga, nunca vou mexer, porque eu vejo a situação da minha mãe e eu não quero isso pra mim" (I8 feminino – Entrevista individual).

"Minha relação com meu pai e minha madrasta é muito difícil. A gente não se dá bem, a gente não tem relação, assim, de conversar. Eu chego em casa e fico no meu quarto trancada, quando eu não estou no meu quarto eu saio e a gente não conversa, a gente briga muito, então eu estou querendo sair de casa" (I10 feminino – Entrevista individual).

O ciclo vital evolutivo da família é dinâmico, sendo marcado tanto por eventos críticos previsíveis (nascimento, adolescência, casamento dos filhos, entre outros) quanto por eventos críticos não previsíveis (separações, doenças, perdas, entre outros), os quais causam grande impacto no contexto familiar, provocando um aumento da pressão e uma desorganização dentro deste contexto, o que acaba influenciando diretamente no processo de desenvolvimento da família (SUDBRACK, 2001).

Isso quer dizer que os eventos que marcam o ciclo evolutivo familiar, tanto previsíveis quanto imprevisíveis, provocam uma crise no funcionamento da família, a qual necessita ser solucionada para que haja a manutenção da saúde familiar. Esta crise afeta, direta ou indiretamente, todos os membros da família, como a que acontece, por exemplo, no período da adolescência, considerado como uma fase do ciclo vital familiar que provoca intensas transformações relacionais, especialmente entre pais e filhos (SUDBRACK, 2001).

Isso porque, segundo Cervený e Berthoud (2001), pais e filhos encontram-se em momentos diferentes de transformação, ou seja, os adolescentes costumam questionar valores e regras familiares, preocupando-se intensamente com o futuro, enquanto seus pais se encontram em uma etapa de questionamento profissional, de reflexão e de transformação, também repensando o futuro.

A emergência de novas composições familiares, associadas à forma específica como os pais foram educados e à influência de novos padrões de relacionamento interpessoal, que vigoram na atualidade, tende a desencadear dificuldades na educação dos filhos. Muitas vezes essas dificuldades também são circundadas pela violência, como veremos nesse terceiro núcleo de sentido, intitulado *"Violência intrafamiliar – naturalização"*.

De acordo com Silva, Melo e Appolinário (2007), as famílias são vistas como produtoras e reprodutoras da vida biológica e social, em que valores, símbolos e representações sociais constituem o elo entre os membros que a compõem.

Por sua vez, Sartori (2004) procura estabelecer a relação entre família-gênero-regras sociais. Segundo a autora, a família é a primeira e uma das principais instituições que ensinam o indivíduo a agir de acordo com determinadas regras sociais. É dentro dela que as primeiras relações sociais se constituem e se formalizam, por meio da apresentação de uma série de normas, regras e valores. É nesse ambiente que as crianças e os adolescentes internalizam as relações de gênero e aprendem a serem homens e mulheres, e assim constroem sua identidade, bem como reproduzem as desigualdades sociais e as relações de poder entre ambos os sexos.

Essa transgeracionalidade pode ser definida como a transmissão de padrões de relacionamentos familiares que se repetem de uma geração a outra. Estes modelos são definidos a partir dos legados, valores, crenças, segredos, ritos e mitos, que se perpetuam e conferem um sentimento de pertença e de identidade. Os “valores familiares” são transmitidos tendo em vista manter a coesão e a estabilidade, a homeostase e o fortalecimento dos próprios papéis familiares (PRAZERES, 2014).

Muitas vezes, tal transmissão processa-se de forma implícita. Em certos casos, há nas famílias “material” de ordem afetiva que é comunicado, de tal modo que não contempla a possibilidade de elaboração, integração e de transformação por parte dos mais novos. Esses, mesmo que de forma inconsciente, ficam como que ‘condenados’ a um agir acrítico, repetindo padrões de comportamento observados e transmitindo-os às gerações subsequentes, por vezes entendendo-os como se se tratasse de uma espécie de “maldição” ou “destino”. Já em um processo de transmissão saudável, tanto para o indivíduo como para o grupo, desenvolve-se um trabalho de elaboração e de ligação, na medida em que uma geração consegue transformar aquilo que recebe, integrando as suas heranças em função das vivências e perspectivas próprias. Este processo permite que cada geração possa situar-se em relação às anteriores, assim como inscrever cada sujeito em uma categoria, em que o sentimento de pertença o coloca, por sua vez, como ator numa história, num momento e num lugar (PRAZERES, 2014).

Porém, quando a herança recebida transporta em si uma carga traumática em relação à qual está vedado o acesso à representação e à elaboração, há forte probabilidade de repetição. No caso das crianças e dos adolescentes, tem particular impacto a questão do gênero, pelo processo de identificação aos diferentes papéis atribuídos a cada sexo, constituindo um fator de risco muito importante para a perpetuação do padrão de violência e sua naturalização, pois a tendência natural é responder às situações vividas de acordo com os seus modelos. A exposição à violência, de forma

direta ou indireta/vicariante, perpetrada pelas suas figuras de identificação será internalizada e justificada na sua escala de valores enquanto indivíduo, elemento de um sexo e de uma família, configurando, assim, as suas expectativas sociais (PRAZERES, 2014).

Os adolescentes do estudo expõem suas vivências a respeito da transmissão de padrões de relacionamentos familiares da seguinte maneira:

"Tudo vem dos pais, se você vê que seu pai briga com sua mãe, você vai brigar com sua namorada, vai tudo baseado nos pais" (I9 masculino - Grupo Focal 2).

"Eu sou calmo, toda discussão que acontece eu começo calmo, tentando acalmar igual meu pai faz. Só que depois eu já altero e começo a falar coisa que não devo. Então influencia. Se eu começar calmo eu vou tentando igual meu pai, ele sempre levou assim com a minha mãe, mas, às vezes, eu estouro" (I13 masculino – Entrevista individual).

"Eu tento ser o máximo possível diferente do meu pai. Eu não tenho meu pai como exemplo" (I15 masculino – Entrevista individual).

Um estudo realizado no município de Serra, Espírito Santo, com o objetivo de descrever o perfil da violência contra a mulher, destaca que, na maioria dos casos de violência contra a mulher, a agressão sofrida é presenciada pelos filhos (LEITE et al., 2015), fato este que vai ao encontro do apresentado por uma pesquisa desenvolvida na Delegacia Policial da Defesa da Mulher de São Paulo/SP (JONG; SADALA; TANAKA, 2008).

A violência perpetrada pelo parceiro íntimo está fortemente associada aos problemas de comportamento dos filhos, e esta associação é crescente conforme a gravidade da violência e o número de problemas considerados (ALBUQUERQUE et al., 2013). Nesse estudo, o ambiente doméstico foi apontado, em 66,7% dos casos, como o local de ocorrência das agressões, corroborando a pesquisa desenvolvida no Instituto Médico Legal de Ribeirão Preto/SP (SANTI; NAKANO; LETTIERE, 2010). Esse local é o mais escolhido por ser resguardado da interferência de outras pessoas, além de o agressor contar com o medo e a vergonha da mulher de denunciá-lo (LEÔNCIO et al., 2008). Os interlocutores do estudo também contam casos de violência em suas famílias, em que presenciam a violência conjugal dos pais:

"Meu pai bebe, lá em casa é assim, depois de maior a gente conseguia segurar ele; ele quebrava as coisas... Batia na minha mãe, na minha madrasta, nos meus irmãos e usa bebida alcoólica... Se ela (a madrasta) falar alguma coisa, 'Meu Deus do céu!'; ele bate nela e ela fica quieta. Ele quebra tudo: geladeira, fogão, prato" (I1 masculino - Grupo Focal 1).

"Eu já levei três pontos aqui por causa de uma briga do meu pai e da minha mãe. Ela jogou uma lata no meu pai, errou, eu estava sentado no sofá e bateu na minha testa, eu tinha 8 anos. (...) Minha mãe ficou lá, desmaiou no chão, sangrou pra caralho, fui para o hospital. Eles sempre brigavam e sempre ia além da discussão. Fora a lata, teve a faca, e minha mãe começava a quebrar os móveis da casa, jogava" (I16 masculino - Grupo Focal 2).

"Eles se separaram. Os dois só brigavam, ficavam discutindo. Quantas vezes eu já bati no meu pai pra parar de brigar com minha mãe. Minha mãe batia também. Eles se separaram quando eu tinha 8 anos" (I11 masculino - Grupo Focal 2).

"Minha mãe brigava com meu pai, porque ele trabalhava de segurança à noite nessas baladas. Aí ele chegava com aquelas marcas no pescoço, camiseta cheia de batom. Ele fala que vai levantar a mão pra ela só que não levanta não. Ele ficou com trauma, porque teve um dia que ele bateu nela sério e ela foi parar no hospital e ficou com o olho, assim, roxo. Ela fala que quando ele for dormir vai jogar água quente no ouvido dele. Hoje quem ameaça meu pai é minha mãe" (I9 masculino – Entrevista individual).

"Já bateu várias vezes na minha mãe. Teve um dia que ele (o pai) estava batendo na minha mãe e os vizinhos precisaram separar. A hora que ele estava batendo nela, ela pegou uma faca pra matar ele. Aí os vizinhos a tiraram de lá. Eu tinha uns 6 ou 7 anos" (I11 masculino – Entrevista individual).

Tem-se estabelecido uma correspondência direta entre a violência conjugal e maiores índices de suicídio, abuso de drogas, álcool e sofrimento psíquico em geral (MENEZES et al., 2003). Este fenômeno se desvela na relação conjugal, repercutindo não só na saúde da mulher, mas também na saúde da família, pois a constância dos episódios e a aceitação por parte dos(as) abusados(as), com o tempo, pode levar à naturalização dessa violência.

A violência intrafamiliar sustenta-se e transmite-se em um contexto de funcionamento complementar entre abusador(a) e abusado(a); consequentemente, os filhos vivem e aprendem que a violência faz parte de uma rotina aceitável, aumentando o risco de que venham a repetir este mesmo padrão, quando adultos, nas suas próprias famílias. Os adolescentes do estudo, além de presenciarem a violência interpessoal dos pais no ambiente familiar, também sofriam violência:

"... minha mãe, toda vida, não foi muito de falar. Ela sempre foi mais de partir para a ignorância, briga, bater, xingar, ela e eu nunca tivemos diálogo" (I4 masculino – Entrevista individual).

"Lá em casa, eu e meu pai, é soco, chute, é voadora! Meu pai me bateu porque eu respondi ele. Aí quando ele me bate eu falo assim: 'Me mata, então, precisa me bater pra me deixar roxo não!'. Ele fala: 'Você já está hominho, aguenta soco, chute. Eu quando estava na sua idade não estava por aí perambulando não, eu estava era preso'" (I9 masculino - Grupo Focal 2).

"Ela me batia quando eu era criança, não perdoa idade não. Desde pequeno eu apanhava. Teve a época da mão, do chinelo, do cinto, ela já quis me bater com pano de chão molhado. Só que esse dia do pano de chão nós discutimos também, eu segurei o pano de chão e até meu padrasto entrou no meio da briga pra proteger ela" (I4 masculino – Entrevista individual).

"Eu morei com minha vó desde que minha mãe faleceu porque meu pai sempre me bateu, eu fugia de casa, ia pra casa da minha vó que era 3 casas do lado da do meu pai, que é mãe da minha mãe. Ele batia mesmo, de cinta, pedaço de pau, tudo que ele achava na frente ele batia. Ele já me machucou feio, cicatrizes, mas que ele batia, ele batia. Ele fala que não sabe bater, não sabe quando parar" (I15 masculino – Entrevista individual).

"E ela (a madrasta) me batia, me judiava, fazia milhares de coisas comigo. Meu pai deixava, ele é segurança, ele trabalhava de noite e dormia de dia. Eu só ficava com ela. Se eu não comia, eu

apanhava, se eu comia demais, eu apanhava, na época era assim. Hoje ela não encosta no meu irmão, acho que porque ele é filho dela. Ela me batia de chinelo e cinta. Eu apanhei do meu pai, da minha mãe, do meu tio. Não sei, do tanto que eu sofri, eu devo ter algum lugar garantido" (I15 masculino – Entrevista individual).

A violência contra crianças e adolescentes ocorre em todas as partes do mundo, em todas as culturas e extratos sociais e em diferentes épocas da história da humanidade. Em razão de esses indivíduos serem desprovidos de defesa e permanecerem, por longo tempo, na dependência de outrem, são vítimas constantes dos diversos tipos de violência, impetrados, na grande maioria das vezes, por pessoas de convívio muito próximo, justamente responsáveis por cuidar-lhes e garantir-lhes segurança e desenvolvimento saudável (BAPTISTA et al., 2008; FARIA; ARAÚJO; BAPTISTA, 2008).

Como consequência, a exposição frequente à violência na infância e adolescência pode levar a uma adaptação social negativa, causando internalização de problemas como ansiedade, depressão e baixa autoestima (SALZINGER et al., 2008); além desses traumas na infância estarem intimamente relacionados a desajustes psicológicos tardios e a conflitos em relacionamentos na idade adulta (BROWNE; WINKELMAN, 2007).

Pesquisas nacionais e internacionais apontam a importância de se estudar a violência intrafamiliar (IWAMOTO et al., 2010; LIM; ADAMS; LILLY, 2012; MIAN, 2004), apesar de seus dados apresentarem-se subestimados em todo o mundo devido à invisibilidade que permeia a violência.

Embora comumente a violência esteja associada a lesões físicas, o fenômeno não se caracteriza apenas por uma gravidade clínica, mas igualmente pelo impacto psicológico e social que causa nas vítimas. Isto se explica pelo fato de nem sempre deixar marcas visíveis, haja vista que a violência física (DINIZ et al., 2003) é apenas uma das formas de expressão da violência conjugal.

Além da violência física relatada, o ambiente familiar dos adolescentes entrevistados também era marcadamente permeado pela violência psicológica e pelo envolvimento com álcool e drogas:

"Meu pai bebe, tá diminuindo agora, mas bebe. Eu cresci com ele bêbado todo dia. Quando ele bebia ele era muito violento, mas não violento ao ponto de bater, mas ao ponto de gritar, de esperar. Ele nunca me relou a mão, nunca, nunca. Com a minha mãe ele também era violento, mas não batia. Ele sempre manteve o controle. Só gritava, expulsava de casa, fazia essas coisas. Eu não ficava com medo, eu sempre cheguei a enfrentar ele. Desde que eu voltei de Franca que eu sempre enfrentei ele. Minha mãe ele ameaçava, às vezes: 'se você não fizer isso eu vou matar você!' Falava gritando. Ele chegava bêbado em casa, a gente estava dormindo e, por causa de um copo de suco que estava na pia, ele colocava a gente pra fora e a gente tinha que dormir na casa do meu primo. Colocava a gente pra fora de casa de madrugada. Era frequente, hoje já não, mas eu tinha uns quatorze, quinze anos quando isso acontecia" (I3 masculino – Entrevista individual).

"Meus pais se separaram quando eu tinha dois anos... Não sei como era o relacionamento dos dois, mas ela já sofreu muito. Ela casou com um cara lá e sofreu muito com ele, porque ele era violento. Ele não batia nela, mas fazia violência de ameaçar, essas coisas. (...) Meu pai, desde que largou minha mãe, está junto com minha madrasta, estão juntos até hoje, só que eles brigam pra caramba" (I10 feminino - Grupo Focal 2).

"Quando eu fazia coisas ruins, sempre fiz, mas parei também. Vendia drogas (o aviãozinho), ele me aconselhava, mas todos meus tios mexem com isso. Quem me dava conselhos era meu tio que não fuma, não bebe, não gosta de festa, só trabalha. Agora tinha uns três tios que saíam da casa deles bêbados pra ir quebrar coisas lá em casa, e meus avós davam tudo pra eles. (...) E eles, quando chegavam atacados de crack, cocaína lá, queriam bater nos meus avós. Meu tio bateu nela e eu não aguentei, dei uma facada nele, não aguentei, teve porrada. Ele tomou a faca da minha mão e meu avô mandou eu correr. Direto tinha briga lá. Meu avô fechou a porta e eles quebraram. Eu falei pra deixar e peguei uma moto do meu amigo e fui chamar esse outro tio meu. Falei isso e ele já quase deu um 'piripaque', falou que ia matar tudo. Já foi com foice e a desgraça foi feita e ele quando começa a bater, regaçaou a cabeça deles tudo, quebrou mesmo, sangue pra tudo que é lado, um quase morreu. E são irmãos. Meu tio falou que dá próxima vez que eu chegar aqui e achar eles dentro de casa, não ia bater mais, ia é matar. Bateu nos três. E até hoje todos têm medo dele, e olha que ele é um dos caçulas" (I1 masculino – Entrevista individual).

"Há uns 4 anos, ele e minha mãe foram brigar, eles brigavam. Aí minha mãe fazia as coisas erradas, meu pai sabia, batia nela, eu entrava e apanhava também. Eu prefiro não falar o motivo que eles brigavam. (...) Meu pai e minha mãe usavam drogas, os dois. Isso ajudava a brigar" (I9 masculino – Entrevista individual).

A dependência de substâncias psicoativas pelos membros da família também se constitui como um dos fatores que favorecem a expressão da violência, por meio de atitudes agressivas e negligentes com as crianças e os adolescentes (HOCHGRAF; BRASILIANO, 2004).

Pesquisas apontam para uma associação positiva consistente entre problemas masculinos e femininos relativos ao álcool ou dependência alcoólica e violência (LIPSKY et al., 2005; RAMISETTY-MIKLER; CAETANO, 2005). Alguns estudos mostraram associações temporais entre o álcool e a violência, apontando probabilidades condicionais de perpetração de violência de homens contra mulheres nove vezes mais altas quando os homens bebiam, em comparação com dias sem consumo de álcool. As probabilidades também foram 19 vezes mais altas em dias de consumo elevado em comparação com dias sem consumo de álcool (CAETANO et al., 2005).

Estudos com a população geral indicam que uma grande proporção de indivíduos está sob efeito de álcool quando a violência ocorre e que indivíduos com consumo excessivo ("heavy drinkers"), consumidores sem controle e aqueles que registram problemas relacionados ao álcool têm maior probabilidade de se envolver em relacionamentos violentos do que aqueles que se absterem ou bebem com moderação. Por exemplo, entre casais que relatam violência leve por parte do sexo masculino, 34% dos homens e 16,1% das mulheres tinham registrado problemas relacionados ao álcool nos 12 meses anteriores. Esses problemas eram maiores entre casais que registraram violência severa masculino, em que quase metade dos homens e um quarto das mulheres relataram problemas relacionados ao álcool no ano anterior. Em contraste, os índices mais baixos de problemas relacionados ao álcool foram encontrados nos casais que não registraram nenhum episódio de violência nos 12 meses anteriores (CUNRADI; CAETANO; SCHAFER, 2002).

Assim, as pesquisas mostram que indivíduos com problemas relacionados ao álcool têm maior probabilidade de registrar violência do que aqueles sem problemas, independentemente se a violência foi perpetrada pelo homem ou pela mulher (CAETANO; SCHAFER; CUNRADI, 2001). Ao estimar a associação entre quantidade de álcool consumido e episódios de violência, um estudo recente mostrou que toda a perpetração de violência de homens contra mulheres e de mulheres contra homens aumenta significativamente com uma frequência de consumo de cinco ou mais bebidas por ocasião. Em geral, durante eventos de violência, os homens haviam consumido álcool entre 6% e 57% das ocasiões, e as mulheres, entre 10% e 27% das ocasiões (CAETANO et al., 2005).

Frente ao exposto, na maioria das vezes, os adolescentes mostraram-se conscientes da existência da violência intrafamiliar e da necessidade de modificar esse contexto em seus relacionamentos futuros:

"Nos meus namoros eu discuto, mas eu procuro não ficar brigando igual a eles (os pais), levar essa experiência como exemplo" (I10 feminino - Grupo Focal 2).

"Eu não levo isso (a violência intrafamiliar) para o meu namoro" (I14 feminino - Grupo Focal 2).

Portanto, podemos dizer que a transmissão de padrões de relacionamentos familiares pode se repetir de uma geração a outra, perpetuando modelos definidos a partir dos valores e crenças socioculturais e situações vivenciadas; porém também há a possibilidade concreta de um processo de transmissão saudável, na medida em que o indivíduo consegue transformar aquilo que recebe, integrando as suas experiências em função das vivências e perspectivas próprias. Este processo permite que cada geração possa modificar positivamente sua realidade, quebrando o ciclo de naturalização da violência.

*Relações afetivas no namoro entre
adolescentes: as diferentes faces da
violência simbólica*

8 RELAÇÕES AFETIVAS NO NAMORO ENTRE ADOLESCENTES: AS DIFERENTES FACES DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

O presente estudo objetivou compreender como os adolescentes significam suas relações afetivas e situações de conflito/violência no namoro, bem como a participação da rede de apoio social em seu enfrentamento.

Privilegiamos a dimensão qualitativa da pesquisa social para a compreensão do objeto de estudo, a fim de aprofundar a complexidade desse fenômeno – as relações afetivas e os conflitos/violência durante o namoro dos adolescentes. O tema é considerado hoje de grande importância nos estudos internacionais com dois intuitos principais: melhorar as experiências afetivo-sexuais entre os adolescentes e prevenir a violência conjugal.

A perspectiva hermenêutico-dialética permitiu-nos apreender – a partir da teorização de Bourdieu (2007) sobre poder, violência e dominação simbólica, bem como do gênero como categoria teórica analítica, segundo definição de Scott (1994) – que nas relações afetivas dos adolescentes é possível depreender situações em que se identifica a legitimação da violência simbólica contra a mulher. Isso foi possível devido à interpretação das razões e da lógica das falas dos interlocutores, de suas ações e seus contextos, correlacionando tais dados ao conjunto de inter-relações e conjunturas, dentre outros corpos analíticos trabalhados em nossos resultados.

Os interlocutores expõem sobre o namoro e o ficar na contemporaneidade, seus significados, facilidades e dificuldades encontradas nessas relações, assimetrias em seus relacionamentos sociais permeados pela violência simbólica. O sentido de ficar se sustenta em interações breves e sem compromisso, diferindo do namorar, em que se estabelecem códigos de conduta como prova de fidelidade.

No contexto do namoro, o ciúme – considerado um dos princípios componentes do mito do amor romântico – funciona como ferramenta de reforço da submissão de uma pessoa sobre a outra; de modo que, no caso dos sujeitos adolescentes, tende a permear as relações de namoro, atuando também na forma como se constroem as noções de mulher/feminino e de homem/masculino no âmbito de uma sociedade patriarcal e machista. Essa noção ainda tende a significar (e resumir) o ser social mulher como sinônimo de submissão, fragilidade, inferioridade, maternidade, sentimento; enquanto o ser social homem assume a conotação de dominação, virilidade, objetividade, agressividade (MARTÍNEZ BENLLOCH et al., 2008).

Assim como Bosch et al. (2007), identificamos haver a (re)produção e a vivência da vinculação amor romântico-ciúme-violência simbólica por parte de alguns casais de namorados, vinculação que se

dá através dos lugares frequentados, papéis e posições que assumem/exercem socialmente, privilegiando a construção de relações assimétricas de poder entre os sexos/gêneros.

Marcadamente, as articulações entre masculinidade e violência se apresentam com uma inflexão muito acentuada, a ponto de a segunda expressão ser entendida como uma pertença à primeira, de uma forma quase que naturalizada. Em outras palavras, o fato de homens expressarem comportamentos violentos poderia ser visto como um pleonismo do exercício da masculinidade. No senso comum, ainda persistem tanto atitudes que desculpam ou licenciam comportamentos violentos masculinos quanto aquelas que cobram certo grau de violência nas condutas masculinas para que os atores dessas condutas recebam o atestado de homens. Nesse cenário de associação mecânica entre o ser masculino e o ser violento, as relações de gênero podem ser construídas e reproduzidas a partir de uma lógica em que a violência seria a referência para se diferenciar o homem da mulher.

Nas cenas cotidianas retratadas pelos adolescentes interlocutores do estudo, os códigos de condutas se expressam no que se define por aceitável e desejável relacionado ao uso de roupas, comportamento sexual, lugares a se frequentar quando se está namorando, dentre outros exemplos. Teoricamente, isso se refere ao uso social do corpo como forma de distinção entre os sexos e a padronização das condutas e à utilização de objetos-signos. À luz do conceito de “dominação masculina” de Bourdieu (2007), podemos dizer que não é conferida à mulher – representada por atributos de delicadeza e submissão de seus atos – uma postura e atitudes próprias, legítimas no namoro, que possam ferir esses atributos; enquanto, ao homem, é conferida uma postura de masculinidade e poder, claramente presente e forte no relacionamento afetivo-sexual dos adolescentes, além de reafirmada por ambos os gêneros.

De acordo com Bourdieu (2000), a violência simbólica deve ser entendida a partir da lógica do poder e da dominação masculina, que impõe valores, ideais e padrões patriarcais como aspectos naturais aos sexos, que (re)criam mecanismos dificultadores de sua identificação (LAMAS, 2003).

Outra conduta identificada no namoro é o isolamento social do par, tendo o ciúme como justificativa, o que se reveste do pleno exercício do poder e do controle sobre o/a parceiro/a, apresentando-se, portanto, como uma forma de violência simbólica.

Dessa forma, a construção de uma sociedade sem violências, principalmente no âmbito das relações afetivo-sexuais entre adolescentes, passa por um processo de (re)significação do ciúme e do referencial de amor que os sujeitos (re)produzem, de modo que um dos desafios é desmitificar o ciúme como expressão de amor e visibilizá-lo a partir de sua possível conexão com a violência de gênero.

A violência tende a ficar invisibilizada pelo ideal romântico do amor, em que as desconfianças e o ciúme são decodificados como formas de cuidado e amor, apresentando-se a violência simbólica como a principal face da violência nas relações afetivas do namoro entre adolescentes. Para além da

violência simbólica, outras formas de violência foram identificadas nas relações afetivas do namoro entre adolescentes, corroborando o pressuposto de nosso estudo. É importante acrescentar a esses achados o dado relevante sobre a postura da mulher assumindo o papel de sujeito agressor, assim como o homem, nas relações afetivo-sexuais dos adolescentes.

Segundo Bourdieu (2007), a dominação não é o efeito direto e simples da ação exercida por um conjunto de agentes sobre outros (dominantes *versus* dominados), mas o efeito indireto de um conjunto complexo de ações que se engendram na estrutura do campo por meio do qual se exerce a dominação frente aos demais (BOURDIEU, 2007). Tal dominação não é evidente, e sim camuflada, a tal ponto que muitas vezes os que a sofrem não a percebem. De acordo com o sociólogo francês (BOURDIEU, 1997, p. 22), a "violência simbólica consiste em uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita dos que a sofrem e também, com frequência, dos que a exercem, na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou de sofrê-la".

A representação do homem como parte dominante de sua relação com a mulher, em muitos dos seguimentos de sua vida, acaba sendo incorporada pelo senso comum como algo natural. A própria mulher acaba incorporando essa relação de poder em sua vida como algo que é irreversível, visto que já está naturalizado na sociedade, e, não percebendo sua condição de dominada, acaba reproduzindo essa forma de violência até mesmo com outras mulheres.

Partimos do pressuposto de que as várias formas de violência nas relações de namoro entre adolescentes costumam ter origem nas experiências agressivas entre os pais e presenciadas pelos adolescentes, em um tipo de comunicação desrespeitosa reincidente, naturalizada, que pode afetar toda a constelação familiar. Todavia, percebemos que as várias formas de violência nas relações afetivas dos adolescentes originam-se de uma complexidade de fatores, e não apenas dessas experiências agressivas entre os pais presenciadas pelos adolescentes. Foi marcante o papel familiar na vida desses adolescentes, os quais, muitas vezes, devido aos diferentes arranjos e estruturas familiares, não conseguiam identificar seu lugar em suas famílias, caracterizadas como mosaicos familiares.

"Famílias mosaico" é como são conhecidas as famílias reconstituídas através de casamento, união estável ou outro tipo de arranjo familiar, cujos componentes são pessoas advindas de relacionamentos anteriores e se unem a outrem em situação idêntica ou não, levando para esta formação familiar também os filhos de cada um, caso existam; por isso, são conhecidas como pluriparentais, por sua composição diversa e livre (RODRIGUES; VIANA, 2010).

Por analogia ao mosaico, uma arte milenar, vê-se que a família, como é desenhada atualmente, tem semelhanças com essa arte, pois é formada por pessoas que vieram de outras relações e, juntas, formam um novo contexto de família, multiplicando a parentalidade e inserindo

pessoas de gênero, personalidade e graus de afinidade diversos em um mesmo ambiente familiar. Uma família reconstituída é um mosaico que se forma (RODRIGUES; VIANA, 2010).

A maioria dos adolescentes entrevistados, apesar de conviverem em ambientes familiares que não lhe possibilitavam uma plena constituição de sua identidade social, reconheciam os membros da família (pai, mãe e irmãos) como parte predominante de sua rede de apoio social, o que comprova a força e importância da relação familiar no apoio social, estrutural e funcional. Entretanto, as recomposições familiares frequentes podem levar a uma perda nessas relações de apoio, pois os adolescentes passam a não se encontrar mais nesse espaço familiar, o que os leva a buscar apoio social em outros membros citados nas redes, como os amigos.

A rede social do adolescente apresenta-se como um sistema de apoio formado por várias pessoas pertencentes à família e à comunidade nas quais está inserido, interferindo direta e indiretamente em sua saúde e bem-estar e sendo composta por diferentes domínios, dentre os quais a família é o principal.

Ainda em relação à família, pode-se dizer que a instituição familiar é responsável pelo processo de socialização primária das crianças e dos adolescentes (SCHENKER; MINAYO, 2003). No que diz respeito às relações entre pais e filhos, esse padrão, assim como a estrutura familiar, também se modificou, não sendo mais baseado na imposição da autoridade, e sim na valorização de um relacionamento aberto, pautado na possibilidade de diálogo (LISBOA, 1987), o qual é considerado pelos adolescentes como um elemento importante dentro do contexto familiar.

A família tem importante funcionalidade na rede de apoio social do adolescente, no entanto, também pode atuar como um fator de vulnerabilidade nas relações afetivas dos adolescentes para a manifestação da violência, pois, se convivem com cenários de violência, uso de álcool e drogas, falta de diálogo e distanciamento, falta de afeto, dentre outros, isso pode ter discernimento diferenciado entre os adolescentes, ao verbalizarem os exemplos familiares a serem ou não seguidos.

Vimos que a família tem passado por inúmeras transformações nas últimas décadas, sendo, portanto, passível de vários tipos de arranjos na atualidade. Entretanto, as funções básicas desempenhadas pela instituição familiar no decorrer do processo de desenvolvimento psicológico de seus membros permanecem as mesmas.

Diante dos resultados, pode-se dizer que diversos são os modelos explicativos para a presença da violência nas relações afetivo-sexuais entre adolescentes. Esta pesquisa se propôs a analisar a violência nas relações afetivo-sexuais entre adolescentes oferecendo subsídios que considerem os modelos culturais de gênero existentes em nossa sociedade para a possível formulação de políticas e programas intersetoriais, tanto no âmbito da prevenção e da intervenção quanto da recuperação de perpetradores e vítimas desse tipo de violência.

Pela complexidade do problema, a introdução de um olhar de gênero frente ao fenômeno da violência nas relações afetivo-sexuais traz elementos importantes para a atuação de profissionais e formulação/implementação de políticas públicas. Nesse sentido, o planejamento e a execução de ações que enfrentem esse fenômeno perpassam por diferentes áreas – saúde, educação, assistência social e justiça – e exige a participação dos próprios adolescentes, assim como a de suas famílias.

Considerações Finais

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados apresentados, consideramos de suma importância construir espaços criativos de conversa e troca entre os adolescentes sobre relações afetivo-sexuais e violência, criando instrumentos que lhes permitam reconhecer, enfrentar e se opor às diferentes formas de violência. Os profissionais que trabalham com adolescentes devem ouvi-los, e as ações de saúde, educação, assistência social e justiça devem implicá-los, no sentido de não serem meros reprodutores de modelos binários de gênero, mas sim participantes ativos na construção e relativização de sua sexualidade (TAQUETTE et al., 2003).

Enfatizamos, dentre os inúmeros profissionais envolvidos, a importância do enfermeiro, devido à sua formação e à amplitude de seu campo de atuação, que lhe conferem competências para atuar concretamente na prevenção da violência e na promoção da vida.

No âmbito da pesquisa, o investimento é na área da educação, elaborando estratégias de aprendizagem sensíveis aos aspectos sociais e culturais, privilegiando relacionamentos interpessoais saudáveis.

Assim, os programas de formação dos profissionais precisam levar em consideração as diferenças de gênero, de classe, de etnia, de pluralidade de gênero e orientação sexual. Há de se repensar a sexualidade humana de maneira mais abrangente, tendo em vista tanto as singularidades de homens, quanto as singularidades de mulheres. Além disso, os profissionais ainda precisam ser formados e estarem atentos para as co-ocorrências dos diversos tipos de violência, através de uma escuta profissional efetiva e comprometida.

A Política Nacional de Enfrentamento de Violência contra Mulher implementa ações de prevenção, atendimento e enfrentamento da violência contra a mulher, incluindo a violência conjugal (BRASIL, 2011); no entanto, se a violência nas relações afetivo-sexuais entre adolescentes possui sua própria dinâmica, com especificidades e particularidades, é fundamental a formulação e implantação de políticas públicas específicas a esse fenômeno. Desta forma, um grande desafio é criar programas e políticas intersetoriais, tanto no âmbito da prevenção e da intervenção, quanto da recuperação de perpetradores e vítimas, a fim de enfrentar a violência nas relações afetivo-sexuais entre adolescentes com resolutividade e eficácia. Os diversos setores envolvidos devem estar implicados no entendimento e na intervenção a esse fenômeno, para a operacionalização de um atendimento integral aos adolescentes, considerando suas peculiaridades, conjunturas e condições de vida.

Os desafios são muitos: enfrentamento de políticas, profissões e disciplinas historicamente setoriais, fragmentadas e parcializadas; enfrentamento dos modelos hegemônicos de gênero,

fortemente naturalizados no senso comum; e a inclusão de adolescentes e famílias em um debate que envolve valores, intimidades e mudança de crenças. Apesar dos desafios, pretendemos instigar a reflexão e a discussão para o combate deste tipo de violência, visando ainda à democratização das relações de gênero e à prevenção da violência conjugal.

Referências

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G.; SILVA, L. B. **Juventude e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.
- ALBUQUERQUE, J. B. C.; CÉSAR, E. S. R.; SILVA, V. C. L.; ESPÍNOLA, L. L.; AZEVEDO, E. B.; FERREIRA FILHA, M. O. Violência doméstica: características sociodemográficas de mulheres cadastradas em uma Unidade de Saúde da Família. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 15, n. 2, p. 382-390, 2013. Disponível em: <<http://www.fen.ufg.br/revista/v15/n2/pdf/v15n2a10.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2015.
- ALDRIGHI, T. Prevalência e cronicidade da violência física no namoro entre jovens universitários do Estado de São Paulo – Brasil. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 105-120, 2004.
- ALMEIDA, T. Infidelidade heterossexual e relacionamentos amorosos contemporâneos. **Pensando Famílias**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 49-56, 2007.
- ALMEIDA, T.; LOURENÇO, M. L. Ciúme romântico: um breve histórico, perspectivas, concepções correlatas e seus desdobramentos para os relacionamentos amorosos. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 2, n. 2, p. 18-32, jul./dez. 2011.
- ALMEIDA, T.; RODRIGUES, K. R. B. Mitos da infidelidade. **Psique**, n. 33, p. 70-79, 2008.
- ALMEIDA, T.; RODRIGUES, K. R. B.; SILVA, A. A. O ciúme romântico e os relacionamentos amorosos heterossexuais contemporâneos. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 13, n. 1, p. 83-90, 2008.
- ANGROSSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009 (Coleção Pesquisa Qualitativa).
- ANTONUCCI, T. C.; AKIYAMA, H. Social networks in adult life and a preliminary examination of the convoy model. **Journals of Gerontology**, Washington, v. 42, n. 5, p. 519-527, 1987.
- ANTONUCCI, T. C.; AKIYAMA, H.; TAKAHASHI, K. Attachment and close relationships across the life span. **Attachment e Human Development**, New York, v. 6, n. 4, p. 353-370, 2004.
- ANTONUCCI, T. C.; JACKSON, J. S. Social support, interpersonal efficacy, and health: a life course perspective. In: CARSTENSEN, L. L.; EDELSTEIN, B. A. (Eds.). **Handbook of clinical gerontology**. New York: Pergamon, 1987. p. 291-311.

ANTUNES, C.; FONTAINE, A. M. Percepção de apoio social na adolescência: análise fatorial confirmatória da escala Social Support Appraisals. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 15, n. 32, p. 355-366, 2005.

AQUINO, E. M. L.; ALMEIDA, M. C.; ARAÚJO, M. J.; MENEZES, G. Gravidez na adolescência: a heterogeneidade revelada. In: HEILBORN, M. L.; AQUINO, E. M. L.; BOZON; KNAUTH, D. R. (Orgs.). **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Garamond/Fiocruz, 2006. p. 309-360.

ARAÚJO, L. M. Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 9, set. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-8123201200090035&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 maio 2013.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

ASHLEY, O. S.; FOSHEE, V. A. Adolescent help-seeking for dating violence: prevalence, sociodemographic correlates, and sources of help. **Journal Adolescent Health**, California, n. 36, p. 25-31, 2005.

BACKES, D. S.; COLOMÉ, J. S. C.; ERDMANN, R. H.; LUNARDI, V. L. Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. **O Mundo da Saúde**, São Paulo, v. 35, n. 4, p. 438-442, 2011.

BAPTISTA, R. S.; FRANÇA, I. S. X.; COSTA, C. M. P.; BRITO, V. R. S. Caracterização do abuso sexual em crianças e adolescentes notificado em um Programa Sentinela. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 21, n. 4, p. 602-608, 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21002008000400011>>. Acesso em: 19 ago. 2015.

BIASOLI-ALVES, Z. M. M. Pesquisando e intervindo com famílias de camadas diversificadas. In: ALTHOFF, C. R.; ELSEIN, I.; NITSCHKE, R. G. (Orgs.). **Pesquisando a família: olhares contemporâneos**. Florianópolis: Papa-livro, 2004. p. 91-106.

BITTAR, D. B.; NAKANO, A. M. S.; SILVA, M. A. I.; ROQUE, E. M. S. T. Violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes na percepção de mães agressoras. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 14, n. 4, p. 771-778, out./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.fen.ufg.br/revista/v14/n4/v14n4a04.htm>>. Acesso em: 10 maio 2013.

BLACK, M. B.; WEIZ, N. A. Dating violence. Help-seeking behaviours of African American middle schoolers. **Violence Against Women**, v. 9, n. 2, p. 187-206, 2003.

BORGES, A. L. V.; LATORRE, M. R. D. O.; SCHOR, N. Fatores associados ao início da vida sexual de adolescentes matriculados em uma unidade de saúde da família da zona leste do município de São Paulo, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 7, p. 1583-1594, 2007.

BORGES, A. L. V.; NAKAMURA, E. Normas sociais de iniciação sexual entre adolescentes e relações de gênero. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 1, p. 94-100, 2009.

BORGES, A. L. V.; NICHIAITA, L. Y. I.; SCHOR, N. Conversando sobre sexo: a rede sociofamiliar como base de promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Peto, v. 14, n. 3, p. 422-427, 2006.

BORGES, A. L.; SCHOR, N. Início da vida sexual na adolescência e relações de gênero: um estudo transversal em São Paulo, Brasil, 2002. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 499-507, mar./abr. 2005.

BOSCH, E. et al. **Del mito del amor romántico a la violencia contra las mujeres en la pareja**. Madrid: Instituto de la Mujer y Ministerio de Igualdad, 2007.

BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. **La noblesse d'État. Grandes écoles et esprit de corps**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1989.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. O estúdio e seus bastidores. In: BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 22-57.

_____. Permanences et changements. In: BOURDIEU, P. **La domination masculine**. Paris: Seuil, 1998. p. 155-156.

_____. **La domination masculine**. Barcelona: Anagrama, 2000.

_____. **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002a.

_____. **Esboço de uma teoria da prática**. Oeiras: Celta, 2002b.

BOURDIEU, P. *Images d'Algérie*. Dir. par Franz Schultheis et Christine Frisinghelli. Arles: Actes Sud, 2003.

_____. Uma imagem ampliada. In: BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. p. 7-8.

_____. Anamnese das constantes ocultas. In: BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 20-54.

BOZON, M.; HEILBORN, M. L. Iniciação à sexualidade: modos de socialização, interações de gênero e trajetórias individuais. In: HEILBORN, M. L.; AQUINO, E. M. L.; BOZON, M.; KNAUTH, D. R. (Orgs.). **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Garamond/Fiocruz, 2006. p. 155-206.

BRANDÃO, E. R. Iniciação sexual e afetiva: exercício da autonomia juvenil. In: HEILBORN, M. L. (Org.). **Família e sexualidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 63-86.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 737/GM, de 16 de maio de 2001. Política nacional de redução da morbimortalidade por acidentes e violências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 18 maio 2001. Seção 1, p. 64.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. **Violência intra-familiar: orientações para a prática em serviço**. Brasília, DF, 2002 (Cadernos de Atenção Básica).

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. **Marco legal: saúde, um direito de adolescentes**. Brasília, DF, 2005a.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Impacto da violência na saúde dos brasileiros**. Brasília, DF, 2005b. p. 70-95.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Atenção integral para mulheres e adolescentes em situação de violência doméstica e sexual: matriz pedagógica para formação de redes**. Brasília, DF, 2006a.

_____. Lei nº. 11.340, de 07 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a eliminação de todas as formas de discriminação contra as mulheres e da convenção interamericana para prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher. **Diário Oficial de União**, Brasília, DF, 08 de ago. 2006b. Seção 1, p. 1.

BRASIL. Conselho Nacional de Secretário de Saúde (CONASS). **Violência: uma epidemia silenciosa**. Brasília, DF: CONASS, 2007.

_____. Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **II Plano Nacional de Políticas para as Mulheres**. Brasília, DF: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2008.

_____. Ministério da Educação. **Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais**. Livro de conteúdo. Versão 2009. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília, DF: Ministério da Educação, 2009.

_____. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres. **Política Nacional de Enfrentamento à Violência Contra as Mulheres**. Brasília, DF: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2011.

_____. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº. 466, de 12 de dezembro de 2012**. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. 2012. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em: 07 set. 2015.

BRITO, R.; KOLLER, S. H. Desenvolvimento humano e redes de apoio social e afetivo. In: CARVALHO, A. M. (Ed.). **O mundo social da criança: natureza e cultura em ação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. p. 115-129.

BROWNE, C.; WINKELMAN, C. The effect of childhood trauma on later psychological adjustment. *Journal of Interpersonal Violence*, v. 22, n. 6, p. 684-697, 2007. Disponível em: <<http://jiv.sagepub.com/content/22/6/684.full.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2015.

BURAK, S. D. Marco epidemiológico conceptual de la salud integral y el desarrollo humano de los adolescents. In: BURAK, S. D. (Comp.). **Adolescencia y juventud en América Latina**. Cartago: LUR Libro Universidad Regional, 2001. p. 469-487.

BURTON, C. W.; HALPERN-FELSHER, B.; RANKIN, S. H.; REHM, R. S.; HUMPHREYS, J. C. Relationships and betrayal among young women: theoretical perspectives on adolescent dating abuse. *Journal of Advanced Nursing*, Richmond, v. 67, n. 6, p. 1393-1405, Jun. 2011.

CAETANO, R.; SCHAFER, J.; CUNRADI, C. B. Alcohol-related intimate partner violence among white, black, and Hispanic couples in the United States. *Alcohol Research & Health*, Bethesda/Maryland, v. 25, n. 1, p. 58-65, 2001.

CAETANO, R.; MCGRATH, C.; RAMISETTY-MIKLER, S.; FIELD, C. A. Drinking, alcohol problems and the five year recurrence and incidence of male to female and female to male partner violence. *Alcoholism, Clinical and Experimental Research*, Indianapolis, v. 29, n. 1, p. 98-106, 2005.

CALLAHAN, M. R.; TOLMAN, R. M.; SAUNDERS, D. G. Adolescent dating violence victimization and psychological well-being. *Journal of Adolescent Research*, San Francisco, v. 18, n. 6, p. 664-681, 2003.

CANO, M. A. T.; FERRIANI, M. G. C. A família frente à sexualidade dos adolescentes. *Acta Paulista de Enfermagem*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 38-46, 2000.

CARIDADE, S.; MACHADO, C. Violência na intimidade juvenil: da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica*, Lisboa, v. 24, n. 4, p. 485-493, out. 2006.

CARR, J. L.; VANDEUSEN, K. M. The relationships between family of origin violence and dating violence in college men. *Journal of Interpersonal Violence*, v. 17, n. 6, p. 630-646, 2002.

CARVALHO, A. P. S. As mulheres no campo científico: uma discussão acerca da dominação masculina. In: SEMINÁRIO FAZENDO GÊNERO, 7., 2006, Florianópolis. *Anais VII Seminário Fazendo Gênero*. Florianópolis: UFSC, 2006. p. 78.

CASTRO, R. J. S. **Violência no namoro entre adolescentes da cidade do Recife**: em busca de sentidos. 2009. 119 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, Recife, 2009.

CERVENY, C. M. O.; BERTHOUD, C. M. E. **Visitando a família ao longo do ciclo vital**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

CHAVES, J. C. **"Ficar com": um novo código entre jovens**. Rio de Janeiro: Revan, 1994.

CHOR, D.; GRIEP, R. H.; LOPES, C. S.; FAERSTEIN, E. Medidas de rede e apoio social no estudo pró-saúde: pré-testes e estudo piloto. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 4, p. 887-896, 2001.

CONNELL, R. **Gender**. Cambridge: Polity Press, 2002.

CONNELL, R. W. **Understanding men**: gender sociology and the new international research on masculinities. Department of Sociology, University of Kansas, 2007. Disponível em: <http://www.europrofem.org/contri/2_04_en/research-on-masculinities.pdf>. Acesso em: 12 set. 2015.

CONNOLLY, J. A.; GOLDBERG, A. Romantic relationships in adolescence: the role of friends and peers in their emergence and development. In: FURMAN, W.; BROWN, B. B.; FEIRING, C. (Eds). **The development of romantic relationships in adolescence**. New York: Cambridge University Press, 1999. p. 266-290.

CORIA, C. **El amor no es como nos contaron...ni como lo inventamos**. Buenos Aires: Paidós, 2007.

COSTA, N. Contribuições da psicologia evolutiva e da análise do comportamento acerca do ciúme. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 5-13, 2005.

CUNRADI, C. B.; CAETANO, R.; SCHAFER, J. Alcohol-related problems, drug use, and male intimate partner violence severity among US couples. **Alcoholism, Clinical and Experimental Research**, Indianapolis, v. 26, n. 4, p. 493-500, 2002.

CUNHA, M. V. **O velho estadão: educação e poder nos anos de ouro do Ginásio Otoniel Mota**. Ribeirão Preto: Palavra Mágica, 2001.

DAHLBERG, L. L.; KRUG, E. G. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 11, p. 1163-1178, 2006. Suplemento.

DALL'AGNOL, C. M.; TRENCH, M. H. Grupos focais como estratégia metodológica em pesquisa na enfermagem. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 5-25, 1999.

DINIZ, N. M. F.; LOPES, R. L. M.; GESTEIRA, S. M. A.; ALVES, S. L. B.; GOMES, N. P. Violência conjugal: vivências expressas em discursos masculinos. **Revista da Escola de Enfermagem USP**, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 81-88, 2003.

D'OLIVEIRA, A. F. P. L.; SCHRAIBER, L. B.; FRANÇA-JUNIOR, I.; LUDERMIR, A. B.; PORTELLA, A. P.; DINIZ, C. S.; COUTO, M. T.; VALENÇA, O. Fatores associados à violência por parceiro íntimo em mulheres brasileiras. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 43, n. 2, p. 299-310, abr. 2009.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo, transformando ideias em negócios**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

DOURADO, S. M.; NORONHA, C. V. A face marcada: as múltiplas implicações da vitimização feminina nas relações amorosas. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 623-643, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312014000200623&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 set. 2015.

ESPÍRITO SANTO, S. M. **Projeto para implementação do centro de documentação e memória da escola estadual "Otoniel Mota"**. 2008. CD-ROM.

ESPÍRITO SANTO, S. M.; LORENZETTO, C. C.; SCARPINI, N. A. M. A escola e a memória: uma abordagem estratégica sobre a otimização do ensino secundário a partir da arquivística. **Revista EDICIC**, v. 1, n. 2, p. 377-390, abr./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.edicic.org/revista/>>. Acesso em: 16 jun. 2013.

FARIA, A. L.; ARAÚJO, C. A. A.; BAPTISTA, V. H. Assistência à vítima de violência sexual: a experiência da Universidade de Taubaté. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 10, n. 4, p. 1138-1143, 2008. Disponível em: <<http://www.fen.ufg.br/revista/v10/n4/v10n4a26.htm>>. Acesso em: 28 ago. 2015.

FENELON, G. M. Autoridade e amor na comunicação intrafamiliar de adolescentes com dificuldades escolares. **Revista da UFG, Goiânia**, v. 6, n. 1, jun. 2004.

FERNÁNDEZ-FUERTES, A. A.; FUERTES, A. Physical and psychological aggression in dating relationships of Spanish adolescents: motives and consequence. **Child Abuse & Neglect**, v. 34, n. 3, p.183-191, 2010.

FERNET, M. **Amour, violence et adolescence**. Québec: Presses de l'Université du Québec, 2005.

FERRARI, M.; KALOUSTIAN, S. **Família brasileira a base de tudo**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

GADAMER, H. G. **Verdade e método I - traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 64-89.

GELLES, R. J. **Intimate violence in families**. Thousand Oaks: Sage, 1997.

GIFFIN, K. Pobreza, desigualdade e equidade em saúde: considerações a partir de uma perspectiva de gênero transversal. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 18, p. 103-112, 2002. Suplemento.

GLASS, N.; FREDLAND, N.; CAMPBELL, J.; YONAS, M.; SHARPS, P.; KUB, J. Adolescent dating violence: prevalence, risk factors, health outcomes and implications for clinical practice. **Jognn Clinical Issues**, v. 32, p. 227-238, 2003.

GOMES, A. L.; AMBONI, G.; ALMEIDA, T. Ciúme romântico em casais heterossexuais: relatos de pessoas casadas e unidas consensualmente. **Pensando Famílias**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 31-50, 2011.

GOMES, M. A.; PEREIRA, M. L. D. Família em situação de vulnerabilidade social: uma questão de políticas públicas. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, abr./jun. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext>. Acesso em: 04 fev. 2015.

GOMES, N. P.; DINIZ, N. M. F. Homens desvelando as formas da violência conjugal. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 262-267, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-2100200800020005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 set. 2015.

GOMES, R. A mulher em situação de violência sob a ótica da saúde. In: MINAYO, M. C. S. (Ed.). **Violência sob o olhar da saúde: a infrapolítica da contemporaneidade brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003. p. 199-222.

_____. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 102-105.

_____. **Sexualidade masculina, gênero e saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

_____. **Pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Instituto Sírio-Libanês de Ensino e Pesquisa, 2014.

GOMES, R. Invisibilidade da violência nas relações afetivo-sexuais. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; NJAINE, K. (Orgs.). **Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011. p. 141-151.

GOMES, R.; SOUZA, E. R.; MINAYO, M. C. S.; MALAQUIAS, J. V.; SILVA, C. F. R. Organização, processamento, análise e interpretação dos dados: o desafio da triangulação. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E. R. (Orgs.). **Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005. p. 185-221.

GRAAL. Associação Cultural e Social. **Jovens contra a violência no namoro: guia para a ação**. Lisboa, mar. 2012. Disponível em: <http://www.graal.org.pt/files/EA_Guia_para_acciao.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2015.

GRANATO, A.; DE MARI, J. Os meus, os seus, os nossos. **Veja**, São Paulo, n. 109, p. 268-275, 1999.

GROVES, B. M.; AUGUSTYN, M.; LEE, D.; SAWIRES, P. **Identifying and responding to domestic violence: consensus recommendations for child and adolescent health**. San Francisco: The Family Violence Prevention Fund, 2002. Disponível em: <<http://www.futureswithoutviolence.org/userfiles/file/HealthCare/pediatric.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2012.

GUBERT, D.; MADUREIRA, V. S. F. Iniciação sexual de homens adolescentes. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 2247-2256, 2008. Suplemento 2.

HALPERN, C. T.; OSLAK, S. G.; YOUNG, M. L.; MARTIN, S. L.; KUPPER, L. L. Partner violence among adolescents in opposite-sex romantic relationships: findings from the National Longitudinal Study of Adolescents Health. **American Journal of Public Health**, Washington, v. 91, n. 10, p. 1679-1693, 2001.

HARPER, G. W.; GANNON, C.; WATSON, S. E.; CATANIA, J. A.; DOLCINI, M. M. The role of close friends in african american adolescents' dating and sexual behavior. **Journal of Sex Research**, v. 41, n. 4, p. 351-362, 2004.

HEISE, L.; ELLSBERG, M.; GOTTEMOELLER, M. Ending violence against women. **Population Reports, Series L**, Baltimore, v. 27, n. 4, p. 1-43, 1999.

HEISE, L.; GARCIA-MORENO, C. Violence by intimate partners. In: KRUG, E. G.; DALHBERG, L. L.; MERCY, J. A.; ZWI, A. B.; LOZANO, R. (Eds.). **World report on violence and health**. Geneva: World Health Organization, 2002. chap. 4, p. 87-121.

HERRERA, C. G. **La construcción sociocultural del amor romántico**. Madrid: Fundamentos, 2011.

HICKMAN, L. J.; JAYCOX, L. H.; ARONOFF, J. Dating violence among adolescents: prevalence, gender distribution, and prevention program effectiveness. **Trauma, Violence & Abuse**, v. 5, n. 2, p. 123-142, 2004.

HINTZ, H. C. O ciúme no processo amoroso. **Pensando Famílias**, Porto Alegre, v. 5, n. 5, p. 45-55, 2003.

HOCHGRAF, P. B.; BRASILIANO, S. **Mulheres farmacodependentes: uma experiência brasileira. Álcool e drogas sem distorção: Programa Álcool e Drogas (PAD) do Hospital Israelita Albert Einstein**. mar. 2004. Disponível em: <<http://www.einstein.br/alcooledrogas>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

IWAMOTO, H. H.; OLIVEIRA, R. C.; CAMARGO, F. C.; TAVARES, L. C.; OLIVEIRA, L. P. A violência sexual infanto-juvenil sob a ótica dos informantes-chave. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 12, n. 4, p. 647-654, 2010. Disponível em: <https://www.fen.ufg.br/fen_revista/v12/n4/v12n4a08.htm>. Acesso em: 25 ago. 2015.

JONES, D. E. Diálogos entre padres y adolescentes sobre sexualidad: discursos morales y médicos en la reproducción de las desigualdades de género. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 14, n. 32, p. 171-182, 2010.

JONG, L. C.; SADALA, M. L. A.; TANAKA, A. C. D. A. Desistindo da denúncia ao agressor: relato de mulheres vítimas de violência doméstica. **Revista da Escola de Enfermagem-USP**, v. 42, n. 4, p. 744-751, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v42n4/v42n4a17.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2015.

JUSSANI, N. C.; SERAFIM, D.; MARCON, S. S. Rede social durante a expansão da família. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 60, n. 2, p. 184-189, mar./abr. 2007.

JUSTO, J. S. O “ficar” na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. **Revista do Departamento de Psicologia - UFF**, Niterói, v. 17, n. 1, p. 61-77, jan./jun. 2005.

KAHN, R. L.; ANTONUCCI, T. C. Convoys over the life-course: attachment, roles and social support. In: BALTES, P. B.; BRIM, O. G. (Eds.). **Life-span development and behaviour**. New York: Academic Press, 1980. p. 253-286.

KAURA, S. A.; ALLEN, C. M. Dissatisfaction with relationships power and dating violence perpetration by men and women. **Journal of Interpersonal Violence**, v. 19, n. 5, p. 576-588, 2004.

KEIJZER, B. Hasta donde el cuerpo aguante: género, cuerpo y salud masculina. In: CÁCERES, C. et al. (Eds.). **La salud como derecho ciudadano: perspectivas y propuestas desde América Latina**. Lima: Facultad de Salud Pública y Administración/Universidad Peruana Cayetano Herida, 2003. p. 137-152.

KLIKSBERG, B. **Por uma economia com face mais humana**. Brasília: UNESCO, 2003.

KINGHAM, M.; GORDON, H. Aspects of morbid jealousy. **Advances in Psychiatric Treatment**, v. 10, n. 3, p. 207-215, 2004.

KINSFOGEL, K. M.; GRYCH, J. H. Interparental conflict and adolescent dating relationships: Integrating cognitive, emotional, and peer influences. **Journal of Family Psychology**, v. 18, n. 3, p. 505-515, 2004.

KITZINGER, J. Focus groups with users and providers of health care. In: POPE, C.; MAYS, N. (Orgs.). **Qualitative research in health care**. 2nd ed. London: BMJ Books, 2000.

KRONBAUER, J. F. D.; MENEGHEL, S. N. Perfil da violência de gênero perpetrada por companheiro. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 39, n. 5, p. 695-701, out. 2005.

LAGARDE Y DE LOS RÍOS, M. *Amor y sexualidad, una mirada feminista*. Santander: Universidad Menéndez Pelayo, 2008.

LAMAS, M. (Comp.). *El género: la construcción cultural de la diferencia sexual*. México: Programa Universitario de Estudios de Género (PUEG), 2003.

LAVOIE, F.; ROBITAILLE, L.; HÉBERT, M. Teen dating relationships and aggression: an exploratory study. *Violence Against Women*, v. 6, n. 1, p. 6-36, Jan. 2000.

LEITE, F. M. C.; BRAVIM, L. R.; LIMA, E. F. A.; PRIMO, C. C. Violência contra a mulher: caracterizando a vítima, a agressão e o autor. *Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 2181-2191, jan./mar. 2015.

LEÔNICIO, K. L.; BALDO, P. L.; JOÃO, V. M.; BIFFI, R. G. Perfil de mulheres vitimizadas e de seus agressores. *Revista de Enfermagem UERJ*, v. 16, n. 3, p. 307-312, 2008. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v16n3/v16n3a02.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2015.

LEVER, J. P.; MARTÍNEZ, Y. I. C. Pobreza y apoyo social: um estudio comparativo em três niveles socioeconómicos. *Revista Interamericana de Psicología*, v. 41, n. 2, p. 177-188, 2007.

LIM, B. H.; ADAMS, L. A.; LILLY, M. M. Self-worth as a mediator between attachment and posttraumatic stress in interpersonal trauma. *Journal of Interpersonal Violence*, v. 27, n. 10, p. 2039-2061, 2012. Disponível em: <<http://jiv.sagepub.com/content/27/10/2039.full.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2015.

LIPSKY, S.; CAETANO, R.; FIELD, C. A.; LARKIN, G. L. Is there a relationship between victim and partner alcohol use during an intimate partner violence event? Findings from an urban emergency department study of abused women. *Journal of Studies on Alcohol*, v. 66, n. 3, p. 407-412, 2005.

LISBOA, M. R. A. *A sagrada família: a questão do gênero em famílias católicas*. 1987. 245 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1987.

MARCELINO, F. T.; DIMENSTEIN, M. A violência e gênero: caracterização dos casos atendidos na delegacia especializada no atendimento à mulher no Rio Grande do Norte. *Interações*, Campo Grande, v. 12, n. 22, p. 143-170, jul./dez. 2006.

MARTÍNEZ BENLLOCH, I. (Orgs.). **Imaginário cultural, construcción de identidades de género y violencia**: formación para la igualdad en la adolescencia. Madrid: Instituto de la Mujer, 2008.

MASTEN, A.; GARMEZY, N. Risk, vulnerability and protective in developmental psychopathology. In: LAHEY, B.; KAZDIN, A. (Eds.). **Advances in clinical child psychology**. New York: Plenum, 1985. p. 1-52.

MATOS, M.; FÉRES-CARNEIRO, T.; JABLONSKY, B. Adolescência e relações amorosas: um estudo sobre jovens das camadas populares cariocas. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 9, n. 1, p. 21-33, 2005.

MATOS, M.; MACHADO, C.; CARIDADE, S.; SILVA, M. J. Prevenção da violência nas relações de namoro: intervenção com jovens em contexto escolar. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 55-75, 2006.

MENEZES, T. C.; AMORIM, M. M. R.; SANTOS, L. C.; FAÚNDES, A. Violência física doméstica e gestação: resultados de um inquérito no puerpério. **Revista Brasileira de Ginecologia Obstetrícia**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 5, p. 309-316, jun. 2003.

MCCLOSKEY, L. A.; LICHTER, E. L. The contribution of marital violence to adolescent aggression across different relationships. **Journal of Interpersonal Violence**, v. 18, n. 4, p. 390-412, 2003.

MIAN, M. World report on violence and health: what it means for children and pediatricians. **Journal of Pediatrics**, v. 145, n. 1, p. 14-19, 2004. Disponível em: <[http://www.jpeds.com/article/S0022-3476\(04\)00316-6/pdf](http://www.jpeds.com/article/S0022-3476(04)00316-6/pdf)>. Acesso em: 20 ago. 2015.

MICELI, S. Introdução: a força do sentido. In: BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. VII-LXI.

MICHAELIS moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 2004. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>>. Acesso em: 08 ago. 2015.

MINAYO, M. C. S. Hermenêutica-Dialética como caminho do pensamento social. In: MINAYO, M. C.S.; DESLANDES, S. F. (Orgs.). **Caminhos do pensamento: epistemologia e método**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002. p. 83-107.

MINAYO, M. C. S. **Violência e saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006. p. 45-132 (Coleção Temas em Saúde).

_____. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012.

_____. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MINAYO, M. S. C.; ASSIS, S. G.; NJAINE, K. **Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011.

MINAYO, M. C. S.; GUERRIERO, I. C. Z. Reflexividade como éthos da pesquisa qualitativa. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, abr. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-1232014000401103&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 mar. 2015.

MINAYO, M. C. S.; SOUZA, E. R.; PAULA, D. R. Revisão sistemática da produção acadêmica brasileira sobre causas externas e violências contra a pessoa idosa. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 6, set. 2010.

MIOTO, R. C. T. **Cuidados sociais dirigidos à família e segmentos sociais vulneráveis**. Capacitação em serviço social e política social. Módulo 4: o trabalho do assistente social e as políticas sociais. Brasília, DF: UNB/ Centro de Educação Aberta, Continuada a Distância, 2000.

MOREIRA, M. C.; SARRIERA, J. C. Satisfação e composição da rede de apoio social a gestantes adolescentes. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 13, n. 4, p. 781-789, out./dez. 2008.

MORGAN, D. L. **Focus group as qualitative research**. Newbury Park: Sage, 1988.

NASCIMENTO, F. S.; CORDEIRO, R. L. M. Violência no namoro para jovens moradores de Recife. *Psicologia & Sociedade*, Florianópolis, v. 23, n. 3, dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822011000300009&lng=en&rm=iso>. Acesso em: 18 jun. 2013.

NOLTE, D. L.; HARRIS, R. **Os adolescentes aprendem o que vivenciam**. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

ODALIA, N. **O que é violência**. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 22-23 (Coleção Primeiros Passos).

OLIVEIRA, D. C.; GOMES, A. M. T.; MARQUES, S. C.; THIENGO, M. A. "Pegar", "ficar" e "namorar": representações sociais de relacionamentos entre adolescentes. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 60, n. 5, p. 497-502, out. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003471672007000500003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 ago. 2015.

OLIVEIRA, D. C.; SÁ, C. P.; GOMES, A. M. T.; THIENGO, M. A. **A enfermagem e a promoção da saúde do adolescente: condições de vida, saúde e trabalho de estudantes do ensino médio no município do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: FAPERJ/Faculdade de Enfermagem/Universidade de Estado do Rio de Janeiro, 2005.

OLIVEIRA, M. B. F. Produções escritas e processos identitários: um estudo de textos de alunos do ensino fundamental. **Revista Linguagem e Ensino**, Fortaleza, v. 4, n. 1, 2002.

OLIVEIRA, N. H. D. **Recomeçar: família, filhos e desafios**. São Paulo: Editora UNESP/Cultura Acadêmica, 2009. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/965tk/pdf/oliveira-9788579830365-03.pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2015.

OLIVEIRA, P. P. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

OLIVEIRA, Q. B. M.; ASSIS, S. G.; NJAINE, K.; OLIVEIRA, R. V. C. Violências nas relações afetivo-sexuais. In: MINAYO, M. S. C.; ASSIS, S. G.; NJAINE, K. (Orgs.). **Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011. p. 87-140.

O'REILLY M.; PARKER, N. "Unsatisfactory saturation": a critical exploration of the notion of saturated sample sizes in qualitative research. **Qualitative Research**, Boston, v. 13, n. 2, p. 1190-1997, 2012.

ORGANIZACIÓN PANAMERICANA DE LA SALUD (OPS). **La salud del adolescente y el joven en las Américas**. Washington, DC, 1985.

ORTIZ, R. **Mundialização e cultura**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PACHECO, J.; ALVARENGA, P.; REPPOLD, C.; PICCININI, C. A.; HUTZ, C. S. Estabilidade do comportamento anti-social na transição da infância para a adolescência: uma perspectiva desenvolvimentista. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 18, n. 1, p. 55-61, 2005.

PETRINI, J. C. **Pós-modernidade e família**. Bauru: Ed. Edusc, 2003.

PINTO, L. **Pierre Bourdieu e a teoria do mundo social**. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

POLIT, D. F.; BECK, C. T.; HUNGLER, B. T. **Fundamentos da pesquisa em enfermagem: método, avaliação e utilização**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PRAZERES, V. (Coord.). **Violência Interpessoal: abordagem, diagnóstico e intervenção nos serviços de saúde**. Lisboa: Direção-Geral de Saúde, dez. 2014.

PREDEBON, J. C. Conversando sobre sexo na família com filhos adolescentes. In: WAGNER, A. (Org.). **Família em cena: tramas, dramas e transformações**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 159-171.

RAMOS, D. M.; NASCIMENTO, V. G. A família como instituição moderna. **Fractal: Revista de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922008000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 31 maio 2013.

RAMISETTY-MIKLER, S.; CAETANO, R. Alcohol use and intimate partner violence as predictors of separation among U.S. couples: a longitudinal model. **Journal of Studies on Alcohol**, v. 66, n. 2, p. 205-212, 2005.

ROCHA, E. A. A criança e educação: caminhos da pesquisa. In: SARMENTO, M.; CERISARA, A. **Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Porto: Edições Asa, 2004.

RODRIGUES, L. K. L.; VIANA, F. A. C. O pluriparentalismo das "famílias mosaico" à luz do direito brasileiro: perspectivas para o poder familiar. **THEMIS: Revista da Escola Superior da Magistratura do Estado do Ceará**, Fortaleza, v. 8, n. 2, ago./dez. 2010.

ROMANELLI, G. Autoridade e poder na família. In: CARVALHO, M. C. B. (Org.). **A família contemporânea em debate**. 7. ed. São Paulo: Educ, 2006. p. 63-88.

RUZANY, M. H.; TAQUETTE, S. R.; OLIVEIRA, R. G.; MEIRELLES, Z. V.; RICARDO, I. B. A violência nas relações afetivas dificulta a prevenção de DST/AIDS? **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 79, p. 349-354, 2003.

SAFFIOTI, H. I. B. Violência contra a mulher e violência doméstica. In: BRUSCHINI, C.; UNBERHAUM, S. G. (Orgs.). **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas/Editora 34, 2002. p. 321-338.

SAFFIOTI, H.; ALMEIDA, S. S. **Violência de gênero, poder e impotência**. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.

SALOVEY, P. The differentiation of social-comparison jealousy and romantic jealousy. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 50, n. 6, p. 1100-1112, 1986.

SALZINGER, S.; ROSARIO, M.; FELDMAN, R. S.; NG-MAK, D. S. Aggressive behavior in response to violence exposure: is it adaptive for middle-school children? **Journal of Community Psychology**, v. 36, n. 8, p. 1008-1025, 2008. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/jcop.20275/epdf>>. Acesso em: 18 ago. 2015.

SAMUELSSON, M.; THERNLUND, G.; RINGSTRÖM, J. Using the five map to describe the social network of children: a methodological study. *International Journal Behavioral Development*, v. 19, p. 327-345, 1996.

SANTROCK, J. W. *Adolescência*. Rio de Janeiro: LTC, 2003.

SANTI, L. N.; NAKANO, A. M. S.; LETTIERE, A. Percepção de mulheres em situação de violência sobre o suporte e apoio recebido em seu contexto social. *Texto Contexto - Enfermagem*, v. 19, n. 3, p. 417-424, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v19n3/a02v19n3.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2015.

SARTI, C. A. A difficult dialogue. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 315-318, 2008.

SARTORI, E. Reflexões sobre relações de gênero, família e trabalho da mulher: desigualdades, avanços e impasses. *Cadernos Ceru*, série 2, n. 15, p. 171-184, 2004.

SCHENKER, M.; MINAYO, M. C. S. A implicação da família no uso abusivo de drogas: uma revisão crítica. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 707-717, 2003.

SCHRAIBER, L. B.; D'OLIVEIRA, A. F. P. L.; COUTO, M. T. Violência e saúde: estudos científicos recentes. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 40, p. 112-120, ago. 2006. Número especial.

SCHRAIBER, L. B.; D' OLIVEIRA, A. F. L. P.; HANADA, H.; FIGUEIREDO, W.; COUTO, M.; KISS, L.; DURAND, J.; PINHO, A. Violência vivida: a dor que não tem nome. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 7, n. 12, p. 41-54, fev. 2003.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1994.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

_____. *A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem*. Florianópolis: Mulheres, 2002.

SEARS, H. A.; BYERS, E. S.; PRICE, E. L. The co-occurrence of adolescent boys' and girls' use of psychologically, physically, and sexually abusive behaviours in their dating relationships. *Journal of Adolescence*, v. 30, n. 3, p. 487-504, 2007.

SEARS, H. A.; BYERS, E. S.; WHELAN, J. J.; SAINT-PIERRE, M. If it hurts you, then it is not a joke: adolescents' ideas about girls and boys use of abusive behavior in dating relationships. **Journal of Interpersonal Violence**, v. 21, n. 9, p. 1191-1207, 2006.

SILVA, A. L.; SHIMIZU, H. E. A relevância da rede de apoio ao estomizado. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 60, n. 3, p. 307-311, 2007.

SILVA, I. Z. Q. J.; TRAD, L. A. B. O trabalho em equipe no PSF: investigando a articulação técnica e a interação entre os profissionais. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 9, n. 16, p. 25-38, 2005.

SILVA, M. A. M. M.; MELO, B. M.; APPOLINÁRIO, A. P. A família tal como ela é nos desenhos das crianças. **Ruris**, v. 1, n. 1, mar. 2007.

SILVA, V. V. A.; TAKEUTI, N. M. Namoro virtual e as experiências românticas online: um estudo da comunidade virtual do Orkut "conheci meu amor pela internet". **MNEME – Revista de Humanidades**, Natal, v. 11, n. 27, 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme>>. Acesso em: 12 ago. 2015.

SINGLY, F. O nascimento do "indivíduo individualizado" e seus efeitos na vida conjugal e familiar. In: SINGLY, C. P. F.; CICCHELLI, V. (Orgs.). **Família e individualização**. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p. 13-19.

SIQUEIRA, A. C.; BETTS, M. K.; DELL'AGLIO, D. D. A rede de apoio social e afetivo de adolescentes institucionalizados no sul do Brasil. **Revista Interamericana de Psicologia**, v. 40, n. 2, p. 149-158, 2006.

SLUZKI, C. E. **A rede social na prática sistêmica**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

SOARES, M. S.; AMARAL, M. A.; SILVA, L. B.; SILVA, P. A. B. Oficinas sobre sexualidade na adolescência: revelando vozes, desvelando olhares de estudantes do ensino médio. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 485-491, 2008.

SOUSA, L. B.; FERNANDES, J. F. P.; BARROSO, M. G. T. Sexualidade na adolescência: análise da influência de fatores culturais presentes no contexto familiar. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 19, n. 4, p. 408-413, 2006.

SOUZA, A. **Gênero e poder: mulheres docentes em instituições teológicas protestantes da grande São Paulo**. 2006. 169 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2006. 169 p.

SOUZA, J.; MARCHI JÚNIOR, W. Por uma sociologia reflexiva do esporte: considerações teórico-metodológicas a partir da obra de Pierre Bourdieu. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 293-315, 2010.

STEINBERG, L. **Adolescence**. New York: McGraw-Hill, 1993.

STENGEL, M. **Obsceno é falar de amor?** As relações afetivas dos adolescentes. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2003.

STENGEL, M.; TOZO, S. M. P. S. Projetos afetivo-sexuais por adolescentes e seus pais. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João Del-Rei, v. 5, n. 1, jan./jul. 2010.

STREY, M. N. Violência de gênero: uma questão complexa e interminável. In: STREY, M. N.; AZAMBUJA, M. P. R.; JAEGER, F. P. (Orgs.). **Violência, gênero e políticas públicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 13-43.

SUDBRACK, M. F. O. Terapia familiar sistêmica. In: SEIBEL, S. D.; TOSCANO JUNIOR., A. (Orgs.). **Dependência de drogas**. São Paulo: Atheneu, 2001. p. 403-415.

SZYMANSKI, H. Teorias e "teorias" de famílias. In: CARVALHO, M. C. B. (Org.). **A família contemporânea em debate**. 7. ed. São Paulo: EDUC/Cortez, 2006.

TAQUETTE, S. R.; RUZANY, M. H.; MEIRELLES, Z. V.; RICARDO, I. B. Relacionamento violento na adolescência e risco de DST/AIDS. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 5, p. 1437-1444, 2003.

TEIXEIRA, A. **Nunca você sem mim**: homicidas-suicidas nas relações afetivo-conjugais. São Paulo: Annablume, 2009.

TERRAY, E. Proposta sobre a violência simbólica. In: ENCREVÉ, P.; LAGRAVE, R. (Orgs.). **Trabalhar com Pierre Bourdieu**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. p. 303-308.

TRAD, L. A. B. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 777-796, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312009000300013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13 jul. 2015.

VALDÉS, T. Socialização em sexualidade no Chile: adolescentes de camadas populares urbanas. In: HEILBORN, M. L.; DUARTE, L. F. D.; PEIXOTO, C.; BARROS, M. L. (Orgs.). **Sexualidade, família e ethos religioso**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 315-342.

VASCONCELOS, M. D. Pierre Bourdieu: a herança sociológica. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 78, p. 77-87, 2002.

VIEIRA, C. I. F.; COHN, C. Amor contemporâneo e relações na internet: ausência do corpo nas relações. **Revista Brasileira Sociologia das Emoções**, João Pessoa, v. 7, n. 19, p. 72-117, abr. 2008. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/VieiraArt.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2015.

VIEIRA, E. M.; PERDONA, G. S. C.; SANTOS, M. A. Fatores associados à violência física por parceiro íntimo em usuárias de serviços de saúde. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 45, n. 4, p. 730-737, ago. 2011.

WAGNER, A.; CARPENEDO, C.; MELO, L. P.; SILVEIRA, P. G. Estratégias de comunicação familiar: a perspectiva dos filhos adolescentes. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Rio Grande do Sul, v. 18, n. 2, p. 277-282, 2005.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Global consultation on violence and health**. Violence: a public health priority. Geneva, 1996.

_____. **WHO multi-country study on women's health and domestic violence against women**. Geneva, 2005.

_____. **Preventing intimate partner and sexual violence against women: taking action and generating evidence**. London School of Hygiene and Tropical Medicine. Geneva, 2010.

Apêndices

APÊNDICES

APÊNDICE A — TRIAGEM DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Tema da pesquisa: As relações afetivas no namoro entre adolescentes e seus conflitos amorosos.

Título da pesquisa: Violência simbólica entre adolescentes nas relações afetivas do namoro e a rede de apoio social.

Nome: _____ Idade: _____ anos

- Sexo: Feminino ☐ Masculino ☐
- Você tem interesse em participar da pesquisa? Sim ☐ Não ☐
- Você tem ou já teve um relacionamento afetivo ou namoro? Sim ☐ Não ☐

☐
Anterior

☐
Atual
- Se sim, quanto tempo durou ou está durando? _____

APÊNDICE B — ROTEIRO NORTEADOR DA ENTREVISTA ABERTA

Identificação

- Iniciais do nome: _____ Idade: _____ anos
- Nº. de membros da família que moram juntos: _____
- Renda familiar: _____ Desempregados: _____
- Endereço: _____

Contexto Familiar

- Como é sua relação com sua família? Com quem mora?
- O que você considera importante na relação pais e filhos? Você tem ou teve isso?
- Há/houve algum tipo de desavença/conflito em casa?
- Alguém faz uso de bebida alcoólica, cigarro ou outro tipo de droga em casa?

Relação no namoro

- Fale-me de seu namoro.
- Alguém manda em seu relacionamento? Você ou seu (sua) namorado (a)?
- Sua família dá opiniões em seus relacionamentos?

Contexto da violência no namoro

- Você tem amigos que sofrem ou praticam agressão de qualquer tipo ao namorado ou à namorada?
- Quem o (a) ajuda quando você tem algum problema no namoro?
- Você acha que os exemplos de relacionamento que você tem em casa influenciam em seus relacionamentos hoje?
- Que lugar e que tipo de profissional ou pessoas você acha que são mais indicados para ajudar o adolescente nesse tipo de situação? (escola, posto de saúde, casa, professor, profissional de saúde, pais, amigos, mídia).
- Quer falar mais alguma coisa sobre seu relacionamento?

APÊNDICE C — Figuras e perguntas disparadoras da discussão do Grupo Focal

3- Quando se está namorando, a menina pode sair com a roupa que quiser ou deve pedir a opinião do namorado?

4- O que as figuras nos mostram? Comentem.

5- Como os pais ajudam ou atrapalham no namoro dos adolescentes?

6- O que a imagem nos mostra? As vivências que temos em casa podem interferir em nosso namoro?

7- Como os adolescentes namorados se comportam em festas? Bebidas ou drogas influenciam nas discussões do namoro? Influenciam algum tipo de violência? Qual (is)?

8- O que passa pela sua cabeça ao ver essa imagem?

APÊNDICE D — TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA O RESPONSÁVEL PELO PARTICIPANTE MENOR DE 18 ANOS

1/2

Meu nome é Daniela Borges Bittar e sou aluna de pós-graduação, nível Doutorado, da Escola de Enfermagem da USP de Ribeirão Preto e tenho como orientadora a Prof^a. Dr^a. Ana Márcia Spanó Nakano. Venho, respeitosamente, solicitar sua autorização para que o(a) adolescente do(da) qual é responsável participe de uma pesquisa do meu Doutorado chamada **“A violência de gênero nas relações afetivas do namoro entre adolescentes e a rede de apoio social”**, que tem como objetivo compreender a opinião dos adolescentes sobre o namoro e suas situações de conflito, bem como a participação das pessoas próximas a ele(a) para ajudar a resolver e enfrentar esses conflitos.

Esta pesquisa poderá contribuir para o desenvolvimento de programas de prevenção à violência e nos dará um importante conhecimento para prevenir a violência conjugal, em um momento em que ela pode estar sendo construída. O adolescente participante pode se beneficiar pela possibilidade de discussão, debate e aprendizagem sobre o tema da violência no namoro, pois irá participar de espaços criativos de conversa e troca de informações entre os adolescentes. Ele(a) não receberá gratificações por participar da pesquisa.

A pesquisa será realizada através de entrevista individual e em grupo com os participantes. Iremos nos encontrar duas vezes em uma sala reservada da escola, com duração de aproximadamente uma hora cada encontro, em caráter voluntário. As conversas serão gravadas, sem identificação dos participantes, garantindo o anonimato e não haverá despesas por participar da pesquisa.

Esclarecemos que, participando dessa pesquisa, o adolescente pode lembrar-se de fatos desagradáveis, experiências ruins que podem ter ocorrido em sua vida, podendo haver prejuízo emocional. Assim, me coloco disponível quanto à orientação e acompanhamento para a busca de apoio profissional (médico ou psicológico) da rede pública de saúde de Ribeirão Preto, da qual faço parte, caso seja necessário. Esclareço, ainda, a garantia de indenização na ocorrência de danos relacionados à pesquisa por parte da pesquisadora e das instituições envolvidas, conforme as leis vigentes no país. Informo que esse termo de assentimento é elaborado em duas vias, assinadas por mim e pelo responsável pelo adolescente participante, sendo que uma delas ficará com você.

Os resultados da pesquisa poderão ser divulgados publicamente em eventos científicos, na mídia, revistas científicas ou similares. A mesma foi submetida ao Comitê de Ética da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, que é responsável por acompanhar as pesquisas até sua a finalização e publicação, colaborando para seu desenvolvimento ético e respeitando os valores humanos.

Pelo presente consentimento, declaro que fui informado(a), de forma clara e detalhada dos objetivos, da justificativa, dos procedimentos a que o(a) adolescente do(a) qual sou responsável será submetido(a) e dos benefícios do presente estudo. Fui igualmente informado(a):

- 1- Do direito de receber resposta a qualquer pergunta ou dúvida sobre essa pesquisa, bem como os assuntos relacionados à investigação;
- 2- Da liberdade de retirar meu consentimento a qualquer momento e do(a) meu(minha) filho(a) deixar de participar do estudo sem que isso lhe traga prejuízos;
- 3- Do direito de não ser identificada a identidade do(da) adolescente do(a) qual sou responsável e ter a sua privacidade preservada.

Declaro que tenho conhecimento dos direitos acima descritos e permito que ele(ela) participe das atividades elaboradas pela pesquisadora que assina esse termo de consentimento.

Ribeirão Preto, _____, de _____ de 20____.

Participante

Pesquisadora

Contato do Comitê de Ética

Endereço: Escola de Enfermagem de
Ribeirão Preto-USP
Avenida Bandeirantes, nº. 3900.
Fone – 36023386. Funcionamento: de
segunda à sexta-feira, das 8 às 17 horas).

Contato da pesquisadora

Daniela Borges Bittar
Endereço: Escola de Enfermagem de
Ribeirão Preto-USP; Avenida
Bandeirantes, nº. 3900.
Fone: (16) 3602 3405.

APÊNDICE E — TERMO DE ASSENTIMENTO

1/2

Meu nome é Daniela Borges Bittar e sou aluna de pós-graduação, nível Doutorado, da Escola de Enfermagem da USP de Ribeirão Preto e tenho como orientadora a Prof^a. Dr^a. Ana Márcia Spanó Nakano. Gostaria de convidá-lo(a) a participar da pesquisa do meu Doutorado chamada **“A violência de gênero nas relações afetivas do namoro entre adolescentes e a rede de apoio social”**, que tem como objetivo compreender a opinião dos adolescentes sobre o namoro e suas situações de conflito, bem como a participação das pessoas próximas a você para ajudar a resolver e enfrentar esses conflitos.

Esta pesquisa poderá contribuir para o desenvolvimento de programas de prevenção à violência doméstica, assim como nos dará um importante conhecimento para prevenir a violência conjugal, em um momento em que ela pode estar sendo construída. Você pode se beneficiar pela possibilidade de discussão, debate e aprendizagem sobre o tema da violência no namoro, pois participaremos de espaços criativos de conversa e troca de informações entre os adolescentes. Você não receberá gratificações por participar da pesquisa.

Ela será realizada através de entrevista individual e em grupo com os participantes. Iremos nos encontrar duas vezes em uma sala reservada da escola, com duração de aproximadamente uma hora cada encontro, em caráter voluntário. As conversas serão gravadas, sem identificação dos participantes, garantindo o anonimato e não haverá despesas por participar da pesquisa.

Esclarecemos que, participando dessa pesquisa, você pode lembrar-se de fatos desagradáveis, experiências ruins que podem ter ocorrido em sua vida, podendo haver prejuízo emocional. Assim, me coloco disponível quanto à orientação e acompanhamento para a busca de apoio profissional (médico ou psicológico) da rede pública de saúde de Ribeirão Preto, da qual faço parte, caso seja necessário. Esclareço, ainda, a garantia de indenização na ocorrência de danos relacionados à pesquisa por parte da pesquisadora e das instituições envolvidas, conforme as leis vigentes no país e informo que esse termo de assentimento é elaborado em duas vias, assinadas por mim e pelo participante, sendo que uma delas ficará com você.

Os resultados da pesquisa poderão ser divulgados publicamente em eventos científicos, na mídia, revistas científicas ou similares. A mesma foi submetida ao Comitê de Ética da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, que é responsável por acompanhar as pesquisas até sua finalização e publicação, colaborando para seu desenvolvimento ético e respeitando os valores humanos.

Pelo presente consentimento, declaro que fui informado(a), de forma clara e detalhada dos objetivos, da justificativa, dos procedimentos a que serei submetido(a) e dos benefícios do presente estudo. Fui igualmente informado(a):

1. Do direito de receber resposta a qualquer pergunta ou dúvida sobre essa pesquisa, bem como os assuntos relacionados à investigação;
2. Da liberdade de retirar meu consentimento a qualquer momento e de deixar de participar do estudo sem que me lhe traga prejuízos;
3. Do direito de não ser identificada minha identidade e de ter minha privacidade preservada.

Declaro que tenho conhecimento dos direitos acima descritos e participarei das atividades elaboradas pela pesquisadora que assina esse termo de assentimento.

Ribeirão Preto, _____, de _____ de 20____.

Participante

Pesquisadora

Contato do Comitê de Ética

Endereço: Escola de Enfermagem de
Ribeirão Preto-USP

Avenida Bandeirantes, nº. 3900.

Fone – 36023386.

Funcionamento: de segunda à sexta-feira,
das 8 às 17 horas).

Contato da pesquisadora

Daniela Borges Bittar

Endereço: Escola de Enfermagem de
Ribeirão Preto-USP; Avenida
Bandeirantes, nº. 3900.

Fone: (16) 3602 3405.

APÊNDICE F — TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA O PARTICIPANTE MAIOR DE 18 ANOS

1/2

Meu nome é Daniela Borges Bittar e sou aluna de pós-graduação, nível Doutorado, da Escola de Enfermagem da USP de Ribeirão Preto e tenho como orientadora a Prof^a. Dr^a. Ana Márcia Spanó Nakano. Gostaria de convidá-lo(a) a participar da pesquisa do meu Doutorado chamada **“A violência de gênero nas relações afetivas do namoro entre adolescentes e a rede de apoio social”**, que tem como objetivo compreender a opinião dos adolescentes sobre o namoro e suas situações de conflito, bem como a participação das pessoas próximas a você para ajudar a resolver e enfrentar esses conflitos.

Esta pesquisa poderá contribuir para o desenvolvimento de programas de prevenção à violência doméstica, assim como nos dará um importante conhecimento para prevenir a violência conjugal, em um momento em que ela pode estar sendo construída. Você pode se beneficiar pela possibilidade de discussão, debate e aprendizagem sobre o tema da violência no namoro, pois participaremos de espaços criativos de conversa e troca de informações entre os adolescentes. Você não receberá gratificações por participar da pesquisa.

Ela será realizada através de entrevista individual e em grupo com os participantes. Iremos no encontrar duas vezes em uma sala reservada da escola, com duração de aproximadamente uma hora cada encontro, em caráter voluntário. As conversas serão gravadas, sem identificação dos participantes, garantindo o anonimato e não haverá despesas por participar da pesquisa.

Esclarecemos que, participando dessa pesquisa, você pode lembrar-se de fatos desagradáveis, experiências ruins que podem ter ocorrido em sua vida, podendo haver prejuízo emocional. Assim, me coloco disponível quanto à orientação e acompanhamento para a busca de apoio profissional (médico ou psicológico) da rede pública de saúde de Ribeirão Preto, da qual faço parte, caso seja necessário. Esclareço, ainda, a garantia de indenização na ocorrência de danos relacionados à pesquisa por parte da pesquisadora e das instituições envolvidas, conforme as leis vigentes no país e informo que esse termo de assentimento é elaborado em duas vias, assinadas por mim e pelo participante, sendo que uma delas ficará com você.

Os resultados da pesquisa poderão ser divulgados publicamente em eventos científicos, na mídia, revistas científicas ou similares. A mesma foi submetida ao Comitê de Ética da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, que é responsável por acompanhar as pesquisas até sua a finalização e publicação, colaborando para seu desenvolvimento ético e respeitando os valores humanos.

Pelo presente consentimento, declaro que fui informado(a), de forma clara e detalhada dos objetivos, da justificativa, dos procedimentos a que serei submetido(a) e dos benefícios do presente estudo. Fui igualmente informado(a):

1. Do direito de receber resposta a qualquer pergunta ou dúvida sobre essa pesquisa, bem como os assuntos relacionados à investigação;
2. Da liberdade de retirar meu consentimento a qualquer momento e de deixar de participar do estudo sem que me lhe traga prejuízos;
3. Do direito de não ser identificada minha identidade e de ter minha privacidade preservada.

Declaro que tenho conhecimento dos direitos acima descritos e participarei das atividades elaboradas pela pesquisadora que assina esse termo de assentimento.

Ribeirão Preto, _____, de _____ de 20_____.

Participante

Pesquisadora

Contato do Comitê de Ética

Endereço: Escola de Enfermagem de
Ribeirão Preto-USP
Avenida Bandeirantes, nº. 3900.
Fone – 36023386. Funcionamento: de
segunda à sexta-feira, das 8 às 17 horas).

Contato da pesquisadora

Daniela Borges Bittar
Endereço: Escola de Enfermagem de
Ribeirão Preto-USP; Avenida
Bandeirantes, nº. 3900.
Fone: (16) 3602 3405.

Anexos

ANEXOS

ANEXO A — Declaração à instituição co-participante

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
 ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO – EERP/USP
 Centro Colaborador da OMS para o Desenvolvimento da Pesquisa em Enfermagem
 Departamento Enfermagem Materno-infantil e Saúde Pública
 Campus de Ribeirão Preto

DECLARAÇÃO À INSTITUIÇÃO CO-PARTICIPANTE

Ribeirão Preto, 27 de junho de 20 13.

Ao Ilmo. Sr. Jorge Lemasson Azêmu
 Diretor da Escola Estadual Otoniel Mota de Ribeirão Preto/SP

Venho, por meio desta, encaminhar meu Projeto de Pesquisa apresentado ao Programa de Pós-graduação, nível Doutorado, do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública da EERP/USP, intitulado **“A construção da violência de gênero nas relações afetivas do namoro entre adolescentes e a rede de apoio social”**, para que possa conceder-me sua apreciação e manifestação como responsável da Escola Estadual Otoniel Mota.

Tal projeto será desenvolvido como tese a ser apresentada para obtenção do título de Doutor (a) em Ciências pela EERP/USP. Esta solicitação se faz necessária uma vez que a investigação envolverá os indivíduos/adolescentes estudantes dessa escola.

Trata-se de um estudo que tem por objetivo compreender como os adolescentes namorados significam suas relações afetivas e situações de conflito, bem como a participação da rede de apoio social no enfrentamento dos conflitos na relação.

Os potenciais participantes serão os adolescentes de 15 a 19 anos, de ambos os sexos, estudantes do 2º ano do Ensino Médio. Os dados serão coletados na própria escola, pela pesquisadora principal, através de entrevista individual e em grupo — conforme a autorização dos pais e dos adolescentes.

Gostaria de salientar que este projeto deverá ser encaminhado, após sua apreciação e concordância, à Diretoria de Ensino de Ribeirão Preto e ao Comitê de Ética da EERP/USP.

Atenciosamente,

Daniela Borges Bittar
 Me. Daniela Borges Bittar
 Enfermeira da Pref. Ribeirão Preto/SP
 Doutoranda da EERP-USP

Declaro ter lido o projeto da Doutoranda Daniela Borges Bittar e concordar com a realização dessa pesquisa na Escola Estadual Otoniel Mota. Essa instituição está ciente de suas co-responsabilidades como instituição co-participante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infra-estrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Prof. Ms. Jorge Lemasson Azêmu
 Assinatura e carimbo do responsável institucional

Prof. Ms. Jorge Lemasson Azêmu
 RG 17.203.920
 Diretor de Escola

ANEXO B — Autorização da Diretoria de Ensino da Região de Ribeirão Preto para a pesquisa

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
DIRETORIA DE ENSINO - REGIÃO DE RIBEIRÃO PRETO
Avenida Nove de Julho, 378, Sumaré – Ribeirão Preto-SP – F. 3519-3910

Registro: G: 2636/1073/2013

Interessada: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, EERP/USP

Assunto: Solicitação de autorização para pesquisa na E. E. *Otoniel Mota*, Daniela Borges Bittar

DESPACHO DA DIRIGENTE REGIONAL DE ENSINO

Esta Diretoria Regional de Ensino não se opõe ao requerimento em tela.

Ressalte-se, porém, que a autorização para a realização de pesquisas na rede estadual de ensino deve ser solicitada ao respectivo Conselho de Escola.

No projeto, devem estar claramente expressas: a permissão do Comitê de Ética da instituição proponente; a liberdade dos alunos quanto à participação; a não ocorrência de prejuízo às aulas e aos professores; e a responsabilidade do pesquisador por todos os atos e procedimentos relacionados a essa pesquisa que ocorram no interior da escola ou que repercutam sobre a mesma.

Ribeirão Preto, 11 de julho de 2013.

Assinatura manuscrita em rosinha de Maria Cleuza Trovo Pazim.

Maria Cleuza Trovo Pazim
RG 4.867.710
Dirigente Regional de Ensino Substituta

ANEXO C — Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa

ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Centro Colaborador da Organização Mundial da Saúde para o Desenvolvimento da Pesquisa em Enfermagem

Avenida Bandeirantes, 3900 - Ribeirão Preto - São Paulo - Brasil - CEP: 14040-902 - Fone: 55 16 3602.3382 - 55 16 3602.3381 - Fax: 55 16 3022.0518
www.eerp.usp.br - eerp@eerp.usp.br

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA EERP/USP

Of. CEP-EERP/USP – 312/2013

Ribeirão Preto, 18 de Dezembro de 2013.

Prezada Senhora,

Comunicamos que o projeto de pesquisa, abaixo especificado, foi analisado e considerado **APROVADO** pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, em sua 173ª Reunião Ordinária, realizada em 18 de dezembro de 2013.

Protocolo CAAE: 22809913.0.0000.5393

Projeto: A violência de gênero nas relações afetivas do namoro entre adolescentes e a rede de apoio social.

Pesquisadores: Ana Márcia Spanó Nakano
Daniela Borges Bittar

Em atendimento à Resolução 466/12, deverá ser encaminhado ao CEP o relatório final da pesquisa e a publicação de seus resultados, para acompanhamento, bem como comunicada qualquer intercorrência ou a sua interrupção.

Atenciosamente,

Prof. Dr. Claudia Benedita dos Santos
Coordenadora do CEP-EERP/USP

Ilma. Sra.

Profa. Dra. Ana Márcia Spanó Nakano

Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública
Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP